



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Cinema, Diversidade e Educação Infantil
Possibilidades pedagógicas do filme em uma escola de educação
infantil

Ana Carolina Resende Leite

Brasília, 2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Ana Carolina Resende Leite

Cinema, Diversidade e Educação Infantil
Possibilidades pedagógicas do filme em uma escola de educação
infantil

Monografia apresentada como requisito
para obtenção do título de licenciada em
Pedagogia, à comissão examinadora da
Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília, sob a
orientação da Professora Doutora Marly
de Jesus Silveira.

Brasília, 2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Ana Carolina Resende Leite

Cinema, Diversidade e Educação Infantil
Possibilidades pedagógicas do filme em uma escola de educação
infantil

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Marly de Jesus Silveira
Faculdade de Educação - UnB

Professora Mestre Maria Ângela dos Reis Tanno
Faculdade de Educação- UnB - UAB

Professora Doutoranda Edileuza Penha de Souza
Faculdade de Educação- UnB

Profa. Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz
Faculdade de Educação- UnB

Brasília, 2013

Dedicatória

Às pessoas que anseiam por uma
transformação do mundo, e que acreditam que
por meio da educação isso é possível.
Às pessoas que lutam dia após dia por uma
sociedade mais justa, negando as
superficialidades e as desigualdades.
Relacionando-se harmoniosamente com as
pessoas e o meio.

Agradecimento

Agradeço, primeiramente, à minha família por sempre me apoiar, por estar sempre presente, por me acompanhar em minha caminhada desde os primeiros passos em terras estrangeiras até o dia de hoje, quando concluo minha graduação e começo a dar os meus primeiros passos na vida profissional.

Agradeço à minha Orientadora, Marly, por acompanhar o desenvolvimento do meu trabalho, me oferecendo inúmeros materiais de apoio, como também o seu cuidado em todos os momentos de correção e orientação. Agradeço à escola Jardim de Infância 106 norte pela acolhida, à diretora, às professoras e aos alunos. Sem eles não seria possível realizar este trabalho.

Agradeço à Universidade de Brasília e à Faculdade de Educação, colegas e professores, pelo convívio harmonioso e pela aprendizagem obtida na minha trajetória acadêmica.

Agradeço aos amigos que estiveram presentes nesse momento importante, como também em todo o meu tempo de universidade. Todas essas relações contribuíram e contribuem para a minha formação pessoal e profissional.

Resumo

LEITE, ANA CAROLINA R. Cinema, diversidade e educação infantil: possibilidades pedagógicas do filme em uma escola de educação infantil. Brasília - DF, Universidade de Brasília - Faculdade de Educação, 2013

O presente trabalho realizou um estudo sobre o potencial do uso de filmes em sala de aula e a contribuição deste recurso na aprendizagem das crianças sobre determinados conteúdos, especialmente, na construção ou mudanças de pensamentos relacionados às ideias sobre as diferenças humanas. Há uma necessidade de incluir o Cinema como um recurso didático apoiando as práticas escolares de forma consciente e relacionada aos conteúdos escolares. Como também mostrou-se imperativa a inclusão dos conhecimentos relacionados às diversidades culturais e o entendimento das diferenças humanas na educação infantil. Foram feitas oficinas com crianças de 5 anos de uma Escola Pública de Brasília tendo como recurso pedagógico principal o filme, como introdução e ilustração das culturas africanas. O filme foi muito bem recebido pelas crianças e foi avaliado o impacto positivo na aprendizagem dessas crianças.

Palavras chave: educação infantil, cinema e educação, diversidade no cinema, educar para a igualdade social.

Sumário

Introdução.....	8
Justificativa.....	13
Passos Metodológicos	18
Capítulo 1 - O cinema e a educação considerando a diversidade	25
1.1 A história do cinema e do cinema educativo	25
1.2 O cinema na escola	28
1.3 A diversidade no cinema	32
1.3.1 Filmes para a sala de aula.....	36
Capítulo 2 - A criança e a educação infantil para a igualdade na diversidade	42
2.1 Criança invisível durante a história	42
2.1.1 Mudanças na concepção de criança e de infância	45
2.2 O papel da escola na formação da criança visando a diversidade e a igualdade social..	50
2.3 Práticas escolares visando a igualdade social.....	55
Capítulo 3 - Observação e oficina de cinema.....	57
3.1 A Escola.....	57
A turma Amarela	59
Notas sobre a escola e o vídeo	61
3.2 Observações da Rotina e Procedimentos.....	63
Conhecendo a Escola e a turma.....	63
O dia do filme promissor, mas não tão bem aproveitado.....	66
O dia dos aniversariantes e dos mais altos	69
O diferente choca	71
Existe preconceito e discriminação na escola?	74
3.3 Oficinas.....	76
Capítulo 4 - Análise dos Resultados	84
4.1 Análises da dramatização e dos desenhos	84
4.2 Análise da conversa com os alunos	86
4.3 Análise das oficinas	90
4.4 Análise dos questionários	92
Considerações Finais.....	101
Referências Bibliográficas e Fílmicas.....	107
Apêndice.....	110

Através dos filmes viajamos, conhecemos e nos familiarizamos com outros cotidianos. Visualizamos modos de vida, costumes e possíveis construções de identidades. O cinema nos dá acesso à experiência da alteridade, revelando costumes e cenários nunca antes visitados. Os filmes nos revelam as sociedades em suas diversidades, gerando perplexidades e permitindo que nos olhemos de outra maneira. Em outras palavras, ver filmes, discuti-los, interpretá-los é uma via para ultrapassar as nossas arraigadas posturas etnocêntricas e avaliações preconceituosas, construindo um conhecimento descentrado e escapando às posturas “naturalizantes” do senso comum. Ver filmes, ler e falar sobre eles nos conduz a imaginar outras formas de sociabilidade e socialização, assim como a nos interrogar sobre outras relações entre os indivíduos e a sociedade (TEIXEIRA; LOPES, 2006, p.8).

Introdução

O presente trabalho trata da utilização de filmes como recursos didáticos na sala de aula com o objetivo de trabalhar na educação infantil o conhecimento sobre a diversidade humana e cultural presente em filmes e no cotidiano da escola.

Como suporte às atividades, buscou-se bibliografias que tratam do cinema como recurso pedagógico de apoio ao ensino e aprendizagem dentro da sala de aula, desde a educação infantil. Entende-se a diversidade nas esferas de gênero, raça e etnia, ou seja, a diversidade produzida na sociedade e presente na escola. Em suma, o presente trabalho busca explorar o uso de filmes como apoio no trabalho de discussão e entendimento dessa diversidade na educação infantil. Contextualizo essa opção temática a partir de um fragmento da minha história de vida, escrita no Memorial apresentado no Seminário de Projeto Final do Curso de Pedagogia. Eu nasci em Brasília em 31 de maio de 1990. Meus pais, à época, estavam cursando doutorado na Grã-Bretanha e a família se mudou para a cidade de Bangor, no País de Gales. Eu tinha nove meses de idade e permaneci lá até meus quatro anos e meio. Não fui alfabetizada em inglês, mas foi a primeira língua que aprendi e não falava português durante minha estada em Bangor. Quando retornei ao Brasil, tive que aprender o português no convívio com familiares e na escola. Não tive dificuldades em me adaptar ao Brasil. Pelo menos acredito que não, pois não tenho muitas lembranças de minha vida antes dos meus sete ou oito anos, o que me entristece, pois acredito que foi uma experiência ímpar. Interessante apontar que é a partir do nascimento de minha única irmã, em 20 de janeiro de 1997, que tenho lembranças da minha infância. Minhas memórias são acompanhadas dela ou apenas a partir de seu nascimento.

Dos nove meses aos 4,5 anos de idade frequentei creches na cidade de Bangor. Fiz o Ensino fundamental, na sua quase totalidade (no primeiro ano frequentei a Escola Anjo da Guarda) no Centro de Ensino Candaguinho, no bairro Sudoeste, em Brasília, onde moro desde os seis anos de idade. Dos 4,5 aos seis morei em Taguatinga-DF. Tive boas experiências e contato com professores muito bons, outros foram medianos. No segundo grau fui para o Colégio Galois, escolha dos meus pais.

Quando estava na metade do primeiro ano do segundo grau, mudamos para a Austrália e lá moramos por um ano enquanto meus pais cursavam o Pós-Doutorado. Primeiramente não gostei da ideia, fiquei com medo de me mudar, perder amigos, e não conseguir me adaptar bem. Eu fazia curso de inglês desde os doze anos, mas mesmo assim me sentia insegura. Porém, com quinze anos de idade, ao chegar à cidade de Brisbane, conheci

muitas pessoas novas, estrangeiros e brasileiros. Percebi que o inglês era realmente diferente dos cursos. No primeiro mês sofri um choque, mas depois fui me acostumando e me sentindo mais segura, principalmente, nos últimos seis meses quando me mudei para outra escola onde não haviam brasileiros e me vi forçada a me comunicar apenas em inglês, o que foi muito bom para que eu atingisse a fluência na língua.

Essa experiência foi de grande importância para que eu percebesse a grandiosidade do mundo e de tudo o que ele pode oferecer. Tive a oportunidade de conhecer pessoas de inúmeros países, Japão, China, Indonésia e também muitos australianos. Conheci pessoas de diferentes religiões, por vezes causando estranhamento e discussões, mas serviu para que eu enxergasse além do que considerava como único ou como correto. Foi uma experiência que faz de mim hoje, uma pessoa que tem vontade de conhecer vários lugares do mundo, outras culturas, línguas e pessoas. Ao fim do meu período na Austrália fiz grandes amigos, principalmente, australianos e brasileiros, com os quais tenho contato até hoje.

Após um ano fora, voltei para o Brasil e para o Colégio Galois. Nessa época começaram as preocupações com a profissão e carreira. Que curso deveria fazer na UnB? Sinto uma grande atração pelas artes, teatro, cinema. Resolvi prestar o vestibular para comunicação social. Não passei. No cursinho pré-vestibular, fiz uma grande amizade com uma menina que fazia Pedagogia na UnB, mas cujo sonho era cursar desenho industrial. Não havia pensado antes no Curso de Pedagogia, mas pensei em como gosto de crianças, e me animei a fazer o vestibular. Passei! Foi uma alegria! Estava em um curso na UnB! Era o que meus pais esperavam.

No primeiro semestre de 2009, comecei o Curso de Pedagogia. Foi um semestre muito bom, conheci muitas pessoas, fiz novas amizades e me sentia muito bem no curso. Ainda não dava muita importância às matérias, mas gostava de ir às aulas, de almoçar no RU e passar o dia na UnB, conversando com os amigos nos intervalos das aulas.

Nesse mesmo semestre entrei para uma oficina de teatro para iniciantes. Foi aí que vivenciei minha paixão, o teatro. Atuar, estar nos palcos, entrar no personagem, a adrenalina de estar na frente das pessoas e dar o melhor de mim era uma sensação muito boa e eu não queria largar. Ao terminar um espetáculo já queria estar fazendo parte de outro. No segundo semestre fiz estágio na área de reforço escolar. Em 2009 me dediquei ao teatro e à Pedagogia. No fim daquele ano me sentia confusa. Não sabia se deveria ou não continuar no Curso de Pedagogia ou ir para o curso de Artes Cênicas. No início de 2010, meu pai foi para a Universidade da Flórida, em Miami-EUA, para realizar pós-doutorado. Decidi acompanhar meu pai e trancar o Curso de Pedagogia por seis meses.

Em Miami me matriculei em um curso de inglês e em um curso de fotografia. Foi mais uma vez uma experiência muito gratificante. Conheci muitas pessoas diferentes e tive ótimas experiências. Mais uma vez, vi a importância de conhecer o mundo e o que ele pode nos proporcionar. Conheci pessoas da Itália, França, Suíça, Alemanha, Filipinas e quase nenhum americano. Não conheci apenas as pessoas, mas também um pouco sobre seus costumes, sua língua e sua história. Morei em Miami cinco meses. Decidi voltar para continuar o curso de Pedagogia. O período que fiquei fora coincidiu exatamente com a greve da UnB. Não precisei trancar o semestre. Em meu retorno, decidi também fazer o curso de cinema.

No segundo semestre de 2010, estava fazendo Pedagogia na UnB, Cinema no IESB, estágio na MapleBear e oficina de teatro. Em 2011, não fiz teatro, pois fui cada vez mais focando na Pedagogia, em estágios supervisionados e matérias. Meu interesse pela Pedagogia foi aumentando à medida que fui amadurecendo e percebendo a importância do curso e o seu objeto, a educação. A educação é a base de tudo! O que nos desaponta Brasil afora tem forte relação com a educação de seu povo, com a percepção que se tem do profissional da área e como o Estado gere as suas políticas no País.

O que contribuiu para uma percepção melhor da importância da área foram as discussões e as práticas nos estágios supervisionados, bem como nas disciplinas de final de curso. A desvalorização da profissão e a necessidade de mudanças são temas recorrentes em várias disciplinas.

É triste ver como a profissão do professor é desvalorizada e desrespeitada, e como a educação em seu todo é desvalorizada pelos governos locais e estaduais. Quando voltamos nosso olhar para outros países, onde há valorização da educação e de seus profissionais, é notável a diferença na qualidade de vida das pessoas. Lamentavelmente, tive uma experiência que me deixou muito desmotivada. Quando fiz meu estágio no segundo semestre de 2011, tive contato com uma professora que odiava sala de aula. Fiquei chocada com suas atitudes em sala de aula e ainda me sinto mal pelos alunos que passaram e passarão por suas mãos.

O Curso de Pedagogia faz parte da minha história de vida, do meu desenvolvimento, da percepção que tenho do processo de aprendizagem, do papel da educação para o indivíduo e para a sociedade. Aprendi a respeitar as diferenças e a compreender que todos têm direito à educação. O bem estar coletivo, a percepção da importância da educação para o indivíduo, para o país e para o mundo, e que somente com a educação podemos avançar, deparei da convivência com os professores e colegas do Curso de Pedagogia.

Parafraseando Paulo Freire, a educação não transforma o mundo, a educação muda as pessoas, e as pessoas transformam o mundo. Compreender isso proporciona uma forma diferente de ver o mundo e uma vontade de buscar sempre meu crescimento pessoal, intelectual, mental e, conseqüentemente, o bem estar daqueles que estão ao meu redor.

No momento, a área de estudo e de trabalho que mais tem me atraído é a que trata da relação entre cinema, teatro e educação. Devido ao meu interesse pela arte, a possibilidade de junção da arte com a educação, acredito me tornará uma pessoa mais realizada profissionalmente, pois a “arte-educação” é muito rica e motivadora. Ela pode sensibilizar muito mais os alunos e professores, aumentar o interesse de ambos pelo tema em destaque, contribuir para uma discussão mais viva, além de ser algo diferente e de certa forma novo para muitas escolas públicas, principalmente.

O audiovisual na educação é o tema em discussão na minha monografia. Esse trabalho tem um significado muito importante para mim. Creio que a utilização do audiovisual na educação apresenta um imenso potencial de proporcionar mudanças, de agregação e de socialização de temas diversos, por vezes polêmicos. O Curso de Pedagogia deixou suas marcas em minha forma de ser e vem contribuindo de forma positiva em minhas atitudes, pois proporcionou amadurecimento e aumento de consciência sobre a importância das relações entre o seres humanos. Sem essas relações não há educação.

A dedicação a essa pesquisa está relacionada aos meus interesses e com parte da história de minha vida e minhas experiências, como o contato com variadas culturas, tanto quanto alguns questionamentos que surgiram no decorrer do curso de Pedagogia. Alguns deles são:

-Como o cinema pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos na educação infantil?

-É possível utilizar o filme como base para apresentação de um tema para esse público?

-O uso de filmes é efetivo no processo de ensino-aprendizagem?

-Qual a melhor forma de trabalhar a diversidade na educação infantil?

-O filme apresenta potencial como ferramenta de auxílio na discussão da diversidade na educação infantil pública de Brasília?

Essas são algumas questões norteadoras para o trabalho. Na primeira parte do trabalho tem como foco desenvolver um estudo que fundamente conceitualmente a relação entre cinema, ensino e a diversidade nos universos das infâncias. Na segunda parte a pesquisa de campo dedica-se a avaliar o impacto do cinema em alunos da educação infantil e como

esse recurso pode contribuir para a compreensão e aceitação das diferenças, proporcionando oportunidades para discussões sobre o tema, bem como sugestões de procedimentos em diálogos com as professoras.

Justificativa

A importância de se realizar uma pesquisa voltada a estudar o cinema e a diversidade na educação infantil está na constatação da existência de poucas pesquisas sobre o tema, principalmente, sobre utilização do cinema na escola.

O recurso cinema na educação tem sido pouco explorado pelos educadores brasileiros, enquanto que em outros países, principalmente, no contexto europeu, a prática da utilização de filmes como ferramenta pedagógica está consolidada. No Brasil, essa prática ainda está longe de ser reconhecida e o filme é utilizado como mero recurso audiovisual, com enfoque para o entretenimento. Utilizar um filme para fazer um trabalho mais aprofundado sobre determinado tema não é o usual. O potencial do uso de filmes como recurso pedagógico é muito pouco conhecido.

Isso acontece porque a escola de hoje em dia ainda se assemelha muito à escola do século passado. E essa escola tradicional deve ser confrontada e deve sofrer transformações. Os alunos precisam ser mais ativos, participativos, interessados e engajados. Os professores precisam ter maior liberdade na regência das aulas, na utilização de novos recursos pedagógicos e devem auxiliar sempre na emancipação do aluno. É preciso fugir do modelo onde o aluno é apenas o ouvinte e o professor o detentor de todo o conhecimento, despejando assim todo os conteúdos de acordo com o currículo imposto. Esse tipo de ensino deve ser problematizado, pois o que a escola precisa ter é um aluno pensante e pesquisador.

O aluno que é ativo busca resolver suas dúvidas por meio de pesquisas e da socialização de conhecimentos e experiências. Demo conceitua pesquisa como sendo o “processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como princípio educativo que é, na base de qualquer proposta emancipatória” (DEMO, 1991, p.16). Para uma sociedade que precisa de transformações, é de fundamental importância incentivar o aluno a ser mais proativo e, com motivação e informação, ele terá maior autonomia, e se isso for uma constante em sua vida, esse indivíduo será um cidadão melhor para a sociedade.

Para incitar o aluno a ser mais participativo, é preciso que a escola e o professor introduzam meios e práticas inovadoras dentro e fora da sala de aula. É necessário que a escola se modernize, perceba as novas tendências e acompanhe essas evoluções. Novas formas de linguagens devem ser inseridas no contexto escolar. O uso do cinema pode auxiliar de forma significativa no aprendizado dos conteúdos curriculares de uma forma mais dinâmica e interessante para os alunos, além de poder abordar conhecimentos gerais,

desenvolver leituras diferenciadas, impulsionar debates variados sobre as diversas temáticas que um filme pode proporcionar.

O cinema tem o poder de transformar o indivíduo, podendo provocar mudanças nas formas de pensar, agir e olhar o mundo, pois oferece oportunidades para comunicar e expressar os sentimentos de outras maneiras. O cinema tem o poder de integrar, informar, educar, além de entreter. Gera conhecimento a partir de algo que é visto pelo aluno como divertido e de certa forma novo, pois está sendo abordado de forma diferenciada. Envolve toda a sala, a escola e, dependendo de como usado, a comunidade. Além de ser uma oportunidade de trabalhar com arte e trazer informações sobre diferentes culturas para dentro da sala de aula.

A utilização do cinema na educação é

...importante porque traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados ... (ALMEIDA, 2001, p.48)

A escola, como participante ativa, como mediadora da transmissão da cultura, deve também acolher e ensinar sobre as variadas culturas. Ao trazê-las para dentro das atividades curriculares, para o contexto do aluno, dando assim o devido espaço para a tamanha diversidade existente no mundo, proporciona um entendimento maior desse mundo. As crianças desde muito pequenas podem conhecer e aprender a respeitar a existência das diferentes etnias, culturas, costumes e povos do mundo.

Ao introduzir às crianças esse novo conhecimento, pode-se auxiliar na construção de um indivíduo mais completo, conhecedor e aberto às diferenças. Isso faz com que elas respeitem o outro, pois entendem que cada um tem sua origem, seus costumes e é cidadão do mundo, com direitos e deveres como qualquer outro ser humano participante da sociedade. A criança pequena ao entender isso tem mais chance de crescer com uma consciência e um entendimento maior sobre a diversidade, evitando assim, o preconceito existente nas escolas e demais espaços e meios da sociedade. Para melhor compreensão deste outro, Teixeira e Lopes elucidam este tema.

A diferença cultural é de grande importância na questão do “outro”. Desde tempos imemoriais, as pessoas se consideravam como “o povo” e todo o resto como “os outros”. Com o passar do tempo, o “outro” passou a referir-se às questões de ser e não ser e a diferenças culturais relativas à língua, religião, status de civilização ou evolução, raça, etnia, nacionalidade, gênero, classe, desenvolvimento, ideologia, idade e assim por diante, sendo todos esses fatores básicos para a construção das fronteiras da comunidade (TEIXEIRA e LOPES, 2006, p.19)

E ainda complementam

Nessa problemática destaca-se a questão étnica, particularmente importante nas sociedades modernas. Com efeito, o “renascimento étnico”, como é às vezes chamado, parece ter tomado o lugar da condição social como forma principal de segregação na sociedade moderna e se tornando a fonte mais fundamental de estratificação. (TEIXEIRA e LOPES, 2006, p.19)

Entender a necessidade de evitar essa estratificação social, é um dos pontos norteadores dessa pesquisa. Entende-se que é a partir da separação da sociedade em grupos que apresentam características próprias, como os negros, as mulheres, os pobres, os indígenas, entre outros, que se assenta a construção social das diferenças e das desigualdades sociais. Geralmente, essas separações são muitas vezes hierarquizadas e vistas como desigualdades, na medida em que alguns grupos são considerados superiores e identificam os outros como inferiores. Isso se manifesta como um grande problema que está relacionado aos direitos desses grupos, que muitas vezes são desrespeitados quando não tidos como iguais nessas relações.

No Brasil, a acessibilidade para os próprios direitos não é igual para todos. No papel, todos têm direito à educação, saúde, trabalho e à cidadania. Mas na realidade acontece de outra forma, pessoas com bens materiais ou culturais tem mais direito aos próprios direitos e qualidade, enquanto outros que não possuem significativos bens materiais não recebem os direitos igualmente. Isso já mostra as diferenças sem se tratar de raça, gênero ou etnia. Quando as pessoas são desprovidas desses recursos e pertencentes dessas classes o preconceito sobre elas é maior ainda. Percebe-se uma injustiça e um descumprimento em relação aos direitos humanos. Vale ressaltar aqui um artigo da Declaração Universal do Direitos Humanos : “ Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem proceder uns em relação aos outros com espírito de fraternidade. (SILVA, 2007, p.138)

Há uma necessidade urgente de acabar com os preconceitos que estão na origem das desigualdades sociais relacionadas a raça, etnia, gênero, classe social e outras. Se começar a trabalhar isso desde a infância, na educação infantil, é possível que se consiga uma transformação na sociedade atual, que está marcada pelas desigualdades sociais. É preciso trazer para a educação infantil a noção de que as diferenças devem ser encaradas como positivas, como algo que acrescente e não algo faltante ou algo negativo, que é o pensamento do senso comum.

“As crianças precisam desde cedo construir uma nova visão sobre o mundo que superem os estereótipos e os preconceitos construídos pelo pensamento ocidental homogeneizador.” (MOTA, MACHADO, LIMA, 2010, p.2)

Com isso a defesa da utilização de filmes que abordam inúmeras temáticas é válida nesse quesito, desde o momento do planejamento do professor em relação a qual filme utilizar levando em consideração principal a sua sala de aula, os sujeitos destas, as relações que se dão entre eles, as complicações e o que está sendo pedido naquele contexto.

A escola ao trabalhar alguns desses meios, como o filme e a televisão, deve junto com a criança colocar certos padrões em questionamento, problematizando esse pensamento ocidental estereotipado, e introduzindo aos alunos novas fontes onde se tenha um pensamento diferenciado desse que corresponde ao entendimento de cultura, em vez de apenas retratá-la de forma superficial, provocando assim perpetuações e reproduções de ideias antigas e muitas vezes equivocadas.

Como um exemplo, em um caso na sala de aula que esteja ocorrendo situações de discriminação da raça negra e da religião candomblé, o professor pode trabalhar juntamente com outros meios, como livro didático, obras literárias, atividades lúdicas, um filme que trabalhe a temática do negro, podendo abordar a sua história, suas crenças, a situação ou o preconceito que este encontra no decorrer da vida. Isso pode fazer com que as crianças criem um sentimento e até mesmo uma identificação com aquele personagem. A partir disso, devem ser feitas atividades que busquem a conscientização daquela turma informando quanto ao tema, objetivando assim desconstruir o preconceito e as práticas discriminatórias existentes naquele contexto. Pela aprendizagem de conceitos científicos o estudante tem maiores possibilidades de sair das representações do senso comum e refletir com maior autonomia de pensamento sobre a realidade a sua volta.

Ao aproveitar as diversas informações que o filme concede, a escola propicia ao aluno novos conhecimentos, dando maior densidade qualitativa aos conhecimentos previstos no currículo e programados pelos professores. Os filmes quando bem escolhidos pelo professor são recursos que podem abrir novos mundos, e principalmente, as mentes dos que os assistem. Trabalhando com obras que abordem a diversidade, principalmente mostrando as culturas, ou seja, os costumes, as crenças, os conhecimentos históricos desses outros grupos, é possível tratar em sala essas diferenças, aprofundar o conhecimento das particularidades desses outros. Desenvolvendo nos alunos um sentimento de compreensão, por ser algo agora conhecido e não mais estranho a eles, perde-se aquela primeira reação de negação, e junto a ela, os preconceitos e pré-juízos, pois estes são desmistificados e dão lugar a aceitação e ao respeito.

Por isso é tão importante realizar uma pesquisa que visa esse casamento entre cinema e diversidade, pois quando o professor traz um filme que abranja esse tema, os alunos

irão ter a oportunidade de olhar para esse outro. Além de discutir e conhecer as culturas, histórias, povos presentes nos livros didáticos, literários, na televisão ou em qualquer outro meio com o qual a criança tenha contato, e que ajude a perceber as diferenças. Feito isso, devem encará-las como algo bom que agrega à sociedade, à cultura, ao indivíduo e ao grupo.

A criança tem oportunidade de mergulhar nesse novo universo, talvez estranhar, questionar, e finalmente, entender, compreender e atingir um conhecimento maior sobre a existência de um mundo diferente ao dela, se tornando uma pessoa livre de preconceitos que respeita cada um em suas singularidades. Para que isso aconteça é preciso muita informação e mediação de professores que devem trabalhar essas discussões nas aulas e com filmes que contextualizem esses temas. São práticas que envolvem um trabalho profundo e consciente trazendo esclarecimentos e incentivando a expressão das ideias das crianças referentes aos temas discutidos.

A partir desse entendimento geral, pretende-se conduzir uma pesquisa visando os seguinte objetivos:

Objetivo Geral:

- Realizar um estudo sobre o potencial do uso de filmes em sala de aula e a contribuição deste recurso na aprendizagem das crianças sobre determinados conteúdos, especialmente, na construção ou mudanças de pensamentos relacionados às ideias sobre as diferenças humanas.

Objetivos específicos:

- Levantar as informações e avaliar a percepção das professoras de uma escola pública de Brasília sobre o uso do cinema em sala de aula da educação infantil e como é realizado o trabalho na perspectiva da diversidade;
- Avaliar a reação dos alunos às atividades com filmes e a sua motivação em relação às atividades propostas numa oficina de cinema;
- Analisar a percepção das crianças quanto à diferença que existe no outro.

Passos Metodológicos

A concepção e desenvolvimento deste trabalho segue passos metodológicos orientados na abordagem qualitativa de pesquisa voltada para o conhecimento de aspectos processuais e movimentos internos dos fenômenos sociais. Com a pretensão de confirmar o estudo do tema em contatos e informações concretas sobre o cotidiano da educação infantil, a pesquisa bibliográfica e de filmes articula-se com um estudo de campo. Nessa orientação, a metodologia praticada na pesquisa consiste em leitura e análise de textos e filmes, observação da escola e da sala de aula, realização de oficinas pedagógicas, conversas com professoras e aplicação de questionários. Destaque-se que a escola de educação infantil foi escolhida pelo fato de incluir o filme em sua rotina semanal. Considerando esse critério e os procedimentos que permitem uma aproximação da realidade institucional de um estabelecimento de ensino, pode-se dizer que o estudo inspira-se no tipo de pesquisa conhecido como “estudo de caso”.

A observação foi escolhida e é pertinente nesse caso pela ideia de lidar com um grupo reduzido de sujeitos. É uma técnica de coleta de dados onde o observador precisa estudar o que foi visto e ouvido, refletir e relacionar com que foi estudado e o que deseja pesquisar. É uma forma básica de investigação científica, utilizada em pesquisas de campo qualitativas. A partir das observações o pesquisador pode identificar provas a respeito das condutas do grupo. Além de dar ao pesquisador a oportunidade de um contato direto com os sujeitos e com aquela realidade. A observação precisa de um olhar que não trata apenas da simples ação de observar, mas de registrar, ordenar e interpretar estes dados, para em seguida registrar pistas que possivelmente engendrem hipóteses. (REYES e MONTEIRO, 2010)

Para Reyes e Monteiro (2010), observar é usar os próprios sentidos intencionalmente para obter conhecimentos. Reforçam que é preciso tomar cuidado com os preconceitos para não contaminar a observação e suas análises, ou seja, a observação precisa ser controlada. Para isso o observador deve fazer extensos registros descritivos e usar métodos rigorosos para validar suas observações. Complementam que fotos e vídeos são outras formas de registros que podem ser válidas para ajudar o pesquisador em suas observações e análises.

Os autores apresentam alguns aspectos importantes para o observador incluir em seus registros, tais como, a reconstrução de diálogos, a descrição de locais, a descrição das atividades e os comportamentos dos sujeitos envolvidos nelas, e até mesmo o comportamento do próprio observador. Lembram que fotografias e gravações são importantes para

autenticidade da observação, pois adicionam informações e detalhes às anotações do diário de bordo e às reflexões do observador.

Visto isso é perceptível a aproximação da abordagem qualitativa aos objetivos da pesquisa, levando em consideração que ela possibilita informações mais detalhadas a partir do contato direto, das observações e vivências. Ao permitir uma variedade de instrumentos para ajudar na coleta de dados e nas análises favorecendo posteriormente reflexões mais livres dos acontecimentos, de acordo com os sujeitos envolvidos e a relação entre eles. A importância dada ao processo, para além dos resultados, também faz parte da identificação da autora deste trabalho com o processo de pesquisa e até mesmo de aprendizagem. Por isso a escolha dessa abordagem.

A opção pelo estudo de caso é facilitada graças ao conhecimento de uma escola que tem o filme inserido em suas práticas escolares. Sendo, portanto, um ambiente favorável para o desenvolvimento da pesquisa, para observação de como o filme tem sido utilizado nessa escola, onde, aparentemente, parece existir uma percepção positiva em relação à utilização de filmes e a inclusão deles em práticas escolares. Neste caso, sendo possível a observação da reação das crianças, bem como a percepção das professoras sobre a técnica. Sendo assim, as observações se basearam nas práticas referentes ao uso do filme em sala de aula em uma escola pública de Brasília que tem o filme inserido em sua rotina semanal. Também foram observadas as relações entre os alunos e a professora, a relação de todos com discussões sobre a diversidade e como foi abordado o tema em sala de aula. Foi também avaliada, durante o período de observação, a existência ou não de algum tipo de preconceito ou discriminação na sala de aula.

Como foco principal do estudo de caso estão as oficinas visando trabalhar as questões da diversidade do povo brasileiro, dando um enfoque maior à questão negra no Brasil, destacando as culturas africanas como um ramo das raízes da cultura brasileira. A discussão do tema em sala de aula foi apoiado na utilização de um livro infantil e um longa-metragem de animação que possuem componentes da cultura africana. As atividades foram divididas em duas oficinas realizadas em dois dias diferentes, consecutivos.

A escolha desse conteúdo tem forte influência da lei 10.639/2003, que determina a inclusão do estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura Afro-Brasileira e o negro na formação da sociedade nacional na educação básica.

Levando em consideração a importância de introduzir na educação infantil conhecimentos e informações de outras culturas, foi escolhida para essas oficinas um trabalho

inicial sobre as culturas africanas, tangenciando alguns pontos e características retratadas pelos recursos didáticos escolhidos.

Os roteiros das oficinas (APÊNDICE A) apresentam as atividades, o horário e o tempo determinado a cada uma delas. Esse é um roteiro guia que sofreu ajustes em função de imprevistos e alterações que foram realizadas para melhor aproveitamento dos espaços, recursos humanos e materiais disponíveis no momento de sua realização.

A primeira oficina foi composta de 4 momentos principais ou atividades. A primeira atividade consistiu no “cartaz da diversidade”. Aos alunos foram entregues revistas e foi solicitado o recorte de pessoas, sem nenhuma especificação. Foi uma atividade livre cujo objetivo foi observar o que os alunos fariam espontaneamente. Com base na discussão após a produção do cartaz, foi feita uma explanação sobre a diversidade cultural e das pessoas e a desigualdade social no Brasil e no mundo. As perguntas eram sobre porquê das diversidades, como elas são construídas desde a chegada de diferentes povos ao Brasil. Trazendo o foco para a presença da população negra no Brasil, sendo abordado o continente africano como também a vinda dos africanos ao Brasil na época da colonização, onde se estruturam alguns aspectos históricos da cultura afro-brasileira

Em seguida, utilizou-se a literatura infanto-juvenil para mediar a apresentação do tema. Foi contada a história *As tranças de Bintou*, de Sylviane Anna Diouf (Foto 1), que narra a história de Bintou uma menina africana que desejava ter tranças como as mulheres da aldeia. Porém, em função de uma tradição da aldeia, apenas mulheres podiam usar tranças e meninas deviam usar biotes (uma forma de amarrar os cabelos em pequenos coques). Por isso, Bintou não podia usar tranças. Inconformada, ela pergunta a sua avó porque não pode usar tranças. Sua avó conta uma história antiga de uma menina que preocupava-se apenas com a beleza e a vaidade, usava tranças e diversos adereços, contribuindo para que ela se tornasse uma pessoa egoísta e vaidosa, fazendo as outras meninas invejarem sua beleza. A partir de então, foi proibido que meninas usassem tranças, pois deveriam se preocupar em brincar, fazer amigos e aprender, importando-se com a beleza apenas quando mais velhas, ao atingirem a juventude.

Ao longo da história três acontecimentos são importantes para Bintou. Primeiramente, ela conhece uma brasileira que conta a ela que no Brasil as meninas podem usar tranças. Em seguida, o irmão de oito dias é apresentado ao resto da aldeia em um ritual onde raspam a sua cabeça, cantam músicas e comem juntos. E por último, um ponto de virada, ela é colocada a prova quando encontra dois amigos se afogando no rio. Sendo corajosa pega o atalho para chegar mais rápido à aldeia e pedir ajuda aos homens. Apesar do

atalho ser o caminho mais difícil, com pedras e plantas espinhosas, ela consegue chegar a tempo, e os homens resgatam os dois rapazes. Celebrada por toda a aldeia, concedem a ela a realização de um desejo. Sua família sabia que seu maior desejo era ter tranças. Decidem então realizá-lo no dia seguinte. Bintou, nesta mesma noite ao dormir, sonha com pássaros fazendo um ninho em seu cabelo. No dia seguinte, sua avó faz em seus cabelos birotos, e não tranças, enfeitados com penas de pássaros, tornando-os belos e especiais. A menina fica realizada e feliz com seus novos e únicos birotos.

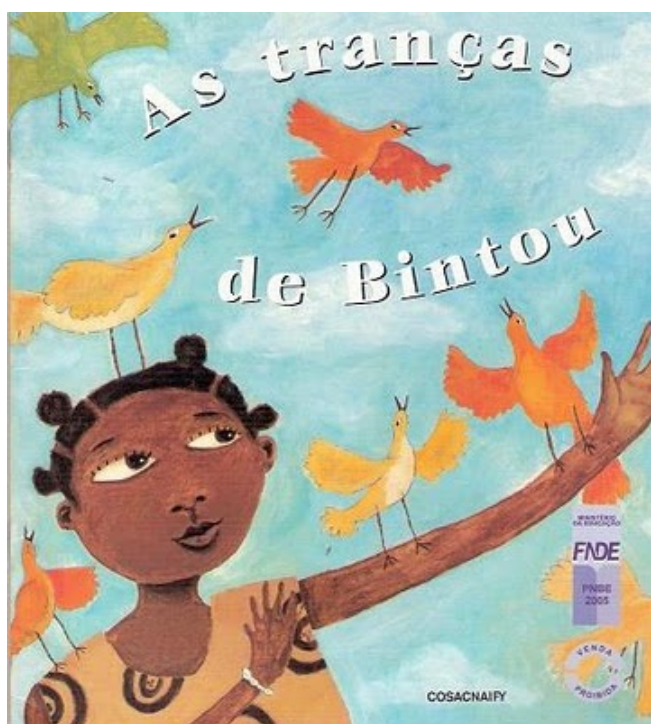


Foto 1. Capa do livro As tranças de Bintou de Sylviane Anna Diouf

A terceira atividade baseou-se na encenação pelas crianças da história de Bintou que foi filmada. Para filmar, foi necessário solicitar autorização dos pais. Foi enviado formulário de autorização para a residência dos alunos com uma semana de antecedência (APÊNDICE F). Para os alunos, cujas autorizações não foram preenchidas, foi solicitado um desenho que contasse parte da história. A encenação é uma boa forma de avaliar como os alunos compreendem a história, captar a sua visão dos personagens, dos acontecimentos, da história em geral. Além de possibilitar ver nos pequenos atitudes como liderança, paciência, capacidade de ouvir e aceitar as opiniões dos outros, foi observado como se portam em um trabalho de grupo, considerando que a maioria das atividades do dia a dia são feitas individualmente.

Como atividade alternativa utilizou-se a expressão pelo desenho, para cuja avaliação formulou-se algumas questões norteadoras pontuando: o uso das cores, a ambientação da história e a forma usada para retratar e colorir os personagens. O uso de cores é importante para evidenciar como lidam com os personagens negros, que geralmente não são enfatizados nem retratados nas histórias e nos desenhos para e pelas crianças. E por fim, a parte da história que a criança escolher desenhar permite observar que momentos do relato interessam mais as crianças e quais aspectos estão presentes, por exemplo: momentos de desafios, momentos de reconciliação, de amizade, ou um momento com algo diferente, novo para as crianças, entre outros.

A *segunda oficina* incluiu dois momentos. O primeiro foi a exibição do filme *Kiriku e a feiticeira* (Foto 2). A história faz parte do folclore africano, encenada pelo diretor e roteirista Michel Ocelot, que diz ter tido uma grande oportunidade de mostrar um pouco dos povos africanos e alguns de seus costumes e valores. No segundo momento, em uma conversa com os alunos, foram utilizadas perguntas que trataram do livro usado na primeira oficina, bem como sobre o filme usado na segunda oficina. O objetivo era verificar o que aprenderam, o que mais gostaram e perguntas mais específicas em relação ao continente e povos africanos, ao livro e ao filme.

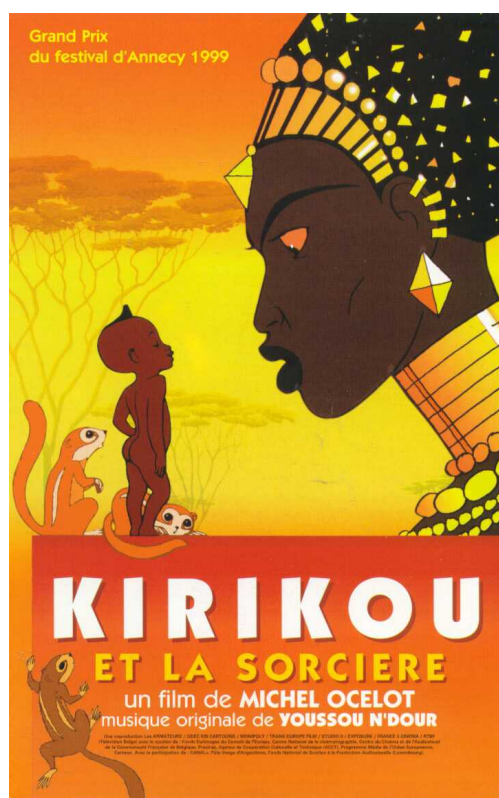


Foto 2. Capa do filme original franco-belga de 1998 dirigido por Miguel Ocelot

O filme conta uma lenda sobre um menino africano chamado Kiriku que ao nascer já fala, questiona sua mãe e quer ajudar a aldeia. O menino é questionador, inteligente e tem muita determinação. Ele vive em uma aldeia que é aterrorizada pela feiticeira Karabá com poderes sobrenaturais. Acreditavam que ela tinha secado a água e devorado os homens da aldeia, além de ter saqueado o ouro das mulheres. Por ser diferente, Kiriku é discriminado pelas outras crianças, não o aceitam em suas brincadeiras. As pessoas também o julgavam negativamente, dizendo que ele iria prejudicar a aldeia por causa de seus questionamentos e ações tomadas por sua curiosidade e coragem, como enfrentar Karabá. Culpam a mãe por não educá-lo corretamente. Diferentemente de todos da aldeia, Kiriku questiona a maldade de Karabá. Por causa de seus questionamentos, decide conhecer um pouco mais sobre a história da feiticeira. Nessa busca, ele acaba descobrindo e solucionando vários problemas da aldeia, como a falta de água e o desaparecimento dos homens. Além disso, ele consegue transformar Karabá em uma mulher normal, sem poderes sobrenaturais e livre de sofrimento e sede de vingança. Após estes atos heroicos ele se torna um homem adulto e guerreiro, respeitado por todos.

De acordo com Santos (2005), Michel Ocelot passou boa parte da infância na Guiné, onde conheceu o mito que apresenta no filme, embora ele tenha tido como base a cultura da Guiné, da África ocidental, é possível perceber elementos que vislumbram a visão de mundo e os conceitos de realidade da África na animação.

Ao fim dessas oficinas avalia-se o impacto do filme, como apoio pedagógico ao tema trabalhado. A experiência consiste em mostrar como o filme vinculado a introdução de alguns conhecimentos sobre uma cultura diferenciada das habituais representações conhecidas pelos alunos, pode contribuir na aprendizagem e respeito sobre outras formas de vidas, outros conhecimentos, sobre culturas e pessoas diferentes porém, com semelhanças ou similaridades entre si.

Foram elaborados e aplicados questionários junto as professoras da instituição para conhecer um pouco sobre a percepção das mesmas em relação a utilização de filmes em sala de aula, como também a forma que lidam com preconceitos e práticas discriminatórias, e o tratamento dado à temática das diversidades em suas aulas.

O questionário é uma técnica de investigação que por meio de perguntas apresentada às pessoas por escrito tem objetivo de conhecer suas opiniões, pontos de vista, crenças, sentimentos e situações vivenciadas (GIL, 2007). Como o este trabalho tem como

finalidade conhecer a prática e a visão das professoras sobre as temáticas em questão, esta técnica se faz necessária à pesquisa.

Foram feitos dois questionários (APÊNDICE D) para as professoras. O primeiro trata do uso do filme em sala de aula, contendo perguntas desde a opinião pessoal do filme como recurso pedagógico até o relato de filmes e atividades feitos em sala. O segundo é sobre a diversidade cultural dentro da sala de aula e como a professora lida com ela, e se está incluída em seus ensinamentos, como também questiona se durante a sua trajetória testemunhou práticas de discriminação.

Este trabalho se divide em três blocos. No primeiro bloco estão a *Introdução*, *Justificativa e a Metodologia*. No segundo bloco estão os resultados da *pesquisa bibliográfica (capítulos 1 e 2)* e a *pesquisa de campo (capítulos 3 e 4)*. No último bloco, se localizam as *Considerações finais*, *Referências Bibliográficas e Fílmicas* e, por fim, *Apêndices*.

Capítulo 1

O cinema e a educação considerando a diversidade

1.1 A história do cinema e do cinema educativo

O cinema tem uma história relativamente recente quando comparado às outras formas de artes, sendo que algumas datam deste a Antiguidade. O cinema surgiu em 1895, na França, com o invento do cinematógrafo pelos irmãos Auguste e Louis Lumière. A fotografia já havia sido inventada na metade desse mesmo século por Louis-Jacques Daguerre e Joseph Nicéphore Niepce, sendo a precursora da sétima arte: o Cinema. Existem algumas controvérsias quanto a quem realmente criou o cinema. Netto (2001) citando Rittaud-Hutinet fala que o invento dos irmãos Lumière é na realidade inspirado no quinetoscópio de Thomas Edison e Willian K.L. Dickson criado em 1891, ele destinava-se a uso individual, apenas uma pessoa, por vez, podia assistir a um curtíssimo filme, ou imagens em movimento. Por ser um invento muito grande não era de fácil locomoção. Os irmãos Lumière tiveram a ideia de fazer algo menor e que mais pessoas pudessem usufruir.

De acordo com Netto (2001), a maior parte dos filmes feitos naquela época se tratava de curtos filmes sobre o cotidiano, com caráter documental, como vistas de cidades e locais interessantes, pessoas famosas, o mar, os trens. Um dos primeiros filmes dos irmãos Lumière apresentados ao público foi o *L'arrivée d'un Train à La Ciotat*, um filme mudo de 50 segundos que mostra a entrada de um trem em uma estação na cidade francesa de La Ciotat.

O autor diz que o cinema no Brasil não tardou a chegar, primeiro no Rio de Janeiro, na época a capital do País, em julho de 1896, um ano após as primeiras projeções dos irmãos Lumière em Paris, e depois em outras cidades como São Paulo, Piracicaba, Campinas, Porto Alegre, entre outras. Os filmes da época não duravam muito e eram exibidos em salas improvisadas por algumas companhias ambulantes. Para este autor não era difícil pensar que os filmes primitivos de atualidades e documentários poderiam ser precursores do cinema educativo.

Netto (2001) conta que Adalberto Mário Ribeiro publicou um estudo em 1944 sobre o Instituto Nacional de Cinema Educativo, com sede no Rio de Janeiro, datando em 1910 a utilização pioneira do cinema servindo ao ensino com a criação da filmoteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Roquette-Pinto também teve grande contribuição no

cinema educativo, pois levou a Rondônia os primeiros filmes sobre os índios Nambiquaras. Pouco tempo depois, as fitas educativas se expandiram. Em 1929 o INCE- Instituto Nacional de Cinema Educativo foi idealizado, funcionando em 1937, “ com o objetivo de incentivar a produção e exibição de filmes que, fundados em temáticas exclusivamente nacionais, valorizassem a cultura brasileira” (DUARTE, 2009, p.29). O INCE era responsável pela produção, distribuição, projeção e divulgação do cinema educativo no Brasil. O INCE tinha 257 filmes produzidos pelo instituto e mais 308 produzidos no exterior, muitos circulavam tanto no Rio de Janeiro como em outras regiões do Brasil.

Para Morettin (1995), o cinema educativo foi discutido e defendido como um instrumento prestigioso de atuação sobre o social por diversos intelectuais e pedagogos paulistas e cariocas nos anos 1920 e 1930, como Manuel Bergstmm Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Edgar Roquete Pinto e Jonathas Serrano, entre outros. Destaca que o cinema educativo ganhou mais importância graças ao diretor da Instrução Pública no antigo Distrito Federal, Fernando de Azevedo, que assinou o decreto 2940, de 22 de novembro de 1928 que regulamentou o cinema educativo como auxiliar do professor.

As escolas de ensino primário, normal, doméstico e profissional, quando funcionarem em edifícios próprios, terão salas destinadas à instalação de aparelhos de projeção fixa e animada para fins meramente educativos. O cinema será utilizado exclusivamente como instrumento de educação e como auxiliar do ensino que facilite a ação do mestre sem substituí-lo. O cinema será utilizado sobretudo para ensino científico, geográfico, histórico e artístico. A projeção animada será aproveitada como aparelho de vulgarização e demonstração de conhecimentos, nos cursos populares noturnos e nos cursos de conferências ... A Diretoria Geral de Instrução Pública orientará e procurará desenvolver por todas as formas, e mediante a ação direta dos inspetores escolares, o movimento em favor do cinema educativo. (Decreto 2940, de 22 de novembro de 1928, SERRANO; VENÂNCIO FILHO, 1931, p. 12 apud BRUZZO, 2004, p.162/163)

Pode-se deduzir que a partir deste decreto o cinema educativo ganha uma maior relevância entendido como complemento das aulas, servindo para ilustrar o que não pode ser visto dentro da sala de aula, indo além dos muros da escola. Integrando as camadas mais populares, e ao incluir os cursos noturnos percebe-se uma preocupação com as camadas trabalhadoras, “como estratégias para a educação popular, capazes de atrair atenção das pessoas pouco familiarizadas com a escrita e a leitura.”(BRUZZO, 2004,p.163).

O cinema educativo dá uma nova guinada entre os anos de 1950 a 1969. Os anos 1960 foram muito positivos para o cinema educativo. O SRAV, Serviço de Recursos Audiovisuais, funcionou como um centro para tradução, adaptação e dublagem de vários vídeos educativos de fora do País, resultando em mais produtos para consulta e uso do cinema

educativo. *Em Telas que ensinam: mídia e aprendizagem do cinema ao computador*, Netto (2001) discorre sobre os anos 1960 e fala sobre uma grande contribuição de Ilka Brunhilde Laurito, educadora e poetisa, voltada ao cinema para crianças, que teve seu trabalho publicado pela Cinemateca Brasileira no caderno Cinema e Infância, de 1962. Ela fez uma cruzada em favor do cinema, da criança e da educação cinematográfica para o menor.

O autor fala sobre os anos 1980 e 1990 e como estes foram menos positivos para o cinema educativo. O INCE e SRAV, que foram muito fortes nos anos anteriores, nesses anos foram levados abaixo, com algumas poucas obras que sobrevivem ainda hoje. Os núcleos que antes eram intensos foram extintos. A partir desses anos, o cinema educativo sobrevive sob grandes dificuldades, gerando o que pode ser visto no País hoje, poucos trabalhos e práticas voltadas ao uso do cinema educativo. O mesmo autor traz dados importantes de uma pesquisa de Hoban Jr e Van Omer (1951), que fizeram uma revisão crítica da grande massa de pesquisas produzidas na primeira metade do século, sobre os filmes como meio de aprendizagem e ensino. Alguns pontos importantes a serem citados quanto aos resultados obtidos são:

1. O valor dos filmes: (A) As pessoas aprendem por meio dos filmes. (B) Quando filmes feitos e apropriados são usados de modo adequado, as pessoas aprendem mais em menos tempo e são capazes de reter o que aprenderam. (C) Os filmes educativos tendem a estimular outras atividades de aprendizagem. (D) Certos filmes facilitam o pensamento crítico e a solução de problemas. (E) Filmes apropriados são no mínimo equivalentes a um professor médio, e, às vezes, até mesmo um excelente professor, na extensão em que a função do professor é comunicar os fatos ou demonstrar os procedimentos mostrados no filme.(NETTO, 2001, p.83)

A partir dessa citação percebe-se que os filmes trazem resultados valiosos para o ensino. Cabe aos professores começarem a investir nesse recurso pedagógico que mostra resultados concretos, buscar incrementar suas aulas com essa tecnologia associada ao conteúdo curricular, proporcionando uma aprendizagem significativa para seus alunos. Vale ressaltar que de acordo com Napolitano (2009) qualquer filme pode ser utilizado na sala de aula como ferramenta pedagógica, se o professor tiver em mente os objetivos e metas que quer alcançar com o filme escolhido, como também precisa considerar não apenas a mensagem passada, mas igualmente a linguagem, a cultura e todo o conteúdo que aquele filme pode passar.

A seguir busca-se entender melhor como o cinema pode ser um recurso pedagógico útil na escola, como os estudantes se relacionam com ele, e a importância da mediação da escola na apropriação da linguagem cinematográfica.

1.2 O cinema na escola

O cinema proporciona uma experiência de diferentes sensações, olhares, emoções, o conhecimento de variados assuntos e temas por diferentes formas. É uma linguagem extremamente rica que envolve outras formas de expressão como a dança, o teatro, a música, artes plásticas. O cinema reúne várias formas de arte e traz um produto novo que está ali para ser vivido pelos espectadores. De acordo com Duarte (2009), a linguagem cinematográfica, diferentemente da linguagem escrita, é compreendida pelas pessoas de forma mais fácil, pois não é necessário ser aprendida, por estar ao alcance de todos. Mas é necessário ter um domínio sobre os sistemas significadores do cinema para se ter um maior aproveitamento do filme, ou seja, é necessário desenvolver no espectador uma competência para ver.

Não faz muito tempo que entendia-se o receptor como alguém que acolhia passivamente os conteúdos das mensagens transmitidas, e que tinha sua atividade intelectual inibida pela sutileza e complexidade dos filmes sobre ele, o espectador. Contudo, a partir dos anos 1980 começa o questionamento dessa concepção, colocando-se que o receptor é um sujeito social dotado de valores, crenças, saberes e que isso interage e interfere na significação da leitura do cinema. (DUARTE, 2009). A autora diz também que, como a relação cinema e espectador não é passiva, a partir dela pode-se, no ambiente cultural, criar significações. É importante que se trabalhe para que estas não sejam negativas, investindo no enriquecimento pela variedade das opções culturais e escolhas de filmes. Em vez de censurar apenas, ajudar a entender e fazer escolhas, o que é melhor para a formação do espectador crítico. Mostrar que filmes também ajudam a pessoa a pensar e analisar as realidades diversas.

É importante que o que as pessoas assistam seja significativo para elas e acrescente algo. Para isso é preciso trabalhar no sentido de formar um espectador crítico, conhecedor das significações e da narrativa cinematográficas. A partir disso percebe-se a necessidade de educar os alunos dentro da sala de aula para essas mídias que estão tão presentes no dia-a-dia. Ao introduzir o filme na sala de aula e fazer um trabalho sério a partir deles, os alunos terão uma experiência rica ao observar, discutir e expressar seus pontos de vista sobre determinada obra ou assunto. Quando este aluno estiver assistindo a um filme, ou alguma outra mídia, ele pode ser capaz de começar a perceber e julgar se aquilo que ele assiste esta sendo válido para ele ou não, conforme seu nível de exigência.

O filme traz parte da realidade para suas imagens em movimento gravadas em um determinado tempo sobre algum tempo ou tema, mas é também uma arte, uma opinião e uma

visão de um grande grupo que produz a obra. Logo, há uma necessidade de se trabalhar seus aspectos relevantes na sala de aula, não deve-se ater a totais verossimilhanças. Ele é um complemento à aula.

..ao professor cabe apropriar-se dessa linguagem que acontece sempre nessa tensão entre esses dois pontos de vista, entre o real e o fantasioso, entre a realidade e a ficção. Todo filme expressa sempre uma realidade possível ao homem, mesmo que construído como ficção e expressando o ponto de vista de um diretor. Mesmo os documentários, que procuram aproximar-se e apreender a realidade, a vida como ela é, apresentam sempre a visão de seu realizador. (COUTINHO, 2009,p.7)

Para Moran (1995), a utilização do vídeo na sala de aula serve para introduzir um novo assunto. E dessa maneira, por ser uma forma diferente acaba despertando a curiosidade dos alunos e a motivação para conhecerem novos temas, e assim, despertar um desejo pela pesquisa.

O cinema pode ser utilizado na sala de aula e em projetos escolares desde os primeiros anos escolares. Neste momento o desenvolvimento da criança pode ser dividido em duas fases: dos cinco aos sete anos e dos oito aos dez anos. Neste momento, a criança ainda está marcada pela fase operatório-concreta e desenvolve seus primeiros contatos mais sistemáticos com a linguagem escrita, uma das marcas da educação escolar” (NAPOLITANO,201, p. 21-22).

Uma aula com filmes promovendo inúmeras discussões, novos conhecimentos diferentes dos conteúdos enraizados e fora de contexto nos livros didáticos, fará com que o aluno tenha uma formação mais completa, diferenciada, e ao conhecer assuntos que vão além do que está proposto no conteúdo do ano letivo, despertará curiosidade nesse aluno, que conheceu por meio de um filme uma nova cultura, um novo país, uma nova cidade, um novo povo, a partir daí perceberá que o mundo é muito maior do que ele conhece, e ele então ansiará por mais conhecimento. “...os filmes funcionam como porta de acesso a conhecimentos e informações que não se esgotam neles.”(DUARTE, 2009, p.72)

Outro aspecto importante abordado por Duarte, é que a escola deve abraçar como seu papel fundamental é ajudar o aluno a tornar-se um espectador ativo, como deve ser feito com livros literários, também deve ser feito com filmes. Exercitar a leitura da linguagem cinematográfica, construir com ele o “bom gosto” em relação aos filmes que assiste, ao que acrescentará a ele ou não. Proporcionar opções, acervos e fontes para que busquem esses filmes, para que os estudantes não fiquem apenas destinados a assistir filmes comerciais e que passam na TV.

Relacionado a esse papel da escola de formar um aluno ativo, ela deve se preocupar em desenvolver uma educação que prepare as crianças para serem sujeitos sociais mais do que alunos como depósitos de conhecimento, superando assim o modelo pedagógico associado a ideia de trabalhar somente os conteúdos, mas sim todas as outras áreas que perpassam pelos conteúdos e pela vida dos alunos e da sociedade. Duarte (2009) aponta um fator perigoso do cinema que são os filmes produzidos para serem lucrativos e serem sucessos de bilheteria, ditos filmes comerciais. Normalmente são munidos de assuntos superficiais e dotados de preconceitos. Por serem produzidos visando audiência, são filmes feitos para serem aceitos universalmente, e geralmente, por serem padronizados, reproduzem estereótipos.

Há situações exemplares em relação ao gênero, sexualidade, raça, etnia e outros. As mulheres são representadas a partir da visão de que sempre estão em busca do complemento masculino, que traz proteção e segurança, ou que sempre têm que cuidar da família e situações semelhantes. Ann Kaplan(1995), afirma que as representações predominantes da mulher nos audiovisuais são estabelecidas pelo e para o olhar masculino. (DUARTE, 2009, p.53). Os homossexuais, muitas vezes, são representados como espalhafatosos, os negros como ladrões, e latinos como empregados ou traficantes. Os árabes, recorrentemente aparecem como terroristas. Isso faz com que esses padrões sejam aceitos como normais para a sociedade, embora dotados de estereótipos e preconceitos.

Consequentemente, isso acaba tardando as mudanças nas representações no imaginário da sociedade. “O olhar masculino, branco, ocidental e heterossexual ainda é o que predomina nas convenções de representações de temáticas distintas no chamando cinema dominante.”(DUARTE, 2009, p.55) Por isso a importância de desenvolver diversas experiências com o cinema, mostrando essas questões e incentivando os alunos a “ler” criticamente esses meios. Essa visão é hegemônica na sociedade e isso se reflete na produção cinematográfica. No entanto, nem todos os filmes têm representações infelizes sobre os diversos grupos, muitos filmes podem servir como um ótimo exemplo de como se vive um povo, um País ou uma cultura.

De acordo com Duarte (2009), a partir da década de 90, houve uma maior preocupação com a linguagem e a arte no cinema, visando não o sucesso comercial, mas sim a visão dos autores das obras. Dando assim maior liberdade aos diretores possibilitando que este investisse realmente no estilo e temática. Isso permitiu que alguns filmes transcendessem a esfera de filmes padronizados, iguais e com temáticas superficiais para filmes mais densos, constituídos de temáticas mais complexas e narrativas mais elaboradas, possibilitando assim

fugir do modelo, resultando em obras menos marcadas pelos estereótipos e mais por personagens mais profundos e subjetivos.

A partir disso pode-se buscar entender mais sobre as diversidades e sobre grupos sociais, étnicos e culturais no cinema. Como estas são retratadas, como pode-se ver no parágrafo acima, existe muito preconceito e personagens que são estereotipados, mas o cinema também pode contribuir no ensino e no entendimento do outro.

1.3 A diversidade no cinema

De acordo com Coutinho (2009), o cinema por si só, seja dentro da sala de cinema, ou na própria casa quando aluga-se um filme, ou em espaços de discussões, como cineclubes, escolas, fóruns, universidades, fornece uma nova visão e novas percepções, seja daquele diretor ou de uma outra pessoa que expressou um novo ponto de vista, que o faz pensar e rever seus conceitos. O cinema propõe outras formas de percepção, e assim, contribui na construção de subjetividades. “Cada um constrói a sua própria percepção e pode expressá-la em ambientes que favoreçam a troca de pontos de vista. Ao conhecer o ponto de vista do outro, o meu, será, com certeza, enriquecido.” (COUTINHO, 2009,p.5)

Leite (2010) em seu artigo *Imagens e representações dos negros nos livros didáticos e no cinema brasileiros* fala como o negro tem sido representado de forma negativa em filmes e livros didáticos e literários, porém percebe que há uma transformação e que com o avanço ao ser emitida a lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira, tem havido uma mudança nas escolas. Comenta que muitos educadores tem utilizado o cinema com o objetivo de combater o preconceito e a discriminação e com isso têm o transformado em agente socializante e socializador, despertando interesses teóricos, questionamentos e enriquecimento cultural dos alunos. Complementa com uma citação de Souza(2006):

Levar o escurinho do cinema para a sala de aula é muito mais do que projetar a implementação da Lei Federal 10.639/2003². É, sem dúvida alguma, promover atividades lúdicas, recreativas e estimular nossos(as) aluno(as) a encontrar no suspense, na ficção, no drama, na comédia ou animação, entre outras categorias cinematográficas, recursos para a construção coletiva de uma escola democrática e harmônica, em que o compromisso, o respeito com à diversidade e à construção da cidadania esteja pautado nos critérios e escolhas do roteiro curricular. (Souza, 2006, p.14 apud. LEITE, 2010, p.7).

Nessa troca, por meio do cinema, pode-se ganhar muito, mudar mentes, o imaginário e transformar opiniões, pessoas e ações. Um dilema da antropologia, levantado por Teixeira e Lopes (2006), se mostra bastante adequado com essa relação da escola, o cinema e a diversidade. Resume-se na compreensão da unidade biológica humana e sua diversidade cultural, que através dos costumes, atitudes, concepções, mostra o contraste existente na sociedade entre o eu e o outro. Esse contrastes é o que devemos mostrar pelo cinema, mergulhar nos conhecimentos e discussões possibilitados pela escola, para

compreender, interpretar e respeitar essa diversidade humana. É preciso compreender e conhecer o outro.

A diferença cultural é de grande importância na questão do “outro”. ... o “outro” passou a referir-se as questões de ser e não ser e a diferenças culturais relativas a língua, religião, status de civilização ou evolução, raça, etnia, nacionalidade, gênero, classe, desenvolvimento, ideologia, idade e assim por diante, sendo todos esses fatores básicos para a construção das fronteiras da comunidade.(TEIXEIRA e LOPES, 2006, p.19)

As desigualdades devem ser quebradas, a partir de um conhecimento, uma informação a curiosidade e o interesse pela outra forma de viver pode despertar novas atitudes em relação ao modo que o diferente é visto hoje. Pois como Teixeira e Lopes (2006) deixam bem claro que não há como negar a diversidade dos grupos humanos e suas diferenças caracterizantes. Em vez de querer homogeneizar todos buscando uma falsa igualdade entre todos, desconsiderando tudo que envolve essa diversidade, os seus saberes, as suas histórias, suas contribuições para a sociedade. É preciso enfrentar as atitudes preconceituosas e racistas que surgem de pensamentos homogeneizadores, em ações que não sufiquem essa pluralidade cultural.

Os filmes possibilitam o conhecimento e a apreciação dessa pluralidade cultural. A partir do momento que se tem acesso ao que outros países produzem, pode-se ter uma fonte imensa de conhecimento sobre os povos desses locais, suas crenças, costumes, possibilitando imagens dessas diversas culturas, discussões sobre os temas que afligem e que fascinam os diretores dessas culturas. Noma (2006), relata que o cinema “é expressão e registro fundamental da vida cultural, intelectual e informativa do homem contemporâneo.”(NOMA, et all, 2006,p.259)

O professor tem uma vasta opção de escolha além dos filmes hollywoodianos, que são o que as pessoas mais têm acesso, existem os filmes independentes, europeus, iranianos, asiáticos, latino-americanos, brasileiros, essa multiplicidade que possibilita a variedade de informação, riqueza cultural e cinematográfica. Filmes considerados muitas vezes de arte ou alternativos trazem muitos temas intrínsecos ao ser humano, são muitas vezes sobre questões íntimas que são comuns ao homem. É importante que o professor tenha contato com esses tipos de filmes e possibilite esse contato para seus alunos, pois podem enriquecer as aulas e os gostos artísticos dos estudantes.

Alguns filmes valem ser citados que se dedicam a explorar e mostrar determinadas culturas, povos e suas singularidades. Estes filmes não são necessariamente voltados para a educação infantil, mas retratam bem como os filmes podem ser vistos como

uma fonte de informação sobre diversos conteúdos e culturas, além de livros didáticos, revistas, jornais e trabalhos acadêmicos. Visto isso alguns autores destinam-se a escrever livros, artigos, textos que têm como assunto principal o cinema e a educação, que podem auxiliar o professor em sala de aula na compreensão de determinados temas, e conhecer as opções existentes para este trabalho.

O livro *Cinema e Educação* (SILVA, 2007) consiste em um projeto de educação moral voltado para adolescentes, sobre a discriminação e a intolerância. Para este projeto a autora utiliza como um de seus recursos o cinema. Acredita que “a experiência estética que o cinema proporciona abre-nos, sem dúvida, para uma compreensão mais radical da realidade e do ser humano.” (SILVA, 2007,p.52). Expõe que é uma forma de iluminar as percepções de mundo, que acabam fazendo as pessoas refletirem, repensarem suas atitudes e os valores, buscando questionar ações medíocres, rígidas, intolerantes, niilistas e autoritárias. “...o filme talvez seja um bom recurso para abarcar a vida de forma a romper com a rigidez da sistematização escolar.” (SILVA, 2007,p.52). Ainda em relação à discriminação, defende uma pedagogia que deva diminuir as mazelas trazidas pelo preconceito, exclusão, racismo, xenofobia e discriminação contra mulheres, negros, indígenas, pobres, homossexuais, dentre outros. A partir disso, em seu trabalho ela decide usar filmes com temáticas abordando a discriminação do negro, em relação a mulher e a sociedade e sobre o homossexual.

Outro livro importante é o *Como usar o cinema na sala de aula* (NAPOLITANO,2009), aponta várias possibilidades do uso de filmes no ensino fundamental e médio. Concentra-se principalmente nos filmes comerciais e como eles podem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem.. Contendo informações sobre mais de cem filmes, ainda comentados pelo autor e com diversas sugestões de metodologias para serem desenvolvidas em sala, o livro é uma fonte importante para o professor que adota uma prática que utiliza o filme como recurso didático.

Uma indicação do autor é que após assistirem ao filme, os alunos devem pesquisar sobre o que foi abordado, para problematizar, comparar e verificar a veracidade dos elementos trazidos nos filmes. É uma forma de instigar no aluno a pesquisa, como também desenvolver nele uma maior criticidade perante os meios midiáticos, percebendo a necessidade de sempre se verificar a veracidade do que ele está absorvendo pelas mídias em geral.

O livro *A diversidade cultural vai ao cinema* (TEIXEIRA e LOPES, 2006) apresenta uma seleção de textos sobre filmes tratando a diversidade cultural, fundada na perspectiva de que os diferentes são iguais enquanto espécie, sujeitos e seres de direitos,

vivendo o diálogo da igualdade e da diferença, expressões da liberdade e da justiça.(TEIXEIRA e LOPES, 2006). O livro traz inúmeros artigos tratando de variados filmes que tem como tema algum grupo étnico, alguma diversidade e não apenas comenta o filme, mas exploram atividades, pontos a serem discutidos e problematizados.

No livro *Cinema e educação* (DUARTE,2009), a autora conta que o professor ao escolher o filme deve conhecer um pouco mais sobre o significado da obra em seu contexto e na história, para poder ir além do tradicional “ilustrar” a aula. “O cinema é um instrumento precioso, por exemplo, para ensinar os valores, crenças e visões de mundo que orientam as praticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas.”(DUARTE,2009,p.73)

Percebe-se a partir desses estudiosos a grande relação que o cinema tem com as pluralidade cultural e como ele é capaz de retratar muitos modos de vida, e que por trazer essa variedade em suas histórias apresenta pessoas a outras pessoas. O cinema ensina o espectador. Ensina a conhecer sobre uma outra religião, diferente da que ele sempre ouviu falar. Ensina a conhecer uma nova forma de se vestir, diferente da que está acostumado a ver nas ruas. Ensina a conhecer uma nova forma de falar, diferente da forma que ele conversa com seu colega ao lado. Ensina a conhecer as dificuldades de pessoas, que podem ser parecidas e diferentes das que ele se depara em sua vida. Ou seja, o espectador ao entrar em contato com filmes que abordam histórias diferentes da sua, ele automaticamente está vendo outras formas de viver, e isso possibilita novas formas de ver o mundo.

1.3.1 Filmes para a sala de aula

Alguns filmes foram sugeridos nos livros dos autores citados anteriormente. Os autores focam principalmente em obras voltadas para o ensino fundamental e ensino médio pelo maior acervo de filmes destinados a essa faixa etária. Relacionam muitos filmes com conteúdos curriculares, junto a esses, surgem também sugestões de filmes que abordam temáticas relacionadas a pluralidade cultural e a discriminação social. Porque os filmes ajudam na compreensão tanto da cultura dos variados grupos sociais, como também revela situações em que pessoas são discriminadas por pertencer a grupos étnico-raciais ou sociais diferentes. Contribuindo para a reflexão de atitudes preconceituosas.

O filme *A missão* abre espaço para discutir a América colonial ilustrando as relações entre os Jesuítas e os indígenas. Trata da expulsão dos jesuítas do reino português devido às crises nas relações entre Coroa portuguesa e a Companhia de Jesus. Napolitano lembra de fatores importantes que o professor deve estar alerta para promover uma discussão mais reflexiva, sugere discutir e pesquisar para problematizar como os grupos são representados. “ Os jesuítas fazem o papel de “mocinhos” e os bandeirantes fazem o papel de “bandidos”, tal como na maioria dos livros didáticos atuais.”(NAPOLITANO, 2009,p.107). O filme deve sempre ser tratado de forma consciente e como fonte de informação, mas como dito anteriormente cabe ao professor promover discussões acerca do tema e também criticar as obras, como deveria fazer também com livros didáticos, notícias de jornais, programas de televisão e qualquer outro meio que ele se apropria na sala de aula. Esse filme também é sugerido por Suzana Burnier, doutora em educação, ela propõe uma atividade que deve investigar os outros pontos de vista da mesma história.

...levantar e discutir as muitas versões possíveis de determinado fato. Utilizar filmes que se remetem a fatos verídicos e cotejá-los com outras versões existentes sobre os mesmos fatos por meio da pesquisa orientada de outras fontes: livros, revistas, sites da internet, jornais, outros filmes, contos, romances ou poemas, letras de músicas, depoimentos orais e outros. (Burnier 2006, in. TEIXEIRA e LOPES, p.34).

Outras discussão acerca do filme é a troca de culturas que ocorre entre guaranis e jesuítas. Essa troca está presente nas formas em que os Guaranis aceitam e usufruem das roupas e o objetos, como o domínio do canto gregoriano. Enquanto que os jesuítas também participam dessa troca, dominando a língua Guarani. A autora traz a cronologia completa dos fatos históricos relacionando-os com a narrativa do filme, contribuindo e auxiliando o

trabalho do professor. Por fim, ela sugere um questionamento importante para a discussão: o que é feito dos guaranis hoje?

... os guaranis estão vivos, e vivos estão seu idioma e sua cultura. E armam-se na convivência com o branco para viabilizar a existência de estilos de vida de que sejam protagonistas, mesmo que em outros parâmetros que nós, brancos, consideraríamos um sujeito como protagonista. (BURNIER, in. TEIXEIRA e LOPES, 2006, p.48)

Amistad, de Steven Spielberg, sobre a escravidão é destinado aos últimos anos do ensino fundamental e ensino médio, a obra retoma um fato real ocorrido no século XIX. Conta a história sobre um motim de escravos em um navio negreiro que toma o comando e vai parar na costa norte dos Estados Unidos, gerando uma polêmica pública do que deveria ser feito com os escravos. O filme pode trazer várias discussões acerca da escravidão, como também das repercussões desta nos dias de hoje, como o racismo.

Roseli Pereira Silva ao querer trabalhar a discriminação contra a mulher, usou o filme *Shirley Valentine*.

Shirley Valentine é da classe média baixa de Manchester, típica working class, sotaque carregado, inglês “inferior”[...]Na escola, era tratada como burra pelas professoras, que preferiam Marjorie Majors, uma colega loura e bonita que havia estudado oratória. Casou cedo com Joe, típico classe média baixa de Manchester como ela. No começo do casamento, eram capazes de rir e fazer folia. Tiveram dois filhos, e tudo perdeu qualquer tipo de encanto. No hoje da ação, Shirley é uma mulher de 42 anos levemente gorducha, solitária, cuja função na vida é arrumar a casa para o marido e prover-lhe de todas as necessidades, que incluem jantar pontualmente às 6 da tarde, ovos e fritas às terças, bife às quintas. Para fugir da solidão, Shirley conversa com A Parede – e também com a câmara, diretamente com o espectador.(VAZ, 2008)

Para Silva, o filme possibilitou a discussão de muitos termos acerca da mulher e o papel destinado a ela construído historicamente. Discute temas como o trabalho doméstico, o machismo e o poder atribuído ao homem, desigualdade entre homens e mulheres, o feminismo e os direitos das mulheres, a sexualidade, relações de gênero, e outras discussões como autoconhecimento e virtudes como a coragem, que também são aspectos encontrados no filme. Vale ressaltar que Silva (2007) explica que muitos alunos da pesquisa não gostaram do filme, por se diferenciar dos filmes que estão acostumados, ou seja, pelo filme não ser hollywoodiano não teve tanta recepção. O que reforça a necessidade de um trabalho com os alunos desde novos em produções cinematográficas diferenciadas, para aumentarem sua recepção a filmes de variadas origens.

Ela também usou em sua pesquisa o filme *Homens de honra*, que diferentemente do anterior foi bem recebido por se tratar de um filme aclamado de Hollywood. Silva (2007),

nesse filme é possível ver uma dimensão pedagógica de se espelhar em figuras humanas reais, e isso é importante para os adolescentes, visto que o filme é baseado em uma história real. ele diz respeito a discriminação contra o negro.

Carl Brashear (Cuba Gooding Jr.) veio de uma humilde família negra, que vivia em uma área rural em Sonora, Kentucky. Ainda garoto, no início dos anos 40, já adorava mergulhar, sendo que quando jovem se alistou na Marinha esperando se tornar um mergulhador. Inicialmente Carl trabalha como cozinheiro que era uma das poucas tarefas permitidas a um negro na época. Quando resolve mergulhar no mar em uma sexta-feira acaba sendo preso, pois os negros só podiam nadar na terça-feira, mas sua rapidez ao nadar é vista por todos e assim se torna um "nadador de resgate", por iniciativa do capitão Pullman (Powers Boothe). Quando Brashear solicita a escola de mergulhadores encontra o comandante Billy Sunday (Robert De Niro), um instrutor de mergulho áspero e tirânico que tem absoluto poder sobre suas decisões. No princípio Sunday faz muito pouco para encorajar as ambições de Brashear e o aspirante a mergulhador descobre que o racismo no exército é um fato quando os outros aspirantes brancos - exceto Snowhill (Michael Rapaport), que por isto foi perseguido por Sunday - se negam a compartilhar um alojamento com um negro. Mas a coragem e determinação de Brashear impressionam Sunday e os dois se tornam amigos quando Brashear tem de lutar contra o preconceito e a burocracia militar, que quer acabar com seus sonhos de se tornar comandante e reformá-lo. (MOTA, 2009)

Esta sinopse completa e delinea bem a narrativa do filme, explicitando os problemas centrais de discriminação sofridos pelo personagem principal, e mostra a discriminação sofrida pelo personagem principal, como também a sua determinação e força de vontade em enfrentar e ser reconhecido como sujeito e comandante. Os temas abordados com este filme na pesquisa de Roseli Pereira Silva foram a honra, o racismo e preconceito, clamor pelos direitos de igualdade, representações sociais do negro, a ideologia e o senso comum, intolerância e o preconceito norte-americano.

Outro filme que usou em sua pesquisa e também é sugerido por Napolitano é o *Filadélfia* para tratar a temática da homossexualidade, como também da AIDS e da discriminação contra os homossexuais. O filme se trata de um homem que ao descobrir que tem AIDS é demitido de seu emprego, fazendo-o perceber toda a carga de preconceito que existe em torno da AIDS e do homossexual. Buscando pelos seus direitos contrata um advogado negro para ajudá-lo a conseguir um tratamento médico e trabalhista digno. Primeiramente há uma incompreensão e um estranhamento das duas partes, porém a tolerância e o respeito se afirmam na trama. É um filme que pode discutir as questões raciais e sexuais. Napolitano sugere uma atividade voltada para o nome do filme e a cidade nos Estados Unidos, propondo uma pesquisa dos alunos para descobrir a relação existente entre as duas.

O filme *Brincando nos campos do Senhor* trata da extinção e pluralidade cultural. O filme se passa na Amazônia, onde a trama opõe um casal de missionários e dois aventureiros em torno de uma tribo de índios. Tratando sobre as diferenças culturais como também a possibilidade da extinção dos índios, o filme pode trazer variadas discussões acerca da relação dos índios com a floresta, das marcas culturais daquele povo e dos confrontos entre os estrangeiros e os habitantes nativos, entre outros aspectos da trama que a circundam, como a própria floresta amazônica, o ecossistema e conteúdos similares.

Adivinhe quem vem para o jantar é um filme que propõe a discussão do racismo e o preconceito existente relacionado às relações amorosas. Napolitano sugere conversas e discussões em sala sobre as relações existentes ou conhecidas pelos alunos e os preconceitos que permeiam elas. Relações entre pessoas negras e brancas, indivíduos de diferentes nacionalidades, como também, casais do mesmo sexo, indo além da discussão proposta pelo filme.

Alguns filmes apresentam um cenário infanto-juvenil, colocando a criança como protagonista partindo de suas inquietações, suas relações e seu próprio mundo. O filme *Crianças Invisíveis* de 2005 é um exemplo de uma preocupação do universo infantil pelo mundo afora. O filme sem fins lucrativos não ganhou grande visibilidade, porém ele trata de questões cruciais ao ser humano. Divido em sete curtas-metragens de sete países diferentes, crianças são retratadas em situações de miséria e violência. É importante para fazer uma reflexão acerca desse mundo infantil que é invisível aos olhos das pessoas, e invisível também ao cinema. Baseado no artigo CRIANÇAS INVISÍVEIS: Um filme sobre a violência em suas múltiplas formas de Pereira e Williams (2009) os sete curtas-metragens serão descritos a seguir.

O primeiro curta-metragem de *Crianças Invisíveis* foi filmado na África, do diretor Mehdi Charef, revela a realidade de meninos-soldados, envolvidos em conflitos étnicos, políticos e econômicos, o que vai de encontro com a visão comum dada à infância, momento em que as crianças devem ser protegidas, cuidadas e estão em formação. Mostrando a realidade de algumas crianças que estão em conflitos em seus próprios países e cidades.

O segundo curta-metragem foi filmado na Sérvia Montenegro, dirigido por Emir Kusturica, revela a situação de garotos em conflito com a lei que se encontram com a liberdade cerceada, em instituição de reabilitação. Questões como dificuldades em manter a ordem e o cumprimento dos objetivos dessa instituição são debatidos, como também mostra a família e o contexto fora da instituição de um dos reclusos. Trazendo uma realidade onde

muitas vezes o lado de fora é pior do que o de dentro, tanto que o menino escolhe continuar recluso a sair e continuar cometendo delitos com sua família.

O terceiro curta-metragem foi feito nos Estados Unidos, do diretor Spike Lee, refere à realidade de crianças que são portadoras do vírus HIV, que têm pais que fazem uso de drogas, e também que moram em bairros pobres e violentos, como também são vítimas da violência escolar. A história foca em uma personagem principal retratando todas essas questões e as consequências destas para a criança.

O quarto curta-metragem, brasileiro, dirigido por Kátia Lund, conta a história de “crianças que devem trabalhar para manter o seu sustento e ajudar a pagar as despesas familiares, sendo expostas a situações de perigo para seu desenvolvimento físico e psicológico.”(PEREIRA e Williams, 2009,p.90). Essa violência não é perceptível e escancarada como nos outros filmes, mas mesmo assim acontece. Essa é a violência marcada pelas diferenças sociais e econômicas que contribuem para a desigualdade entre classes, acarretando muitas vezes em preconceitos e discriminações, que podem dificultar um pleno desenvolvimento. Vale ressaltar um fator relevante neste curta, que consiste nas atitudes das crianças em relação a infância, mesmo com todas dificuldades encontradas encontram o seu momento de brincar.

O quinto curta-metragem, é inglês e é dirigido por Ridley e Jordon Scott, coloca o mundo adulto e infantil se cruzarem em uma pessoa só. O personagem principal tem como profissão fotografar guerras. O curta que vai além do realismo proposto em muitos filmes, faz este adulto se colocar como criança e compreender o mundo como tal. “...valoriza a simplicidade do mundo infantil, o qual permite intercâmbios e discussões, sem que se façam conflitos permanentes, contrasta abruptamente com o mundo adulto apresentado, no qual a aceitação das diferenças parece inatingível e permeada de complexidade, em que necessita da atuação de diversas organizações e governos.” (PEREIRA e WILLIAMS, 2009, p.90)

O sexto curta-metragem é italiano, dirigido por Stefano Veneruso. O personagem principal, um garoto de aproximadamente 12 anos, não é bem tratado pela sua família, sofrendo abusos psicológicos, por meio de xingamentos vindos da mãe. Por isso acaba encontrando-se e se sentindo respeitado em um grupo de adolescentes que praticam pequenos furtos, mostrando os sentimentos que envolvem todos esses adolescentes, mostrando-os personagens de uma forma mais profunda.

O último curta-metragem é chinês e dirigido por John Woo. O filme mostra a realidade de duas meninas chinesas de aproximadamente 7 anos, uma de classe baixa e outra de classe alta, mostrando que a violência pode ocorrer nas duas classes. A menina de classe

baixa foi abandonada quando bebê e um catador de lixo a tomou em seus cuidados, quando ela está com a idade aproximada de 7 anos, seu cuidador morre atropelado, logo ela é tomada por um homem que usa crianças para vender rosas e ganhar dinheiro. Enquanto a outra menina, de classe social alta, tem várias bonecas e mora com luxo, não tem o amor e a atenção dos pais. A cena em que a mãe chega a provocar a sua morte e da família ao ter a intenção de jogar o carro abaixo em uma corredeira, mostra o quão debilitada estavam as relações da família. Mas não o faz, evocando assim um final de esperança e possibilidade de melhora. Esse filme pode ser trabalhado no ensino fundamental e médio fazendo um trabalho em paralelo com o instituto da criança e do adolescente, discussões e pesquisas sobre trabalho infantil, falar sobre os direitos humanos e coisas relacionadas, além de explorar cada cultura retratada em cada curta.

Por fim, o filme Kiriku e a feiticeira, mencionado anteriormente nos passos metodológicos, narra uma lenda africana sobre um menino africano valente e questionador. O filme apresenta às crianças um conhecimento acerca das culturas africanas, seus povos e costumes. Possibilitando um diálogo entre a cultura africana e a cultura brasileira, relações e influências, incluindo assim nos ensinamentos conteúdos referentes ao continente africano, as culturas africanas e a cultura afro-brasileira.

Capítulo 2

A criança e a educação infantil para a igualdade na diversidade

2.1 Criança invisível durante a história

A criança é objeto de estudo de algumas áreas, como Medicina, Biologia, Psicologia, a partir deles pode-se ter uma percepção melhor da criança. Para se ter um maior entendimento de como deve ser feito o trabalho com crianças da educação infantil é preciso conhecer um pouco mais sobre os conceitos e ideias elaboradas ao longo da história da criança, bem como o lugar das instituições destinadas a elas. No Brasil, a criança tornou-se preocupação da educação com a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, onde a educação da criança passa a ser um direito da criança e a educação infantil passa a ser a primeira etapa da educação básica.

Para Carvalho (2005), o conceito de criança tem sofrido alterações durante a história. Passando pelo entendimento da criança como uma miniatura do adulto, onde esperava dela responsabilidades acima do que poderia ter. Posteriormente a criança foi vista como um ser para ser assistido, sendo necessário oferecer apenas os cuidados básicos para que ela pudesse crescer bem. De uns tempos atrás as concepções sobre crianças e suas necessidades estão mudando graças a evolução dos estudos e pesquisas das áreas de psicologia, medicina e sociologia, principalmente.

Moruzzi (2010) em seu trabalho cita Ariès (1981) ao falar de três momentos relacionados a concepção da criança. O primeiro momento ocorre da antiguidade ao século XII, onde havia uma forte indiferença em relação à criança. Onde elas eram vistas justamente como adultos, conviviam nos mesmos espaços, trajavam e eram tratadas como adultos. O segundo momento vai do século XIII ao século XVII, que havia um consenso de que as crianças eram mini-adultos, mas são retratadas em pinturas de forma diferenciadas do adulto. Eram miniaturas dos adultos ou anjos. Viam uma necessidade de corrigi-la. E o terceiro momento, do século XVIII até os dias de hoje, há uma noção de que a criança deve ser preservada e educada, primeiro pela sua inocência, segundo pelo sentimento de incompletude.

Uma crítica de Moruzzi (2010) ao pensamento de Ariès é que ele se baseava em seus estudos na criança burguesa, o que acaba de certa forma universalizando a infância, e restringindo outras fontes de pesquisa.

Para ilustrar esse conceito em que as crianças eram muitas vezes vistas como adultos, ou eram muitas vezes ignoradas é apresentado um trabalho iconográfico de Abramowicz et al (2011) onde são mostrados retratos de famílias brasileiras nos séculos XIX e XX. O trabalho objetiva apresentar as representações referentes à raça, gênero e classe social. Exibe um recorte válido para mostrar as relações dos adultos e as crianças. As crianças usavam roupas tipicamente adultas, usavam chapéus, joias e bijuterias. As crianças não ficavam ao centro do retrato, salvo os meninos que ficavam ao centro junto ao pai, as meninas e mulheres eram colocadas nas pontas. Em fotografias que não se resumem em retratos, mas sim fotos do dia a dia, as crianças não aparecem ou tem pouco destaque. A conclusão desta pesquisa é que as práticas do século XIX produziram a criança e a infância negra invisível, marcada também por um fator de ambiguidade: a extinção de um sentimento de infância e a invisibilidade da criança e da infância. Sobre a invisibilidade da infância e a educação infantil:

A formação inicial nos cursos de magistério, modalidade Normal médio e superior, até os anos 90, não contemplava a criança de 0 a 3 anos, o que confirma a invisibilidade dessa faixa etária, mesmo no mundo contemporâneo. Como vimos, somente a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 e, posteriormente, com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é que se estabeleceu a Educação Infantil como etapa inicial da Educação Básica.(SOUZA, 2011, p.1)

Apesar de, no passado, a criança ter sido deixada de lado em pesquisa, em leis e no dia-a-dia, pelo simples fato de não saberem lidar com ela, algumas preocupações relacionadas às crianças já tomaram alguns pensadores, isso pode ser visto a partir do relato de Carvalho (2005) quanto à preocupação de Platão ao propor que as crianças deveriam ficar sob a responsabilidade de pessoas preparadas para a sua educação, contrapondo a ideia de que a educação da criança era atribuição da família. Percebe-se aí que a percepção de que a criança deve ter uma educação voltada para ela e seu desenvolvimento físico, social, intelectual e psicológico. Contudo, isso demorou para ser aceito e assimilado como necessário, devido à concepção de que as instituições eram voltadas para a assistência das crianças.

Carvalho(2005) conta que a história da educação infantil tem forte relação com os conceitos de criança e das finalidades das instituições voltadas para o atendimento dessas crianças. A educação infantil muitas vezes vista como apenas um local para assistir à criança acaba provocando prejuízos à integração social, cultural e intelectual das crianças.

Inúmeras têm sido as concepções sobre a educação infantil: “compensatória” de carências culturais; que pode ser provida por profissionais (guardiões ou

pajens) sem qualificação especializada; como “preparatória” para o ensino fundamental, para os alunos da chamada pré-escola na faixa etária de 4 a 6 anos (LDB/96) e para aqueles que estão nas séries iniciais. (CARVALHO, 2005.p.31)

As instituições voltadas para a educação de crianças sempre foi fortemente marcada pelo fator assistencialista. De acordo com Carvalho (2005), no século XIX as instituições eram dotadas pela ideia de assistir às crianças, exemplos dessas eram as creches, escolas maternais ou internatos para crianças geralmente pobres que as mães não poderiam cuidar, por estarem trabalhando. Ou seja, por muito tempo, na realidade, essas instituições eram mais voltadas para as necessidades dos adultos, dos pais, do que das crianças realmente.

...foram necessários mais de cem anos para que nossa lei de diretrizes da educação nacional reconhecesse a educação infantil (de 0 a 6 anos) etapa integrante da educação básica, devendo ser oferecida em creches e em pré-escolas, com cunho educativo e não protecionista, em benefício das famílias.(CARVALHO, 2005.p.32)

De acordo com essa citação percebe-se que as práticas pedagógicas possuidoras de ações emancipatórias não eram o foco principal do trabalho nesses jardins da infância, creches e pré-escolas. E como Souza (2011) afirma, a compreensão de educação infantil como tarefa de cuidar, não leva em consideração as dimensões educativas, desafiadoras e voltadas para o desenvolvimento da criança que esse cuidado deveria ter.

Um outro ponto relevante, diferente do que foi refutado até então, é o que Moruzzi (2010) alerta quanto a construção negativa do conceito do sentimento de infância, onde se tinha a criança como um ser que deveria ser protegido, corrigido e educado. Para ela, esses pressupostos vem de teorias higienistas e eugenistas, a primeira era voltada para atuação sobre crianças pobres e, a segunda, crianças negras. E no Brasil, essas duas teorias acabavam convergindo, marcando aí um negativismo sobre as duas características, e junto a essas, há uma forte construção das diferenças de gênero.

Moruzzi (2010) traz algumas soluções para combater essa construção histórica do sentimento de infância dotado de discriminações, como discussões teóricas que problematizam as relações de gênero na construção da infância. No contexto escolar é necessário problematizar as brincadeiras, as práticas, os materiais didáticos, e por último, não menos importante, é preciso ver as crianças negras e de classes sociais mais baixas por suas habilidades e buscar suas potencialidades e não vê-las como carentes de competência, vê-las como sujeitos e produtoras de cultura.

2.1.1 Mudanças na concepção de criança e de infância

A concepção de criança e educação infantil sofreu mudanças ao longo da história, como dito anteriormente. A compreensão da criança como sujeito de direitos começou a se tornar cada vez maior, e algo que contribuiu bastante para essas mudanças foi a Sociologia da Infância.

Bento (2011) explana que a sociologia da infância surgiu na década de 1990 para tomar estes estudos em sua posse, a criança e a infância. A sociologia em si já tratava sobre a temática, porém sob uma visão durkheimiana, principalmente a sociologia da educação. Que tinha a ideia da imposição dos valores adultos sobre as crianças, ou seja, vendo as crianças como seres passivos diante do mundo adulto, apenas tendo os modelos adultos como norte.

Esclarece que a proposta base da sociologia da infância, que divergia das concepções tradicionais, colocava a criança como sujeito e ator social de seu processo de socialização e construtora de sua infância, e desta surgiram outros desdobramentos da sociologia da infância onde via a criança como produtora de cultura.

A mesma autora aponta que a sociologia da infância nasceu do campo da sociologia da educação na França, e na Inglaterra e nos Estados Unidos dos estudos feministas e da antropologia. Já no Brasil, esse campo surge a partir de uma convergência entre o campo da pedagogia e da sociologia. Menciona que no Brasil, porém, era necessário aproveitar esse movimento europeu e americano fazendo algumas alterações a partir dos aportes étnico-raciais, de gênero, sexualidade e de classe social, “pois a exigência epistemológica de pensar a criança e sua infância como construção social exige estes recortes, sem a qual ficaremos em pressupostos genéricos, universais e colonialistas.” (BENTO,2011,p.49). Nota-se assim uma maior preocupação relacionada a essa criança, como também com a cultura, história que carrega com ela.

Com esses novos pensamentos e discussões acerca da infância acaba trazendo uma conscientização da necessidade de mudança do papel da educação infantil. Percebendo a necessidade de repensar os princípios e aspectos da instituição escolar para as crianças. Compreendendo assim a necessidade de se colocar pessoas qualificadas que irão contribuir no desenvolvimento dessa criança, como também dar a criança o espaço e a oportunidade de se expressar, socializar e criar é fundamental.

Isso é aludido por Carvalho(2005) ao contar que as formas como as instituições educativas começaram a ser questionadas, ao perceber-se que há uma necessidade de

modificação e adequação das propostas pedagógicas buscando admitir os direitos e necessidades do educando, levando em consideração seu nível de aprendizagem e desenvolvimento, para assim incluir e desenvolver todos os aspectos da criança desde o social como também intelectual, psicológico e físico. Aponta que essa tomada de consciência que vem ocorrendo é primordial para um trabalho onde todos tem a oportunidade de aprender, independentemente das suas diferenças.

Há necessidade de se estabelecer um currículo em que conversar com a criança que ainda não fala, dar banho, trocar fraldas, colocar no colo, organizar um ambiente que garanta o movimento para aquelas que ainda não andam e deixá-las o menor tempo possível no berço sejam atividades pedagógicas que envolvam interação, preparação, trabalho corporal, afeto, amizade e respeito pelas diferenças e as diversidades. (SOUZA,2011)

Além disso é vista a necessidade de trabalhar com as crianças de uma forma que a façam pensar, conhecer e “aprender a pensar criticamente sobre o mundo e a pensar sobre seu próprio pensamento.”(CARVALHO, 2005, p.34)

A cultura do pensamento em sala de aula deve ser estimulada, a partir das situações triviais do dia-a-dia, de casa ou da escola. O desenvolvimento do hábito de fazer perguntas sem censuras e de refletir sobre as opiniões dos colegas e professores constituem-se em estratégias favorecedoras do exercício da criticidade, indispensável à construção da cidadania e à busca da plena realização do aluno, em sua condição humana. (CARVALHO, 2005, p.34)

Sendo essas crianças seres de direitos, devem ser respeitadas em sua integridade. Bento e Junior (2011) citam a constituição de 1988, leis, decretos e estatutos da criança, levando em consideração a igualdade e respeito entre todas as culturas. Citam a constituição de 1988 como reconhecedora do caráter multirracial da sociedade brasileira, tendo como exemplo, o “Art. 215, § 1º – O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.” (BENTO e JUNIOR, 2011, p.13). Citam a Convenção sobre os Direitos das Crianças, promulgada pelo Decreto 99.710 21 de novembro de 1990:

Art. 29, §1º- O estatutos Partes reconhecem que a educação da criança deverá estar orientada no sentido de:

- a. desenvolver a personalidade, as aptidões e a capacidade mental e física da criança em todo o seu potencial;
- b. Imbuir na criança o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais, bem como aos princípios consagrados na Carta das Nações Unidas;
- c. Imbuir na criança o respeito aos seus pais, à sua própria identidade cultural, ao seu idioma e seus valores, aos valores nacionais do país em que reside, aos do eventual país de origem e aos das civilizações diferentes da sua;

- d. Preparar a criança para assumir uma vida responsável numa sociedade livre, com espírito de compreensão, paz, tolerância, igualdade de sexos e amizade entre todos os povos, grupos étnicos, nacionais e religiosos e pessoas de origem indígena. (BENTO e JUNIOR,2001, p.15)

Apontam também que na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, os artigos. 26-A e 79-B determinam a obrigatoriedade do estudo da História e cultura afro-brasileira e indígena, e a inclusão do Dia Nacional da Consciência Negra, no dia 20 de novembro, no calendário escolar, respectivamente. Situam-se no capítulo da educação básica, defendem assim que abarca educação infantil também e por isso a necessidade de trazer essa cultura para o conhecimento das crianças.

..as crianças devem aprender o valor de cada pessoa e dos grupos culturais, adquirir valores como os da inviolabilidade da vida humana, a liberdade e a integridade individuais, a igualdade de direitos de todas as pessoas, a igualdade entre homens e mulheres, assim como a solidariedade com grupos enfraquecidos e vulneráveis política e economicamente.(BENTO e JUNIOR, 2011, p. 18)

Junto a esse pensamento, o Referencial curricular para a educação infantil orienta uma prática para aceitação das diferenças por parte dos professores para que possa ter uma educação livre de preconceitos.

Para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas. (BRASIL, 1998, p. 41)

Bento (2011) também vai contra a ideia da idade como marca que limita ações e desenvolvimentos que consiste em uma prática muito presente em escolas. Argumenta que determinar uma idade correta para cada etapa de desenvolvimento é errado. Pois acaba prejudicando quem não consegue acompanhar esse modelo único, e por não acompanhar é visto como desviante e imaturo.

Considerar que as crianças são diferentes entre si, implica propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e a enriquecer as capacidades de cada criança, considerando as como pessoas singulares e com características próprias. Individualizar a educação infantil, ao contrário do que se poderia supor, não é marcar e estigmatizar as crianças pelo que diferem, mas levar em conta suas singularidades, respeitando-as e valorizando-as como fator de enriquecimento pessoal e cultural. (BRASIL, 1998, p.32)

As idades, até hoje, marcam esse desenvolvimento, por exemplo, há uma idade certa para começar a falar, a andar, a viver sem fraldas, de iniciar a sexualidade. “ A idade, o período de desenvolvimento e a etapa da vida puderam ser colocados em um gráfico, havendo curva da normalidade e aqueles que se desviam. As crianças cresceram tendo o adulto como foco e sob seu controle.” (BENTO,2011, p.48)

A partir do que foi explorado neste capítulo, percebe-se a necessidade de desconstruir a ideia da criança passiva e apenas receptora dos valores adultos. Como também lembrar que todo indivíduo é único e suas características devem ser respeitadas, não é possível atribuir um padrão onde todos devem seguir, pois é uma missão impossível e isso acarretará em desigualdades e desvios das normas. Estes não estão errados por desviarem, errados estão os que exigem uma normalização de todos os sujeitos.

Há então uma preocupação e uma grande mudança quanto aos pensamentos iniciais relacionados às crianças e à educação infantil, colocando a primeira cada vez mais como sujeito de sua própria história. Dando a criança a oportunidade de conhecer e explorar por si mesma seus pensamentos, os conhecimentos trazidos nas relações dentro da escola, com os conteúdos e temas abordados em sala. Uma visão onde busca a criança autônoma.

Carvalho (2005) ressalta que essas crianças mencionadas nas leis são todas as crianças, com ou sem deficiência, pobre ou rica, negra ou branca, de diferentes culturas, etnias e origens, todas são sujeitos de direitos e todas têm o direito pela educação de qualidade.

Rosália Duarte conta um pouco sobre a perspectiva de Georg Simmel, que “entende a socialização como um processo no qual o indivíduo socializado tem participação ativa, interfere nas condições em que ela acontece e modifica o mundo social.”(DUARTE, 2009, p.15) A partir disso percebe-se a importância de investir na socialização da criança na educação infantil e em todo o seu processo escolar, para que nesse processo ela desenvolva saudavelmente essa participação ativa.

A escola deve incitar essa participação ativa da criança para que a educação desta não seja apenas uma imposição no indivíduo de esquemas e valores culturais únicos, e sim deve ser um movimento dinâmico, como Duarte (2009) acredita que essa participação deve permitir transformações e que a adaptação de uma nova geração ao mundo social implique mudanças, e não apenas aceitação do que é imposto.

Levando em consideração o pensamento de Bento ao introduzir algumas questões que abordam as diversidades na educação infantil, como também o pensamento de Moruzzi acerca da discriminação quanto ao pobre e negro, como também as relações de gênero,

percebe-se a necessidade da escolar trabalhar o respeito por todas as crianças e contribuir nessa relação onde é necessária clareza e informação para que não existam conflitos entre os alunos. O que leva para o outro subcapítulo onde é discutido o papel da escola perante as questões das diversidades na educação infantil no mundo contemporâneo onde as variadas mídias e tecnologias tem grande influencia na formação de visão de mundo dessas crianças.

2.2- O papel da escola na formação da criança visando a diversidade e a igualdade social

O mundo de hoje está marcado pelas constantes mudanças, pelas tecnologias e pelo grande fluxo de informações. Esses avanços tecnológicos contribuíram em diversas áreas, e uma dessas áreas foi a escola. Junto à ela, as crianças também sofreram transformações, e estas contribuem e influenciam na construção da identidade dessas crianças.

Essa influência se dá principalmente pela quantidade de informação que essa criança recebe por dia. A criança ao estar sujeita a essas variadas informações por meio de TV, internet, filmes, vídeos, revistas, entre outros, é influenciada na formação de sua personalidade e identidade.

Para Fantin (2007), muitas crianças estão em contato constante com as mídias. Estas informam e educam, apesar disso, algumas vezes esse processo pode se dar de forma fragmentada. Pois se o sujeito não estiver apto a observar, refletir e criticar as informações vindas de todas as mídias que se tem contato, há a possibilidade de assimilá-las de forma negativa. A partir disso é importante perceber o valor das escolas, da mediação do professor para direcionar o olhar do aluno, para este entender, criticar, problematizar e assim absorver as informações válidas provenientes dessas mídias. Pois é importante lembrar que

...as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas da nossa prática sócio-cultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo e apesar de estas mediações culturais ocorrerem de qualquer maneira, tal fato implica a necessidade de mediação pedagógica (...) para apreciação e recepção ativa. (GIARDELLO, 2000 apud. FANTIN 2007, p. 2)

De acordo com Mota, Machado e Lima (2010), é preciso que sejam trabalhados em sala de aula processos formativos que preparem as crianças para conseguirem entender e conviver com essa quantidade de informação que a elas é exposta diariamente e que influencia diretamente em sua forma de ser e em seus valores. Criar nas crianças uma postura onde elas questionem aquilo que está sendo passado a elas, pois não são apenas seres passivos.

Nota-se uma preocupação central quanto a formação do sujeito e na construção de sua personalidade, mostrando a necessidade da escola tomar posição como intermediadora dessa relação sujeito e meios midiáticos, para assim os efeitos desses sejam mais positivos naquele.

Na educação infantil também se tem um fator de extrema importância que influi na construção da personalidade da criança, pois ela terá o primeiro contato com outros

sujeitos, diferentes de sua família, quando entra na escola pela primeira vez. A escola é um espaço de socialização, onde a criança irá conviver com outras crianças e adultos, a professora como também os outros agentes da escola. Ou seja, é nesse momento que a criança tem a possibilidade de *conhecer* o outro.

Entendemos que a instituição escolar é responsável pelo processo de socialização da criança, pois ela irá se relacionar com crianças de diferentes famílias, o que favorece a construção de sua identidade. O contato que as crianças têm na instituição infantil pode ser o primeiro contato das vivências das diversidades culturais, e, nessa fase, elas refletem gradativamente e tomam consciência do mundo, de diferentes maneiras, em cada etapa de seu desenvolvimento.(LIMA, 2011, p.5)

Quando esse contato acontece com crianças de diferentes contextos, cada um com sua particularidade, história e cultura, pode ocorrer um estranhamento, mas este deve ser trabalhado de forma positiva, aproveitando tudo que essa relação pode proporcionar aos pares.

De acordo com Mota, Machado e Lima(2010) é na educação infantil que deve-se preparar as crianças para conviverem de forma democrática com os diferentes grupos sociais que compõe a sociedade, livres de qualquer preconceito. Citam Santos e Costas (2010), quando dizem que as crianças devem estar preparadas desde a infância a entender essas diferenças, pois se não estiverem dificilmente conseguirão romper com os preconceitos que já estão presentes em seu meio e tenderão a repetir os padrões discriminatórios testemunhados.

De acordo com o Ministério da educação “as instituições devem oferecer condições para que as crianças aprendam a conviver, a ser e a estar com os outros e consigo mesmas em uma atitude básica de aceitação, de respeito e de confiança.” (BRASIL, 1998.p.46) Essa reflexão deve ser o foco central educativo, visando o respeito e aceitação das diferenças. (GOMES, 2000)

A partir dessas indicações não deveria ocorrer nas escolas situações como as relatadas por Souza (2011):

No cotidiano das instituições de Educação Infantil, frequentemente o professor se depara com uma série de evidências sobre as questões raciais e o preconceito, tendo ou não clareza delas, muitas vezes utilizando práticas pertencentes ao senso comum que podem reforçar o racismo. Percebemos, nas creches, crianças negras querendo os seus cabelos lisos, ruivos, louros e negros escorridos, isto é, buscando a ideia do “belo” que lhes é transmitida através de um processo excludente e preconceituoso, deformando a imagem que a criança negra faz de si e reforçando a negação de sua condição racial.(SOUZA, 2011, p.[4])

Como também a criança não deve se sentir inferior a outra. Como explicitado por Bento e Junior(2011), ao falar da pedagogia que reforça o preconceito, as crianças negras

quando rejeitadas experimentam sentimentos de auto-rejeição e rejeição pelos outros negros, negando o seu corpo e sua história.

No Brasil, as representações do corpo negro estão marcadas por estereótipos negativos... cria-se e difunde-se a ideia de um corpo feio, promíscuo, sujo, mal-cheiroso e portador de cabelo ruim. Isso gera vergonha na criança negra, afeta sua autoestima. Muitas vezes a vergonha, o desconforto do pertencimento racial aparece na educação infantil e acompanha toda a vida escolar das crianças negras. (BENTO e JUNIOR, 2011, p. 20)

Bento e Junior (2011) aponta que em pesquisas sobre educação infantil mostram que professoras tendem a classificar crianças negras, principalmente meninos negros, os mais difíceis de lidar. “Essas crianças recebem atributos pautados em um comportamento social considerado negativo, tais como “custa mais para aprender a dividir os objetos”; “ele é terrível, não para, não fica quieto”; “agitado”; “agressivo”; “teimoso”; “muito levado”” (BENTO e JUNIOR, 2011, p.21)

É preciso que a escola assuma verdadeiramente sua obrigação de oferecer uma convivência respeitosa entre todas as crianças, independentemente de sua raça, origem ou classe. A escola deve transformar-se em um ambiente onde o respeito pelo outro é maior do que comentários e atitudes preconceituosas. É preciso que essas diferenças sejam reconhecidas sim, pois cada um tem suas singularidades, mas não podem ser vistas como algo faltante, negativo. É isso que a escola deve trabalhar desde a educação Infantil.

Complementando esse pensamento, a opinião de Gomes(2000) defende uma prática pedagógica que enxerga as semelhanças e as diferenças do outro. Esta não vai exigir um padrão exclusivo e único, ou seja, não conduzirá uma prática discriminatória. Não existem padrões de comportamento, de ritmo, de aprendizagem. Escolas que exigem padrões veem as diferenças como desvios, desrespeitando assim as diferenças de cada aluno. Essas diferenças estão em todos, o trato desigual dessas diferenças produz práticas intolerantes e excludentes que determinam as práticas dominantes na sociedade atual. A escola é o local onde ocorre a união das diferenças, e isso deve ser visto como uma vantagem. Pois é uma das instituições que podem aproveitar o que esse encontro pode oferecer. “... a questão da diversidade cultural na escola deveria ser vista no que de mais fascinante ela proporciona às relações humanas.” (GOMES, 2000, p.74)

Lima (2005) afirma que é na educação infantil que são constituídos os primeiros embriões dos valores, costumes e princípios éticos, onde também as manifestações racistas e discriminatórias poderão ser enfrentadas.

De acordo com Mota, Machado e Lima (2010), a instituição, para fazer com que isso ocorra, deve estar aberta para todos os seres sociais e todos os conhecimentos gerados a partir deles e de toda a história, não fixando-se apenas em conteúdos determinantes de uma monocultura hegemônica. A escola precisa trabalhar com seus alunos um currículo multicultural, para que todos, independentemente de sua raça, etnia, contexto social ou cultural, sintam-se incluídos.

A escola deve ter como objetivo fazer atividades que abordem as várias culturas, incluindo todos, formando cidadãos críticos que possam respeitar e conviver com as diferenças. Um exemplo de conquista social das reivindicações de movimentos negros na educação foi o ensino da cultura africana e indígena acrescentada ao currículo do ensino fundamental e médio. Bento (2011) argumenta a necessidade de incluir a educação infantil ao ensino da cultura africana e indígena, pois, de acordo com pesquisas, as crianças de 4 a 5 anos já desenvolvem algum conceito ou identidade de raça.

Para Gomes(2000), afim de que as diferenças de cada grupo sejam respeitadas devem ser implantadas políticas públicas que respeitem as histórias dos variados grupos étnico sociais, fazendo com que parte do conhecimento ensinado na escola esteja vinculado aos conhecimentos dessas diversas histórias. Ou seja, as práticas pedagógicas inclusivas devem permear o ambiente escolar. Não devem ser deixadas de lado, sendo destinadas a práticas solitárias e excludentes.

Ao trazer essas atividades inclusivas (podem ter como centro o próprio aluno e suas experiências), a aula fica mais significativa e mais dinâmica despertando o interesse dos demais. Quando os alunos trazem suas experiências para dentro da sala de aula se produz saberes diferenciados e únicos para aqueles sujeitos que compartilham o mesmo momento e, assim, são construídas novas formas de aprender e ensinar. E nessa troca todos aprendem, tanto professor como aluno.

Ao refletir sobre isso e o porquê das escolas não trabalharem as diversidades ou as diferenças em seu currículo e em suas práticas pedagógicas, pode-se fazer uma relação com como essas diferenças tem sido abordadas, delimitadas em documentos oficiais de orientação curricular, como exemplo nos parâmetros curriculares nacionais voltados à educação infantil. Cruz, Rodrigues e Tebet (2010) defendem que alguns documentos, como os analisados por elas, *Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil de 2006*, *Política Nacional de Educação Infantil de 2006*, *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 2009* e o *Documento Final da Conferência Nacional da Educação Infantil (CONAE) de 2010*, partilham de uma concepção de que a diversidade e a diferenças são a causa de

desigualdades sociais, o que limita a compreensão da dimensão somente econômica. O espaço destinado a temática é tratado de forma genérica, e todas as questões de gênero, sexualidade, sociais, raciais e de etnias são tratadas sem diferenciação, sendo que cada uma tem suas formas estruturantes e especificidades. A medida que colocam todos esses segmentos em uma definição única de diversidade, elas acabam não sendo tratadas de forma concreta e real. Para essas autoras cada segmento diferenciado merece uma atenção específica, sendo visto e trabalhado em suas especificidades nas escolas. Mas para que isso ocorra é necessário que compreendam essas diferenciações, para não jogar todos eles em um bolo chamado diversidade, sem determinar práticas concretas que irão trabalhar suas particularidades.

Outros autores compartilham desta ideia. “Não há como negar a grande diversidade dos grupos humanos e, por consequência, não há como negar as diferenças que os caracterizam. E muitos menos colocar-se em uma busca da homogeneização de todos eles.”(TEIXEIRA E LOPES, 2006, p.12).

Concluindo assim a urgência de incluir e respeitar essa diversidade nas escolas, nas comunidades e por fim, batalhar por um respeito as diversidades em toda a sociedade a partir do conhecimento sobre o outro.

Precisamos aprimorar um olhar que nos coloque face a face com o estranho, com a diferença, com o desconhecido, que não pode ser reconhecido nem apropriado, mas apenas conhecido na sua especificidade diferenciadora. Não se trata de reduzir o outro ao que nós pensamos ou queremos dele, como também não se trata de assimila-los a nós mesmos, excluindo sua diferença. Abrir o olhar e a sensibilidade ao estranhamento, ao deslocamento do conhecido para o desconhecido, que não é só o outro sujeito com quem interagimos socialmente, mas também o outro que habita em nós mesmos, é o que temos por fazer.(TEIXEIRA e LOPES, 2006, p.17)

Por fim, reconhece-se o outro como parte integrante da sociedade e necessidade primeira de incluir sua história, seus conhecimentos produzidos junto aos conhecimentos vistos nas escolas, para contribuir num crescimento e na conscientização das crianças que irão construindo relações harmoniosas com todas as pessoas, independente de raça, etnia, sexo, classe social, e outras, pois ele terá tido em seu processo de desenvolvimento informações, práticas educativas que o ensinaram a ser sensível às diferenças, conhecendo-as e respeitando-as e também percebendo-as em si próprio.

2.3 Práticas escolares visando a igualdade social

A preocupação em incluir as diversidades no ensino na educação infantil está presente em algumas ações escolares pelo Brasil, além dessas práticas escolares, há incentivos para tais práticas, um exemplo é o “Prêmio Educar para Igualdade Racial”. Esta é uma iniciativa do Ceert- Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades, em parceria com o Banco Real. Sua primeira edição aconteceu em 2002, e desde então tem sido uma das ações impulsionadoras de uma educação mais igualitária. Essa ação premia não só as escolas mas também professores que fazem essa prática em suas salas de aula.

Algumas experiências são citadas pelo livro *Práticas Pedagógicas para a Igualdade Racial na Educação Infantil* (BENTO e JUNIOR, 2011). Em seguida algumas dessas experiências são relatadas para servir de exemplo e referência para as práticas pedagógicas que valorizam a diversidade.

Maracazinho valorizando a cultura afrodescendente. O tema principal desse projeto é o Maracatu de baque-virado, que por meio de dança e música valorizou-se a cultura afrodescendente. A professora trabalhando no cotidiano das suas aulas com desenhos, histórias, leituras de imagens, rodas de conversa, além da criação de um cantinho para instrumentos musicais do maracatu proporcionou aos alunos aproximação entre eles, aumento da autoestima e o fortalecimento da identidade. Esse projeto propicia que todas “as crianças brancas e negras vivenciem igualmente situações cotidianas[...]tenham tratamento igualitário nas diversas situações cotidianas da educação e do cuidado,[...] recebam a mesma atenção do professor”(BENTO e JUNIOR, 2011, p.46)

Griot: africanidades na educação infantil. Essa experiência não é de apenas uma professora, mas sim de uma escola, pois esta inscrita no PPP. Aspectos da cultura africana, identidade e autoestima são os pontos principais dessa experiência. Os alunos eram participantes ativos nesse projeto, eles viam filmes e recontavam a história, como também montaram painéis, confeccionaram bonecas de papel revista, modelaram uma galinha de argila, entre outras atividades. A escola tornou-se um espaço de conversa envolvendo identidade racial, envolvendo os pais e as crianças. As recomendações feitas sobre essas experiências foram “ indicar a obrigatoriedade da inserção da temática étnico-racial nos PPPs das instituições de educação infantil[...]envolver a família em atividades, nas quais a diferença e a condição de negros podem ser valoradas positivamente”(BENTO e JUNIOR, 2011, p. 48)

Gênero e raça: mala da diversidade- A viagem em busca de nossas raízes envolveu as crianças, a família e a escola, as crianças deveriam produzir um boneco de pano de uma pequena mala para cada criança. Os bonecos iam no final de semana para a casa das crianças com um diário de bordo, onde os pais deveriam escrever as experiências do final de semana. Outra atividade que fazia parte dessa confecção consistia no manuseio e exploração da mala, da boneca. As crianças foram incentivadas a tocar no corpo dos colegas, para perceber as diferenças “ As crianças negras não gostavam que tocassem em seus cabelos e outras crianças evitavam brincar com bonecas negras.”, mas ao fim do projeto, as mudanças no comportamento das crianças foram positivas. Essa experiência mostra a importância de “ abordar e ajudar as crianças a entenderem as diferentes texturas de cabelo, cor de pele e etc.;[...] promover situações nas quais as crianças possam compreender que as diferenças não significam inferioridade”(BENTO e JUNIOR, 2011, p. 51)

Projeto Griô: contador de histórias por meio de contos, visitas ao Museu Afro-brasileiro, confecção de panos com retalhos, leituras de contos africanos, sessão de penteados de biotes e plantio de sementes as crianças entraram em contato com a cultura afro-brasileira. A participação dos pais também foi importante para o projeto e da comunidade, fazendo parte da realização de oficinas. “Esse trabalho contribuiu para a construção da identidade racial das crianças, para o fortalecimento da autoestima e da auto confiança delas, permitindo o conhecimento da história e da cultura africana.” (BENTO e JUNIOR, 2011, p. 56)

Perante essas práticas, projetos e experiências confirma-se a possibilidade e eficácia de incluir a diversidade no cotidiano escolar, seja por mudanças no projeto político pedagógico da escola, como por iniciativas de professores. O que pode-se perceber é uma preocupação e muitas possibilidades para a inclusão das diversidades.

Capítulo 3

Observação e oficina de cinema

Neste capítulo estão os componentes principais da pesquisa ou do objeto de estudo. São apresentadas a escola, a turma onde foram feitas as observações e realizadas as oficinas e a descrição das observações e o resultados das oficinas.

3.1 A Escola

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola de educação infantil pública de Brasília, a escola Jardim de Infância 106 Norte. A ideia foi muito bem recebida tanto pela direção da escola, como pelos professores.

A escola está situada na Quadra residencial 106 da Asa Norte, Brasília, DF. É uma escola de educação infantil, tendo turmas de maternal II, 1º período e 2º período. Tem 210 alunos matriculados, disponibiliza 15 vagas para o maternal, 28 vagas para o 1º período e 28 vagas para 2º período, por turma. Sendo que oferece 2 turmas de maternal, 3 turmas de 1º período e 5 turmas de 2º período abrangendo turnos matutino e vespertino.

A escola é composta no espaço interno por cinco salas de aula, secretaria, sala de professores, sala da direção, da coordenação, cozinha, biblioteca, sala de informática, área interna comum (Foto 3), área externa com horta (Foto 4), piscina, parquinho de areia e área livre.



Foto 3: Área interna comum.

As salas são diferenciadas pelas cores: azul, laranja, amarela, vermelha e verde. Há uma rotina que guia todas as turmas especialmente para o uso das áreas comuns, como o espaço do lanche, biblioteca/informática, piscina e o parquinho.



Foto 4: Horta da escola.

A equipe escolar é composta por 1 diretora, 1 vice-diretora, 1 secretária, 2 coordenadores pedagógicos, 10 professoras, 1 professora encarregada da biblioteca e das aulas de informática, 1 professora readaptada auxilia na coordenação e na biblioteca, 3 porteiras, 1 merendeira, 3 servidores na área da limpeza e 3 vigias noturnos.

No ano de 2013, o projeto *Cuidar e Educar, Brincar e Interagir: com a turma do Maurício de Souza* tem norteador diversas atividades dentro da escola, permeando as atividades em sala de aula, os vídeos utilizados, as peças e os jogos. Porém, a escola tem outros projetos, como o *Maluquinhos pelo livro*, projeto da biblioteca onde os alunos podem pegar livros emprestados semanalmente; *Tem horta no jardim*, trabalham com uma horta experimental, e os alunos acompanham desde o plantio até a colheita e a utilização das hortaliças no lanche do dia; *Fruta no jardim*, que está relacionado a alimentação saudável, os alunos devem trazer frutas para dividir entre os colegas toda quarta-feira; o *Projeto de psicomotricidade* que acontece mensalmente com as coordenadoras onde fazem diversas atividades físicas para desenvolver psicologicamente e motoramente e, por fim, o *Aniversariante do mês*, onde todos os aniversariantes do mês ganham uma festa com bolo, refrigerante e doces, o que é muito importante, pois nem todos os alunos tem a oportunidade de comemorar o aniversário.

A turma Amarela

A turma em observação e participante da pesquisa é a turma *Amarela*. A turma tem 25 alunos e é composta, na sua maioria, por crianças de 5 anos de idade.

As crianças estão iniciando a escrita do próprio nome. As atividades feitas na sala são voltadas para a socialização da criança – abarcando as questões de divisão de brinquedos e materiais, respeito entre os colegas e professora e amizade - o desenvolvimento do desenho, coordenação motora fina. As atividades muitas vezes estão relacionadas às datas comemorativas, como por exemplo: dia das mães, festa junina, dia dos pais. São trabalhadas questões relacionadas com a família e noções de cidade e campo.



Foto 5: Interior da sala da Turma Amarela.

A aula começa às 7:30 e termina às 12:30. Os alunos ao chegarem à escola ficam no pátio sentados em filas de suas respectivas turmas, esperando o momento para irem para a sala. Esta é a chamada de acolhida do alunos pela escola, dependendo do dia algumas coisas são feitas, como na segunda-feira, tem o momento cívico, onde um aluno de cada turma segura a bandeira junto aos de outras turmas, para prestigiar e cantarem o Hino Nacional. Em outros dias os alunos podem seguir diretamente para a sala. Ao chegar na sala de aula os alunos junto com a professora fazem *A rodinha*, que é o momento dos relatos das crianças sobre o final de semana, quando acontece na segunda-feira, ou em outros dias da semana, sobre algum fato do cotidiano. Às vezes essa rodinha tem momentos de música ou de expressão corporal. A professora ou ensina uma nova música ou introduz algumas atividades para exercitar a expressão física das crianças. Depois desse momento da roda, vem a

contagem dos alunos presentes e ausentes, o que contribui para o controle da professora, além de contribuir com os alunos na associação da escrita com o nome dos colegas, pois a professora escreve no quadro o nome dos alunos que faltaram. Após isso, é feita a atividade do calendário com os alunos, eles devem desenhar algo proposto pela professora no dia em questão. O objetivo dessa atividade está relacionado à presença dos alunos e objetiva criar a percepção da cronologia, envolvendo datas, dias, semanas e mês. Após o calendário, normalmente é feita alguma atividade do livro que trabalha os números, a escrita e o desenho. Depois disso, às 9:15, acontece o lanche, que vem geralmente seguido do parquinho. Após o parquinho, por volta das 10:00, os alunos fazem a última atividade do dia. Esta depende do dia, mas as possibilidades são a utilização do vídeo, biblioteca e aula de informática, piscina, e outras atividades dentro de sala como massinha, quebra-cabeça, ou continuação da primeira atividade do dia.

Os alunos da sala amarela pertencem a classes socioeconômicas variadas, alguns alunos moram perto da escola, na Asa Norte, enquanto outros são filhos de trabalhadores da região e moram em cidades satélites. Alguns alunos eram anteriormente de escolas particulares da mesma região, mas por motivos não informados, mudaram para esta escola. Alguns alunos são provenientes de outras escolas públicas do DF. Na sala tem duas meninas negras, e durante a fase final da pesquisa, recebeu uma menina de São Paulo com traços típicos de descendência asiática. Os alunos aparentam ter boa relação entre si. Não foram observadas práticas excludentes entre as crianças. Algumas por serem mais ativas e mandonas, eram chamadas de “chato(a)”, “briguento(a)”, “que bate em todo mundo”. Porém, não foram observados comentários pejorativos, comportamentos excludentes e discriminadores.

Notas sobre a escola e o vídeo

A escola tem como costume a prática com filmes. Este foi um dos fatores favoráveis para a escolha desta escola, em particular, pela possibilidade de observar as atividades com filmes dentro da sala de aula e com a professora regente da turma, como também a maior abertura à pesquisa que envolve esse recurso pedagógico.

O dia do vídeo está na grade horária das turmas e cada turma tem o direito de utilizar a televisão em seu determinado dia. Na turma Amarela, este dia é a terça-feira. Porém, essa utilização é livre segundo a Diretora da escola, “pois nem sempre cabe a utilização dele”.

A escola também tem diversos projetos e atividades complementares, como a horta, projeto Maurício de Souza, teatrinho, hora do conto e jogos elaborados pelo MEC nas aulas de informática.

Apesar de haver uma prática de filmes na escola, o acervo de filmes é limitado. A professora, Viviane, da turma em que foi feita a observação alega que são poucos os filmes disponíveis na escola e que como todas as turmas fazem atividades com essa mídia, é necessário buscar os filmes fora da escola. Muitas vezes, os próprios professores arcam com essas despesas.

A EAPE, Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do DF, tem uma videoteca que está disponível para o empréstimo de mídias para os professores. Entretanto, a professora expõe a dificuldade da falta de tempo para ir toda semana a EAPE. Segundo a professora, a Diretora pretende, no futuro, comprar televisões com entradas USB para que seja mais prático a realização da atividade.

Ao entrevistar a Diretora da escola, na gestão há 2 anos, sobre o dia do vídeo, ela informou que essa prática do dia do vídeo é antiga e que antes o acervo era extremamente rico, mas como era no formato VHS, foi considerado obsoleto e doado.

A Diretora informou que sempre recomenda e ressalta a importância da utilização do vídeo em sala de aula durante as reuniões com as professoras, mas disse que nem sempre as orientações dadas são seguidas por todas. Comenta que muitas usam o vídeo apenas como descanso, sem fazer qualquer relação entre o filme e o conteúdo. Ela lamenta o fato e afirmou não ter como controlar isso.

Porém, foi observado que apesar de cada turma ter o seu *dia do vídeo* nem sempre a utilização do filme acontece. Nos vários dias em que observei a sala Amarela, foi possível avistar a televisão todo o tempo fora das salas, na área interna comum, aguardando para ser usada pela sala do dia, porém não acontecia. Vi apenas uma professora, além da professora da

sala Amarela, usar a televisão. Isso mostra que apesar da escola incorporar o vídeo em sua grade horária, não necessariamente significa que o filme será utilizado ou está sendo utilizado, e, muito menos, que será ou está sendo explorado para além de sua função de entretenimento. Confirmando o que foi explicitado pela Diretora da escola, que apesar dela incentivar o uso não são todas as professoras que acatam e entendem a importância do filme para o aprendizado das crianças.

Em conversas informais com as professoras da escola o que foi percebido é que não fazem o uso do filme, dizem que geralmente tem outras coisas para resolver e outras atividades para aplicar aos alunos. Uma professora afirmou “Raramente uso filmes, então nem posso responder suas perguntas sobre isso”, referindo-se ao questionário que foi entregue às professoras da escola como parte da pesquisa.

Outra questão colocada pela professora da turma amarela referente ao uso dos filmes. “A gente também só usa o filme de forma mais lúdica, para trabalhar a musicalização, até mesmo nas nossas recomendações aparece o uso do filme como recurso lúdico, nada é falado sobre usá-lo como discussão de conteúdos, por exemplo”, deixando claro que apesar de ser a professora que usa o filme toda terça-feira, não o usa realmente como um recurso didático como o livro, por exemplo. Então, não explora as temáticas oferecidas por esse meio, nem incentiva discussões acerca dos temas possíveis, o que é uma constatação ruim, pois o filme pode e deve ser melhor aproveitado, para além de seu caráter lúdico e de divertimento.

3.2 Observações da Rotina e Procedimentos

Antes da realização das duas oficinas, foram feitas observações em quatro dias diferentes e alternados da semana para acompanhamento da rotina escolar e principalmente das atividades realizadas na *Turma Amarela*. As observações preliminares à realização das oficinas foram de extrema importância para familiarização e interação com a turma e o entendimento do funcionamento da mesma, da forma da professora lidar com seus alunos e para a percepção das questões que seriam mais importantes na abordagem das crianças. Para melhor visualização do leitor, possibilitando uma leitura mais fluida, as observações foram divididas por títulos. Finalizando, o relato das observações, é feita uma discussão sobre o preconceito na escola e em seguida são apresentados os resultados das Oficinas I e II.

Conhecendo a Escola e a turma

No primeiro dia de observação, dia 24 de maio, o objetivo foi conhecer a escola, a turma em que a pesquisa seria realizada e onde as observações e as oficinas seriam trabalhadas, bem como conversar com a Diretora e a Professora responsável pela turma sobre as rotinas escolares, os projetos e os temas da pesquisa - o cinema e as diversidades e o preconceito na escola.

Ao chegar na escola, a Diretora não estava presente. Então fui recebida pela secretária que me conduziu até a Sala Amarela e me apresentou à professora responsável. A professora estava colando uma folha nas agendas dos alunos, pediu para eu pegasse uma cadeira e sentasse onde eu quisesse. Ela parecia muito atarefada. Passei a observar o interior da sala e os alunos. Diferentemente das turmas que observei no ensino fundamental, as carteiras não eram individuais, eram mesas grandes com seis ou sete cadeiras. No total, eram cinco mesas, sendo que uma estava praticamente vazia com algumas pastas em cima. Portanto, os alunos estavam divididos em quatro mesas. Os alunos, diferentemente das turmas de ensino fundamental, eram bem mais ativos fisicamente, inquietos, mudando de mesa, de pé fazendo alguma coisa, saindo de sua mesa para conversar com um colega de outra mesa, saindo para ir ao banheiro ou chamando pela professora. É marcante essa diferença entre a educação infantil e o ensino fundamental.

A professora, após terminar de colar os recados na agenda, veio conversar comigo, brevemente, perguntando se eu era estagiária. Respondi que não, que estava ali para observar, inicialmente, e para realização de uma pesquisa que faria parte de minha monografia de conclusão do Curso de Pedagogia na UnB. Falei um pouco sobre o tema.

Nesse momento, ela disse para eu ficar à vontade e foi continuar suas tarefas. Fiquei sentada apenas observando. Logo após, ela me mostrou a agenda dos alunos, mostrando que estavam se preparando para a festa junina e que tinham acabado de sair da festa do dia das mães. “Não tem descanso!” ela afirmou. Ela parecia cansada. Mencionou que o trabalho na educação infantil é muito “pesado” e que normalmente os professores preferem o ensino fundamental porque o salário é maior. Ela perguntou o que eu queria. Falei que ainda não tinha definido, mas que me interessava bastante pela educação infantil. Ela disse “pra fazer isso aqui Ó- apontou para a sala- tem que gostar muito, viu?” Concordei com ela.

Após a atividade que estavam fazendo, a professora levou a turma para o lanche, e em seguida ao parquinho. No parquinho pude observar a liberdade de criação das crianças, elas brincam de várias coisas, meninos são policiais e meninas são rainhas, ou então, brincam juntos de um jogo estilo pique-pega misturado com pique-cola, mas quem está no alto não pode ser pego. Nesses momentos podemos ver algumas meninas que preferem brincar apenas com outras meninas, como também meninos que preferem brincar sozinhos. Observei um menino brincando sozinho e sempre olhando para mim ou para a professora. Apesar de brincar sozinho se divertiu com sua própria imaginação, criando seu próprio mundo. No entanto, em determinados momentos ele entrou na brincadeira dos outros, e logo depois saiu para brincar sozinho novamente.

Depois do parque as crianças foram para o pátio sacudir a areia e lavar as mãos na pia do espaço comum. Voltaram correndo para a sala e começaram a brincar e correr pelo espaço. A professora chamou a atenção e pediu para formassem uma fila, pois iriam para a biblioteca. Alguns gritaram “aeae! “Eba!” “vai ter computador tia?” A professora respondeu que sim e todos gritaram de alegria. Formaram a fila e a professora disse “A gente vai para a biblioteca agora e lá tem que fazer o quê?” Eles respondem cochichando “Silêncio!”. Então começaram a falar baixinho e cantaram juntos a música do trem, que segundo a professora toda vez que saem da sala em filas cantam essa música.

Ao chegarem na biblioteca, uma outra professora que está os aguardando pede para que sentem no chão para lhes contar uma história. Na biblioteca tem algumas estantes com livros, principalmente literários, mas também algumas coleções para os professores, como a coleção dos educadores, contendo livros de Paulo Freire, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Piaget, Valnir Chagas e outros. Além dos livros, o mesmo espaço abriga a sala de informática, com 16 computadores e duas cadeiras cada um. E por fim, tem um cenário pequeno que imita uma floresta com árvores e o sol, junto a ele tem alguns animais de

pelúcia. Eles servem para ilustrar e ambientar a história dos livros que são contados na biblioteca por essa professora.

Os alunos sentam no chão e a professora fala que irá contar a história da Formiga que não se acha importante. A professora chamou uma menina para ser uma personagem da história que fica lendo o livro. Ao contar a história, a professora não leu, ela usou os bichos de pelúcia e outros acessórios, além de fazer vozes diferentes para cada personagem, colocando ênfases em momentos de tensões. Ela conseguiu prender a atenção dos alunos que ficaram muito envolvidos com a história.

Ao terminar, ela falou sobre o valor de cada pessoa e que cada um tem sua devida importância. Perguntou se os alunos, os funcionários e a professora são importantes para escola. Os alunos respondem que sim. Um comenta “A professora é importante porque senão a gente não ia saber nada”. Foi lindo ver a consciência dessa criança.

Depois os alunos foram para a sala dos computadores. Como muitos tinham faltado nesse dia, cada um conseguiu ficar com um computador. Orientados pela professora, começaram a jogar um brinquedo disponibilizado pelo MEC para as escolas públicas. Tinham jogos de contagem, de labirinto, de vestir bonecos e criar desenhos. São jogos feitos para desenvolver a capacidade motora das crianças. Os alunos apresentaram dificuldades com o mouse, não achavam o cursor na tela. Outros, em jogar os jogos ou completar o objetivo do jogo, as professoras acabavam intervindo e mostrando a resposta. Acredito que deveriam incentivar o aluno a fazer por conta própria. Outra questão importante é checar se o nível dos jogos é apropriado para os alunos. Começar com um nível inicial para que o aluno possa ir avançando e escolhendo e jogando o que consegue e tentando vencer alguns desafios, possibilitando um desenvolvimento crescente.

O dia do filme promissor, mas não tão bem aproveitado

O dia 28 de maio, o segundo dia de observação, foi um dia importante para a pesquisa, pois foi em uma terça-feira, justamente o dia dedicado ao vídeo na *Turma Amarela*. Era necessário observar como o audiovisual era tratado dentro da sala de aula, pois mesmo que a escola tenha uma grade horária onde incentiva o uso desse recurso, não implica necessariamente que está sendo usado adequadamente ou com aproveitamento.

A atividade inicial do dia se deu com a utilização do livro *Buriti Mirim 2*, da Editora Moderna. A primeira atividade consistia em contar as figuras e escrever ao lado destas o número que as representariam. Foram trabalhados, nesse exercício, os números 1, 4 e 5. A professora escreveu no quadro para que os alunos vissem como se escrevia o número 4. Muitos o escreveram de forma invertida, a professora chamou a atenção para isso. Outra forma de trabalhar os números foi pedindo para que abrissem o livro em páginas determinada, fazendo-os procurar. O outro exercício do livro consistia em circular algumas palavras como ROSA, ROSEIRA em uma sequência de letras.

Após essas atividades, a professora pediu para que se sentassem com ela no chão. Ela chamou a atenção para uma outra aula que tiveram sobre verduras plantadas na horta e frutas plantadas no pomar. A escola tem um projeto de Horta e nesse projeto os alunos plantam diversas verduras, e participam do processo, aprendendo um pouco sobre a terra, sobre alimentação saudável, sobre o cultivo de plantas, e questões relacionadas.

Essa discussão foi seguida por um exercício no mesmo livro sobre alimentação saudável, onde os alunos deveriam circular alimentos que são saudáveis entre variados alimentos, por fim, discutiram sobre quais alimentos gostam e os relacionaram com os alimentos saudáveis presentes em um mural onde foi observado um cartaz onde os alimentos estão divididos em saudáveis, mais ou menos saudáveis, não saudáveis, e sobre a necessidade do consumo deles. O primeiro deve-se comer sempre, o segundo de vez em quando, o terceiro poucas vezes. O cartaz foi feito pelos alunos em uma atividade anterior.

Depois dessa atividade os alunos foram para o lanche, e então para o parquinho, esta é a hora da recreação. Nesse momento os alunos são bem livres, pois não é uma recreação direcionada. Aí pode-se perceber alguns alunos mais quietos, outros que não dividem brinquedos, e alunos que brincam de tudo. São observados grupos de meninas apenas, e alguns com apenas meninos. Mas a maioria dos alunos brincam juntos em uma brincadeira em comum, o pique-cola. Às vezes, alguns dos outros grupos entram nessa

brincadeira. Percebe-se também alunos que brincam sozinhos, e em alguns momentos interagem com outros.

O momento do parquinho é utilizado pela professora como punição aos alunos que pelo seu ponto de vista se comportaram mal. Nesse dia, três alunos ficaram sentados apenas observando os outros brincarem, pois estavam sendo repreendidos por terem se comportado mal dentro de sala de aula, seja por baterem no colega, ou desrespeitar a professora, como não obedecer algumas de suas ordens.

Um aluno em particular é uma preocupação para a professora, pois ele foi expulso de 3 escolas particulares e seus pais não estiveram presentes nas reuniões da escola. Ela contou que ele bate e agride verbalmente os colegas, e ela acredita que pode auxiliar o menino a se comportar melhor deixando-o fora das atividades do parquinho. Mas não foi visto um momento de conversa entre a professora e o aluno nesse dia, nem durante o castigo. Alguns comentários da professora são preocupantes, tais como: “Esse aí não tem futuro não, se continuar desse jeito. Não vai chegar no ensino fundamental, vai sair fora da escola desse jeito”. São comentários alarmantes, pois se a professora do aluno não acredita que ele tem capacidade de desenvolver-se cognitivamente e aprender a conviver socialmente, as atitudes dela em relação a ele serão sempre negativas, com comentários que podem depreciá-lo e fazer com que sua autoestima diminua, o que pode contribuir para um desenvolvimento e uma aprendizagem defasados.

Após a recreação chegou o momento do filme. As crianças se preparam para o momento esperado. Pegam seus colchonetes que estão disponíveis no mesmo móvel que sustenta a televisão. A Professora sai da sala para buscar o filme. Os alunos se ajeitam, discutem por determinados lugares, mas conseguem, ao fim, se acomodar. A professora chega à sala e coloca o filme, pergunta se alguém já tinha assistido o filme, e diz que quem já assistiu, assistirá novamente. Mais da metade da turma tinha visto o filme escolhido.

O filme *Lorax* é um desenho animado de 2012, um filme muito recente, o que demonstra mostra que as crianças tem tido acesso cada vez maior a filmes, incluindo crianças de classes mais desprovidas de recursos financeiros, a partir do conhecimento que muitas crianças moram em cidades periféricas. O que mostra, na prática, como as mídias estão atingindo a todos e, conseqüentemente, contribuindo na construção do sujeito.

A história do filme é sobre um menino Ted que apaixona-se por Audrey. Ele descobre que o sonho dela é ver uma árvore de verdade, já que no mundo que eles vivem essas não existem mais, e por isso, o ar puro é vendido em garrafas por uma empresa da cidade. Ted, disposto a realizar esse desejo, vai atrás de um senhor que sabe como as árvores

acabaram. O senhor conta a ele que foi por sua culpa que as árvores sumiram, pois ele era um jovem muito ambicioso e queria apenas vender seu produto, que tinha como matéria prima a folhagem das árvores. Conta que desafiou o protetor da floresta, Lorax (um animal que surge da magia e da fantasia após a primeira árvore ser cortada), e desmatou todas as árvores, ao fim, percebeu que acabou também com sua matéria prima e não poderia mais vender seu produto. Arrepende-se amargamente de suas ações do passado, e entrega a Ted uma última semente da árvore. Ted passa por algumas dificuldades, por causa do dono da empresa do ar puro engarrafado, mas ao final triunfa plantando e mostrando a todos da cidade a importância das árvores.

No começo do filme as crianças estavam extremamente concentradas e assistiam atentamente. No decorrer do filme, percebe-se que duas ou três crianças se distraem, uma dormiu. Mas ao final, na última sequência de perseguição quase todas voltam a ficar concentradas e interessadas para saber como se dará o final. O filme acaba 30 minutos antes do fim do dia escolar dos alunos, 12h30. Nesse tempo a professora está preocupada em arrumar as mochilas, as agendas e os materiais. Deixando o filme sem discussão. Apenas perguntou aos alunos do que tratava o filme e perguntou se é preciso respeitar a natureza. Todos respondem em coro: SIM! Mas nada mais foi feito em relação ao filme, ou seja, os filmes apesar de estarem sendo utilizados na sala de aula, não são relacionados aos conteúdos com atividades aprofundadas.

A professora apenas escolheu um filme que estava disponível na escola, não houve um planejamento que integrasse o filme às atividades do restante do dia. Não foi feita uma atividade de introdução ou discussão do tema. Poderiam ser tratados diversos temas com esse filme, como o meio ambiente, fotossíntese, ambição x respeito, ou até mesmo sobre os animais da floresta. A professora apenas passou o filme sem um objetivo claro. Essa é uma das maiores críticas em relação ao trabalho com filmes na sala, sendo os filmes empregados como recursos de entretenimento, sem dar a eles a importância pedagógica devida.

O dia dos aniversariantes e dos mais altos

Quinta-feira, dia 6 de junho, foi o terceiro dia de observação na *Turma Amarela*. A primeira atividade do dia foi no mesmo livro da aula anterior já relatado. Fazer uma atividade sobre as flores e suas utilidades. A professora descreveu as flores, as utilidades e colocou no quadro as quatro utilidades das flores.

Após essa atividade, a professora escreveu o nome dos alunos presentes no quadro branco e pediu para que observassem bem para depois falar onde estava o nome de cada um. Com o objetivo de preencher um formulário com os dados dos alunos, a professora pegou uma fita métrica e perguntou a eles o que era aquilo, muitos responderam que era uma régua e uma aluna disse que já tinha visto algo igual em uma costureira. Ela mostrou a eles uma régua e a fita métrica e perguntou se eram iguais, e por fim, disse a eles o nome do objeto. Pediu minha ajuda para medi-los.

Ficaram muito animados com a atividade esperando para ver quanto mediriam. A professora chamava um por um, media e colocava o valor medido ao lado do nome da criança no quadro. Dizia a cada vez que aparecia alguém com o maior número que este estaria ganhando, ou seja, seria o mais alto. Não creio que esta seja a melhor forma de abordar o tema, pois muitos riam do aluno ou aluna que tinha o número menor. Uma das alunas ficou com um número bem abaixo da média e a professora mesmo falou que era baixinha e riu, não falou para todos os alunos ouvirem, fez o comentário em voz baixa. A menina ficou um pouco envergonhada, enquanto que os colegas brincaram falando que ela era a mais baixa da sala. Me identifiquei com a situação da menina e me incomodei um pouco com isso, pois eu sempre fui a aluna mais baixa da sala em todo o meu ensino fundamental e sofri preconceito, o que me aborreceu muito na ocasião.

Depois de medir todos os alunos a professora pediu para que voltassem aos seus lugares e abrissem o livro para começar outro dever. Nesse, o aluno deveria completar a frase: Meu nome é _____, tenho _____ anos e tenho _____ de altura. Gosto de _____. A professora falou para os alunos completarem a última frase com BOLA para os meninos e BONECA para as meninas. Considero essa atitude discriminatória de gênero e que restringe a liberdade e criatividade do aluno, pois existem inúmeras coisas que os alunos podem gostar, não necessariamente será o que a professora determinou. O mais triste ainda foi perceber que nenhum aluno contestou ou pediu para escrever outra coisa ou perguntou como outro objeto era escrito.

Na minha visão, na educação infantil é onde a criança está mais livre de certas exigências e que tem maior liberdade para brincar, imaginar e ser criativo. Porém, quando me deparo com situações como essa, questiono se realmente a educação infantil nas escolas está deixando a criança ter sua liberdade de criação e de imaginação ou acaba podando sua criatividade. Muitas vezes é perceptível que os professores não fazem por mal, mas simplesmente o fazem. Creio que isso acontece, porque as professoras acabam na realidade reproduzindo o que viu na sua época escolar, o que é muito discutido no curso de Pedagogia. Em uma palestra intitulada “A escola Jenaplan: uma outra escola é possível” que assisti na UnB sobre uma escola inovadora na Alemanha, o palestrante Benjamin Bunk, mestre em Educação, com formação secundária em Psicologia, Ciência Política e Romanística, disse que o que mais acontece nas escolas é o professor repetir o que foi visto quando estava sentado nas carteiras, acrescenta que muitos professores mesmo passando pela licenciatura, com disciplinas como didática, como criatividade na sala de aula e diferentes metodologias, acabam na sala de aula apenas reproduzindo o que viu nas salas enquanto era estudante. O que é na verdade, uma outra discussão, os cursos de licenciatura e pedagogia deveriam fazer um trabalho mais profundo de desconstrução de algumas práticas e procedimentos inadequados e limitantes e de construção de práticas que contribuam para o desenvolvimento pleno do aluno.

O diferente choca

Sexta-feira, dia 7 de junho, foi um dia diferente e enriquecedor, pois os acontecimentos daquela manhã na escola permitiram não só as observações das atividades normais da escola e da Turma Amarela, mas fatos inesperados acabaram por contribuir com a temática da pesquisa, ou seja, a observação da percepção da professora e alunos frente às diferenças, em especial, quanto à deficiência mental e física.

Como toda sexta-feira na escola, naquela manhã as atividades foram mais livres. Os alunos trouxeram seus brinquedos favoritos de casa e durante vários momentos tiveram a oportunidade de brincar com eles. As crianças puderam escolher onde iam se sentar e com quem iam se relacionar. Apenas quando ocorria muita conversa ou confusão, a professora intervia.

A primeira atividade do dia foi fazer um desenho no dia do mês, cada um tem o seu papel com os dias do mês com seus desenhos referentes ao dia. Segundo a professora a atividade era importante para que eles comesçassem a ter noção de tempo, dias da semana e mês. Entretanto, quando observei os trabalhos percebi que muitos estavam pintando dias diferentes do dia 7, ou seja, não sabiam realmente que aquele dia era 7 de junho.

Após essa atividade, a professora entregou a eles pequenos desenhos da turma da Mônica em uma festa junina, canetas de colorir novas e pediu para que cuidassem bem, pois eram novas e as últimas secaram por perderem a tampa. Em seguida comentou comigo que “Não é só culpa dos meninos não, é porque as canetinhas são ruins mesmo, os pais não procuram comprar o melhor, só por que é escola pública acha que tem que ser o mais barato e ruim”. A professora comentou que na escola não há uma preocupação em cuidar do material. Na escola que trabalhava anteriormente ela observava que os alunos já vinham com uma preocupação maior em cuidar dos livros, cadernos e outros materiais, pois isso era trabalhado com eles desde cedo. Em seguida, ela abre o armário da professora que leciona no turno da tarde e comenta que ela, a professora do turno da tarde, não abriu a maioria dos materiais, dizendo “Ela não faz atividade com os alunos dela de pintar e colorir, por isso que tá tudo novinho. Tá vendo? Não tem a preocupação de usar e cuidar de material”.

Os alunos começaram então a atividade, uns pintaram dentro das linhas, outros fora. Alguns mais caprichados, usando várias cores, enquanto outros usaram menos. Eles dividiram sem problemas as canetas de colorir. Não observei ninguém querendo todas as canetinhas. Às vezes, um queria a cor que o outro estava utilizando. A professora chamou a atenção daqueles que estavam pintando “feito” como ela mesma disse. “Não pode pintar assim

não, fica horroroso!” “Desse jeito não, pode começar outro”. A professora elogia o que ela considera bonito e mostra para os alunos para seguirem o exemplo. Uma das alunas entregou a ela seu desenho pintado, e ela falou que não poderia brincar, pois fez tudo rabiscado. A menina sentou em uma cadeira, como a professora lhe mandou, e colocou a cabeça entre os braços triste. Uma colega ficou ao seu lado procurando confortá-la. A professora sentiu pena da menina e a liberou para brincar com a condição de que no dia seguinte ela deveria refazer a atividade de forma correta. Uma outra aluna ficou triste e disse para si mesma “Todo mundo tem razão, o meu tá feio!”, com voz chorosa. Apesar da professora ter pedido para que cuidassem das canetas novas, muitas já estavam no chão e sem tampa.

Nesse dia os alunos não puderam ir para o parquinho porque estava molhado e as crianças brincaram na própria sala de aula. Nesse momento o pai e o irmão de uma das alunas apareceram na porta da sala acompanhados da Diretora. A diretora disse “Seu pai trouxe seu irmão para visitar a escola! Vem aqui dar um abraço nele!” O irmão da aluna tem uma deficiência, que não identifiquei, comprometendo sua fala e os seus movimentos físicos, fazendo com que ele faça apenas sons e movimentos bruscos e sem muito controle. A aluna um pouco tímida, foi ao encontro do irmão, os outros alunos ficaram apenas observando de longe enquanto a Diretora conversava com o pai. A professora da sala foi dar um abraço no rapaz e a aluna também. Após isso, o menino saiu com o pai para ver a escola. Alguns alunos começaram a imitar os gestos descontrolados que o rapaz fez. Ficaram confusos, mas a professora não falou nada. Nada foi conversado. Depois de alguns minutos o pai e o rapaz voltaram para se despedirem. Desta vez o rapaz entrou na sala. Algumas crianças se afastaram. O pai chamou a filha para se despedir, ela o fez timidamente. O irmão dela a abraçou e a beijou no rosto, deixando todos emocionados, pois é perceptível o carinho que ele tem por ela. A Diretora falou “Ah, que lindo! Dá tchau para ele gente!” Então alguns alunos acenaram, a professora e eu, inclusive. Um aluno que estava mais próximo a mim falou “Ele parece um zumbi...o jeito que ele anda!” Mais uma vez, nada foi dito pela professora.

As crianças continuaram brincando e poucos minutos depois não comentavam mais sobre o irmão da colega. Ao meio dia, a professora pediu para que guardassem todos os brinquedos, arrumassem as mesas e sentassem na fila. Os alunos o fizeram brincando. Um aluno que muitas vezes está brincando sozinho atendeu ao pedido da professora de jogar fora um determinado papel no lixo, para isso ele fez alguns movimentos como se estivessem em uma missão no submarino para pegar o papel em baixo da mesa. Mostrando assim a criatividade e imaginação das crianças. A professora viu esses mesmo gestos indicando essa brincadeira dentro de sua cabeça e comentou “Esse aí vive viajando!”

Acho importante relatar a minha reação ao ocorrido. Durante minha trajetória no curso de pedagogia tive pouquíssima experiência com pessoas com necessidades especiais, apenas estudei um pouco sobre o tema em duas disciplinas voltadas para essa área. Quando vi o rapaz, também como as crianças, fiquei impressionada, pois foi uma visita inesperada. O rapaz tinha movimentos bruscos e pouco controláveis. Ele não falava, apenas saiam sons de sua boca. Quando ele apareceu, apesar da surpresa, procurei observar as reações das crianças, da professora e também a minha. A experiência foi muito válida para colocar à prova um dos focos da minha monografia. Contribuiu imensamente para perceber a necessidade de que desde muito novas é preciso que as pessoas conheçam as diferenças, para que possam lidar com elas de forma respeitosa e sem julgamentos. Essa experiência mostrou o despreparo da professora e meu próprio despreparo para lidar com pessoas com necessidades especiais. Fiquei perguntando a mim mesma, como poderia, como professora, contribuir para o crescimento e desenvolvimento daquele rapaz? Para mim, ficou clara a necessidade de ampliação de oportunidades de debater, com o tema, seja por meio de mais disciplinas obrigatórias ou de projetos específicos, no Curso de Pedagogia.

Existe preconceito e discriminação na escola?

Durante esse tempo em que observei a escola pude conversar, observar algumas situações que me levaram a perguntar, existe preconceito e discriminação na escola?

Conversando com as professoras da escola e diretora perguntei sobre os preconceitos, se elas o viam acontecer na escola, se presenciavam isso em sua sala de aula ou no pátio. E todas me disseram que não há, pois são crianças muito pequenas, e que isso só seria observado a partir do ensino fundamental, com as crianças maiores. Surgiu uma dúvida, como isso pode ser? A criança que discrimina vai aprendendo com o tempo, com exemplos e no cotidiano, também escolar. Vale ressaltar aqui uma visão em que os professores também são sujeitos que podem praticar a discriminação mesmo sem saber, pois alguns preconceitos e práticas estão tão enraizados e normalizados que passam despercebidos pelos professores.

[...] os profissionais da educação precisam discutir o racismo e os seus próprios preconceitos, temas que, com frequência, não têm sido reconhecidos como legitimamente pedagógicos. Encontro racismo e preconceito nas coisas da escola? Sim, e muito; e como poderia ser de outro modo? [...] acredito que existe o melhor método, uma única melhor maneira de ensinar isto ou aquilo; que tem especial apego a escolas de desenvolvimento, a padrões de aprendizagem...; que padroniza, que tem nas grades (curriculares) a base de seu trabalho: que separa, que segrega, desagrega, valoriza a delação, a desunião, a premiação e o castigo (KRAMER, 1995, apud SOUZA, 2011, p.[3]).

Esse fragmento de Kramer nos mostra como os depoimentos dos educadores quando falam que não há preconceitos em sua sala de aula podem estar equivocados. Para o educador algumas práticas são normalizadas até mesmo pelo seu próprio trabalho do dia-a-dia que está estruturado de uma forma que promove essa discriminação e a perpetua, por estar presente há muito tempo. Por isso não se discute, questiona e problematiza essa prática reprodutora de desigualdades.

Na conversa com a Diretora observei que nas reuniões com as professoras isso é raramente abordado. Há um certo cuidado em falar sobre o tema. A Diretora comentou que pouquíssimas vezes esse assunto é abordado em reuniões, e quando o é são dadas orientações para resolver a situação. Todavia não foi relatada nenhuma situação específica.

Apesar das professoras afirmarem que não ocorre preconceito na escola, não significa que não acontece. E para que isso seja melhor visto, até mesmo por elas, é indispensável que elas adotem uma postura aberta para conversar sobre o tema, precisam enxergar a necessidade de falar sobre si mesmas, perceber seus próprios preconceitos e estudar melhor as diferenças, as culturas e a história. A partir do momento em que as

professoras têm acesso ao conhecimento, perceberão o quão enraizado o preconceito está na prática. Ao deixarem de ser ignorantes nesse quesito, poderão realmente intervir efetivamente nas relações dentro das escolas, evitando práticas excludentes e preconceituosas muitas vezes realizadas inconscientemente. Essas atitudes são extremamente negativas para a criança e muitas vezes passam sem ser percebidas pelos pais, diretores e coordenadores da escola.

3.3 Oficinas

Oficina I

Segunda-feira dia 10 de junho de 2013 foi realizada a primeira parte do trabalho prático que consistiu nas duas oficinas. Nessa manhã foi realizada a Oficina I sobre as diversidades, a África e o conto africano.

Com a proximidade da festa junina da escola, a primeira parte da manhã foi tomada pelos ensaios da quadrilha. A oficina começou às 10:00 da manhã. A primeira parte da oficina consistia em trabalhar com os alunos as diferenças entre as pessoas. Para ilustrar essa discussão a atividade começou com os alunos recortando de revistas o perfil de pessoas. Somente a cabeça ou o corpo inteiro. Eles agiram livremente na escolha do perfil. Após o recorte, as figuras foram coladas juntas em um cartaz (Foto 6). Ao olhar o cartaz foi possível perceber uma variedade de perfis. Embora maioria era de pessoas brancas e magras, cartaz continha o perfil pessoas negras e asiáticas. Foquei nas imagens desses dois grupos quando perguntei as diferenças, pois as outras pessoas não apresentavam diferenças significativas que pudessem identificar sua etnia, por exemplo.



Foto 6: Cartaz organizado pelos alunos com os recortes de pessoas.

Perguntei aos alunos o que tinha no cartaz, responderam: Pessoas. Perguntei a eles o que elas tinham de parecido e diferente. Responderam cor do cabelo para as coisas parecidas e roupas e sapatos para o que era diferente. Apontei para a imagem de um garoto com traços asiáticos, cabelos pretos, lisos, olhos puxados e óculos. Perguntei o que ele tinha de diferente de uma mulher loira e branca. Falaram que ele usava óculos e tinha olhos puxados. Perguntei: “Quem tem o olho puxadinho assim?” Eles responderam “Japonês!” Confirmei e mencionei que era uma característica dos asiáticos, citando os chineses e coreanos. Depois disso perguntei a diferença entre o japonês e a criança negra do cartaz. Responderam “Ele é preto” e “É pretinho”. Falei que ele tinha a cor da pele escura e que era negro. Perguntei “Porque no Brasil tem tanta gente diferente?” As crianças logo participaram espontaneamente verbalizando seus conhecimentos, experiências e tentaram associar com algo conhecido por eles, como “Deus fez gente de todos os tipos”. Algumas ficaram caladas, mas uma boa parte das crianças disse que “Alguns tem nomes iguais, mas são diferentes”. Confirmei e me lembrei que isso foi dito pela professora em um dia que fiz observação, quando ela estava falando sobre nomes. É interessante perceber essa associação que os alunos fizeram com a outra aula.

Expliquei a eles que no Brasil as pessoas eram diferentes, pois vinham de lugares diferentes. No passado muitos vieram para o Brasil, conhecer o país, construir famílias e trabalhar, e graças a isso, hoje temos gente de várias descendências, explicando que as famílias de muito tempo atrás eram de outros lugares.

Comecei então a falar sobre o Brasil no passado, quando foi descoberto. Comentei que quando descobriram o Brasil já tinham algumas pessoas aqui, perguntei a eles quem eram, e uma aluna respondeu: “os índios!”. Falei que estava certa e que junto com os descobridores do Brasil eles trouxeram algumas outras pessoas da África para trabalhar para eles na construção das cidades. Foi a forma que encontrei para falar dos escravos, não senti que deveria aprofundar muito sobre escravos e a escravidão, por serem muito novos e estarem um pouco dispersos.

Percebi que não estavam muito acostumados com aulas expositivas ou momento em que devem ouvir a professor por um tempo mais prolongado, pois no dia-a-dia ficavam fazendo mais atividades práticas como desenho ou escrita. Entendo que crianças mais novas, principalmente, devem colocar a “mão na massa” à ficar tendo aulas expositivas. No entanto, achei importante passar para eles alguns conhecimentos sobre a origem das pessoas negras no Brasil, para dar continuidade às outras atividades da oficina.

Então mostrei a eles o globo terrestre, a atenção voltou e todos queriam tocar e ver de perto o globo, foi uma algazarra. Pedi para todos sentarem e que ia deixar cada um tocar no globo, mostrar também onde era o Brasil e a África. Perguntei a eles como eles passaram por todo esse mar para chegar ao Brasil. Eles responderam “De avião!” Perguntei se eles achavam que existia avião nessa época, lembrei a eles, que foi há muito tempo atrás, não existia computador, telefone, televisão. Aí então alguns falaram, “Então não sei”. Falei que foram de navio. Junto com o globo também havia um cartaz que preparei onde o continente africano estava ao centro e em volta algumas figuras relacionadas à África e suas influências no Brasil. Por exemplo os animais eram o elefante, a zebra, o leão e a girafa. No cartaz também havia a figura de uma mulher negra e de pessoas lutando capoeira. Perguntei se conheciam a capoeira. Poucos conheciam, expliquei que primeiramente ela foi criada pelos africanos que vieram para o Brasil como uma luta, para se defenderem, e que hoje é um esporte conhecido no Brasil e no mundo. Comentei que eu mesma pratiquei o esporte quando criança. Perguntei se já haviam comido feijoada, muitos falaram que sim, disse então que também havia sido inventada pelos africanos na época em que estavam ajudando a construir o Brasil. Nesse momento os alunos estavam muito dispersos e temi que a atividade seguinte da oficina ficasse prejudicada, então passei adiante. Pedi que prestassem atenção e com o apoio da professora eles foram colocados sentados em roda e se acalmaram.

Sentei junto a eles e comecei a contar a história As tranças de Bintou, mostrando simultaneamente as figuras do livro para aumentar o interesse e a atenção deles. Algumas palavras da história eram desconhecidas para os alunos, então eu parava para explicar, além de perguntar a eles o que achavam de determinadas situações e acontecimentos da história, como o ritual onde raspavam a cabeça do irmão e o apresentaram para todos da aldeia. Alguns momentos eu lia diretamente do livro e outros improvisava, baseado no que estava escrito, para não ficar cansativo e fazê-los ficar mais atentos a história, dando entonações diferenciadas e fazendo perguntas para eles. Foi um momento muito interessante, pois a maioria dos alunos mostrou-se bastante interessada, questionando diversos momentos da história, comentando alguns aspectos e surpreendendo-se com outros, ou seja, os alunos estavam realmente prestando atenção, e curiosos em relação a alguns aspectos da cultura africana, ao perguntarem o porque do ritual e que tipo de comida eles comiam.

A atividade seguinte foi uma encenação da história que seria filmada por mim, por isso pedi aos pais autorização para uso de imagem, não foram todos que assinaram, por isso tive que dividir essa atividade. Os alunos sem autorização deveriam desenhar a parte que mais gostaram da história e os com autorização fariam a cena. Entretanto, como a sala estava muito

dispersa foi muito difícil acompanhar os grupos de encenação. Alguns grupos dispersaram e preferiram fazer o desenho à encenação. Ao final apenas um grupo ficou com encenação e o restante com o desenho.

Após entregar as folhas de desenho para os alunos, fui conversar com os alunos que fariam a dramatização. Separei em grupos de 5, para que não ficasse desorganizado, e pessoas sem personagens. Falei para sentarem juntos e que ia falar com cada grupo, mas as crianças saíam de seus grupos, iam brincar ou entrar em outros grupos. Foram três grupos determinados inicialmente, conversei com cada um falando que deveriam pegar uma cena e fazer um teatro dela. Enquanto ia no outro grupo dar as instruções, o grupo que já havia dado instruções já estava brincando ou correndo pela sala. Perguntei se já tinham escolhido os seus personagens, mas falavam que não e alguns falavam que preferiam desenhar. Acabou que ao final apenas um grupo vingou.

Nesse grupo notei que as alunas estavam bem empolgadas em fazer a encenação, vinham contar para mim o personagem de cada uma, foi muito interessante. Uma parecia ser a líder do grupo, pois agia como a ‘diretora’, falando o que cada um devia fazer, os momentos que iriam mostrar, e as meninas que ficavam em dúvida em relação a qual personagem seriam, ela determinava. Falei para decidirem direitinho o que fariam e me contassem.

Ao final da aula deixamos o único grupo apresentar. Ao começarem as alunas pareciam perdidas, apesar de terem determinado seus personagens, as meninas estavam com vergonha de fazer na frente da turma, e acabaram esquecendo suas falas, ou falando muito baixo. O que fez com que as outras crianças perdessem o interesse, pois não era possível escutar ou entender o que estava acontecendo. Eu tentei intermediar, contando o que estava acontecendo a partir do que entendia e o que sabia que tinham me contado anteriormente, porém não foi a atividade proveitosa que eu havia imaginado.

Na prática percebi como o que é organizado ou planejado nem sempre dá o resultado esperado, tendo assim que improvisar e adequar as atividades.

A professora ao fim da aula veio comentar comigo que a turma era difícil mesmo e que não respeitavam ninguém. Comentei que eram crianças e que é normal, eu esperava que dificuldades poderiam aparecer. Ela disse que deveria tratá-las como elas me tratavam, ou seja, “gritar com eles”, “levantar a voz”, para que me obedecessem. Comentei que não consigo fazer isso, apesar de achar que alguns momentos preciso realmente ser mais firme. Ela me disse que isso só aprendemos na prática, que a universidade não nos ensina. Disse que antes, na época da escola normal, os professores eram melhor preparados e tinham muito mais prática. Durante a realização de estágios, ouvi comentários de que a universidade forma

professores que não tem ideia de como conduzir uma aula. Eu entendo e concordo que há pouca prática no curso, mas a teoria é de extrema importância para tentar mudar a prática, pois se não há um estudo e compreensão do processo de ensino aprendizagem, como também compreensão da necessidade de mudança do sistema vigente, as professoras e professores irão apenas reproduzir o que foi visto em seu processo escolar. E é o que acontece muito quando observamos e até mesmo quando pensamos em atividades para desenvolver, tendemos a relembrar como foi feito com a gente naquela época. É importante que o curso de Pedagogia propicie aos alunos mais atividades práticas, exija mais estágios supervisionados, porém a teoria também é importante e deve ser mais aprofundada.

Oficina II

Terça-feira, 11 de junho. Neste dia dois novos alunos do 2º período entraram na escola, uma menina e um menino. Ela foi encaminhada para a *Turma Amarela* e ele para a *Turma Laranja*. Os dois me chamaram atenção pois estavam relacionados à pesquisa, ao tema diversidade. A aluna tem descendência asiática, olhos puxados, cabelo preto e liso e veio de uma escola de São Paulo. O aluno é negro e veio de uma escola em Santa Maria. Na *Turma Amarela* a aluna se integrou facilmente aos colegas. Todas as meninas deram atenção a ela, perguntaram de onde ela vinha, fizeram comentários sobre sua mochila e roupas. Não pude fazer observações sobre o outro aluno e as reações da turma, pois ele foi encaminhado à outra sala.

Nesse dia, houve ensaio da quadrilha das 8h00 às 9h00. O ensaio foi um dos poucos momentos no qual pude observar todas as turmas juntas e as relações entre os alunos. Notei que na quadrilha da *Turma Laranja*, que recebeu o novo aluno, negro, este tinha como par uma aluna negra também. Não sei como foram organizados os pares e se essa aluna antes da chegada do novo colega estava sem par, mas achei curioso que as duas únicas crianças negras da sala estavam dançando juntas. Não sei se isso foi escolha da professora ou dos próprios alunos. Sei que isto não necessariamente significa exclusão ou preconceito, mas me fez pensar o que teria levado esses dois pequenos a serem um casal da quadrilha da *Turma Laranja*.

Após o ensaio e o lanche, às 10:00, demos início à segunda oficina. Os alunos estavam muito animados para ver o filme *Kiriku e a Feiticeira*. Pegaram os colchonetes e organizaram-se para assistir. Depois de uma certa confusão e disputa por lugar, acabaram se acomodando.

Antes de dar início ao filme, informei aos alunos que a história se passava na África, o país que havíamos estudado no dia anterior, onde moravam os leões, a zebra, o elefante e os africanos que na época que o Brasil foi descoberto, há muito tempo atrás, vieram em navios para trabalhar no Brasil. O filme tem duração de 1h e 10 minutos.

Enquanto o filme passava, observei o comportamento dos alunos (Foto 7). No início todos estavam prestando atenção e alguns se surpreenderam com algumas diferenças vistas naquelas pessoas da tribo de Kiriku. Eram negras, usavam panos que cobriam apenas a parte inferior do corpo, deixando o tronco à mostra. Alguns comentários dos alunos: “Ele é pretinho e pequeno!” “Elas tão peladas!” “Olha o peito dela!”. A maioria demonstrou grande interesse pelo filme, repetindo a pergunta “O que vai acontecer com ele agora, tia?”,

preocupados. Eu pedia que esperassem, que aguardassem. Eles pareciam estar ansiosos. Depois de 50 minutos de filme notei que cerca de 6 alunos estavam dispersos ou dormindo. Aos que estavam atrapalhando, pedi para que prestassem atenção. Eles atendiam, mas voltavam a ficar dispersos em seguida.



Foto 7: Alunos da Turma Amarela assistindo ao filme Kiriku e a feiticeira.

Na foto 7 é perceptível o interesse das crianças pelo filme. Apesar de alguns alunos se dispersarem a maioria continuou atenta ao filme e à história, acompanhando os acontecimentos e sendo capazes de responder perguntas feitas de vez em quando durante a exibição. Em um determinado momento do filme, quando Kiriku encontra o avô e este explica ao neto a realidade sobre a feiticeira, o filme travou. Foi necessário avançar um pouco a cena. Aproveitei para fazer algumas perguntas com o objetivo de verificar o entendimento da história. Notei que a maioria estava acompanhando e compreendendo a história. Para não prejudicar o entendimento do filme, contei aos alunos a cena do momento em que o filme travou.

Ao término da exibição do filme, comecei a coletar os depoimentos dos alunos. Os depoimentos foram gravados individualmente. As perguntas refletiam sobre o que foi dado nas duas oficinas. Perguntei do que mais gostaram, perguntei sobre as diferenças e o porquê delas, perguntei também como eles achavam que deveriam se relacionar com as pessoas sejam elas brancas, negras, chinesas, gordas, magras, entre outros.

Algumas crianças ficaram inibidas ao responder as perguntas, preocupadas com a câmara. O depoimento de cada criança durou em média 6 minutos. Algumas ficaram a maior

parte do tempo em silêncio. Outras foram participativas. Algumas mudavam de assunto. Foi possível gravar o depoimento de 14 crianças.

Capítulo 4

Análise dos Resultados

4.1 Análises da dramatização e dos desenhos

A primeira forma de avaliação do entendimento da história foi realizado com perguntas, oralmente, após contar a história. Posteriormente foi solicitado que fizessem desenhos e para aqueles cujos pais autorizaram a filmagem, foi feita uma dramatização. A segunda forma de avaliação foi o depoimento, também filmado.

Apenas um grupo de alunos fez a dramatizando, e infelizmente não trouxe muitos resultados, pois não foi feita em sua totalidade ou como esperava-se. Os alunos se dispersaram muito, fugindo do objetivo de montar uma cena escolhida por eles. O grupo escolheu, na realidade, representar a história em seu todo, em vez de escolher apenas uma cena. Porém as crianças ficaram envergonhadas de encenar na frente dos colegas, como também falaram muito baixo. Porque estava no fim da aula, perto da hora dos alunos irem embora, foi mais difícil controlar a sala para que prestassem atenção no grupo. Os alunos desinteressados começaram a conversar, brincar pela sala, sendo necessário terminar atividade.

Em compensação o desenho possibilitou uma análise mais aprofundada, pois a maioria dos alunos o fizeram. Para análise dos desenhos (APÊNDICE B) foi observado o uso das cores na ilustração da aldeia, do ambiente da personagem e da natureza. Outro fator observado foi como pintaram os personagens, quais foram as cores usadas para representar a cor da pele. E por fim, qual parte da história a criança escolheu desenhar ou se o que desenhou tem relação com a história.

A maioria dos desenhos mostram uma percepção do ambiente contado pela historia, pois como a história é retratada em uma aldeia, diferentemente da cidade, a natureza é normalmente o mais representado em narrativas que se passam no campo, no meio rural. Essa percepção da natureza foi representada, principalmente, pela maioria dos alunos, ao desenharem borboletas, animais, árvores e lagos.

Mais da metade retratou a personagem principal com um de seus atributos marcantes, os biotes na cabeça. Não fizeram diferenciação quanto a cor negra da

personagem, embora tenham comentado durante a exibição do filme que ela era negra. Antes da exibição do filme, foram informados que a história se passava em uma aldeia na África. Apenas uma aluna desenhou os personagens com a cor marrom, enquanto os outros usaram cor de rosa claro ou cores variadas como vermelho e roxo.

Poucos relacionaram a personagem principal aos outros personagens da história, como a irmã, avó, mãe ou prima. Apenas três apresentaram essa relação, principalmente, mostrando a diferença entre as crianças com biotes e os adultos com tranças, que é o tema principal da história: crianças não devem usar tranças pois não devem se levar pela vaidade, e sim se preocupar mais com as questões referentes à infância, como brincar, fazer amigos e aprender.

Os alunos em sua maioria não desenharam momentos específicos da história. Apenas dois desenharam o momento em que ela encontrou os dois amigos se afogando. E uma outra aluna representou o final da história, quando Bintou já estava com seus biotes enfeitados pela avó. As outras crianças se preocuparam mais em representar a natureza e a personagem principal, ou seja, a maior percepção das crianças são de aspectos isolados da história. Foi observado que elas não conseguiram gravar na memória conexões ou as relações entre os personagens e os fatos da história. Escolher um momento da história também não foi possível para a maioria, mas alguns conseguiram apresentar as relações e representar um fato da história.

4.2 Análise da conversa com os alunos

Como uma das atividades e forma de avaliação da oficina foi feita uma conversa informal com os alunos, individualmente, com algumas perguntas referentes aos conteúdos abordados nas duas oficinas.

Foi transcrita uma conversa (APÊNDICE C) com um aluno apenas como ilustração. As perguntas feitas durante a conversa geralmente eram as mesmas, só mudavam quando o aluno trazia algo de diferente, mas foram poucos os casos onde isso aconteceu.

A primeira pergunta foi relacionada ao que eles mais gostaram na oficina. A maioria dos alunos respondeu que gostou do filme, muitos citaram cenas ou mencionaram os personagens. Ou seja, a experiência foi bem recebida pelas crianças, o que demonstra que o uso do filme na sala de aula desperta o interesse dos alunos.

A aluna Ana Luísa, em vários momentos da conversa, respondia lembrando cenas do filme, mesmo quando a pergunta era sobre outra coisa. Falava das cenas que mais lhe interessaram. “Gostei mais do Kiriku... da parte que ele cresceu. O vovô falou que ele não ia crescer e depois ele cresceu... Quando ele era bebê ele se afogou na água e depois viveu... ele tava embaixo da feiticeira”.

Outros alunos comentaram sobre a primeira oficina, gostaram de conhecer um pouco sobre a África. A aluna Ana Luisa respondendo a pergunta sobre as pessoas da África no Brasil, respondeu “Elas vieram para o Brasil...para ajudar a construir o Brasil...junto com as pessoas que moravam aqui.” Perguntei a ela quem morava aqui. Ela respondeu “os índios”, demonstrando que compreendeu o que foi passado na primeira oficina quando foram dadas explicações sobre a África, seus animais e as influências africanas no Brasil. Uma outra aluna, chamada Ester, respondeu: “Gostei que você mostrou que antes que a gente morasse no Brasil, os índios viviam aqui e as pessoas da África vieram para cá”. Ela também citou os animais, a feijoada e a capoeira.

Ester, referindo-se ainda à primeira oficina, conta que gostou da parte em que Bintou salvou os meninos. A maioria das crianças gostou desta parte da história. Ela envolve um pouco de suspense e aventura. As crianças gostaram da personagem que nesta cena foi retratada como uma heroína. Após salvar os amigos que estavam afogando no rio, Bintou foi vista como corajosa e foi celebrada por todos. No filme Kiriku, a maioria dos alunos também cita as partes onde ele a partir de seus atos pode ser visto como herói, no momento em que ele traz a água de volta para a fonte e afoga-se, quase morrendo. A outra cena mencionada foi

quando Kiriku tira o espinho das costas da feiticeira para assim livrá-la da dor que a faz tomar atitudes ruins e ter poderes mágicos. Mateus respondeu que o momento da história que mais gostou foi “... a parte que ele afoga”. Enquanto a aluna Thainá respondeu “Eu gostei mais do indinho pequeno...quando ele tira o espinho da outra [a feiticeira]...” Essas duas respostas demonstram a preferência dos alunos por cenas com mais ação e suspense.

Respondendo à pergunta sobre o porquê da personagem principal não poder usar tranças, a aluna Ester respondeu “ela não podia ter tranças porque era criança e não tinha que se preocupar com essas coisas, tem só que brincar, brincar de bonecas e ter amigos”.

A aluna Lana também respondeu a primeira pergunta referindo-se ao conhecimento sobre o Brasil e África. “ Eu gostei da aula de ontem, a gente falou sobre o Brasil, a gente olhou o negócio [o globo].”

As perguntas sobre o filme para os alunos geralmente estavam voltadas a como as pessoas representadas nos filmes eram, da onde eram e quais eram as diferenças entre elas e nós brasileiros. A maioria dos alunos conseguia distinguir as diferenças das roupas, da cor da pele, da moradia e até mesmo, alguns citaram, das músicas e brincadeiras.

Ester comentou que aprendeu com o filme que “existe índio marronzinho que são pequenos e querem ser grandes”. O que é bem interessante, pois é algo que Kiriku diz várias vezes no filme: o seu desejo de ser grande. Ela comentou ainda que “as pessoas da África fazem coisas diferentes da gente, são marronzinhas, comem coisas diferentes, inventam brincadeiras diferentes”. A aluna Lana, sobre o filme: “hoje eu gostei que a gente assistiu o filme, que o menino salvou tudo... os pais de todo mundo, o pai dele e a rainha também”

Ao perguntar aos alunos sobre a África e o que foi falado sobre o país, os alunos lembraram principalmente dos animais mostrados no cartaz. Linguagem visual que contribui reforçando a ideia do uso de filmes em sala de aula. Imagens em movimento, componentes da linguagem visual e auditiva.

Boa parte das crianças comentou sobre a vinda dos africanos para o Brasil na época da colonização. Foi passado para elas de forma simples que os africanos são pessoas que moram na África e que tem costumes diferentes, vestimentas diferentes, línguas diferentes e que grande parte dos africanos são negros. E que eles vieram ao Brasil na época em que foi descoberto para ajudar a construir as vilas e cidades, trabalhando junto com os índios que já estavam no País.

A aluna respondeu, quando perguntei sobre o que aprendeu sobre a África: “Aprendi que pessoas veio da África pra ajudar a construir o Brasil, aí teve a capoeira e a feijoada.”

Notei que as crianças fizeram uma certa confusão. Eles passaram o entendimento de que todos os negros são da África, até mesmo os brasileiros. Durante as conversas procurei esclarecer: “os negros que moram no Brasil hoje, não são da África, são brasileiros.” O João perguntou, enquanto esperava sua vez, “as pessoas negras vieram lá da África ne?” Então respondi, “Sim, há muito tempo atrás quando o Brasil foi descoberto, mas e hoje, as pessoas negras que você conhece, vê na rua e nas escolas, são de onde? Ele respondeu: “São daqui.” Alguns alunos compreenderam que os negros também são brasileiros, mostrando assim o entendimento de que o brasileiro pode ser negro, branco ou ter traços asiáticos.

Outra conversa que contribuiu para o entendimento de brasileiros serem de cores diferentes foi a que tive com a aluna Thainá. Ela é uma das duas alunas negras da sala. Nesse momento, alguns alunos vieram sentar perto esperando serem os próximos. Quando perguntei sobre a Bintou, um menino que estava sentado, comentou “é escurinha assim que nem a Thainá”. A aluna estava de tranças. Comentei que a Thainá tinha a pele escurinha só que diferentemente da Bintou ela tinha tranças e era brasileira. Nessa hora falei que tinha gente com a pele mais escura, pessoas mais branquinhas, pessoas com olho puxado, porque existem gente com várias características. Em seguida perguntei como devemos tratar todas essas pessoas. Eles responderam: “bem”.

Ao ser perguntado aos alunos o porquê de ter pessoas diferentes no Brasil percebi uma certa dificuldade deles em responder. Porém, a maioria falou da vinda dos africanos ao Brasil. A aluna Lana respondeu “...porque as pessoas que vem da África são morenas e as que tão aqui são brancas... tem os índios...” A aluna Yasmim, respondeu “porque Deus tem que enfeitar né?” Essa resposta espontânea não está vinculada ao que foi passado em sala de aula, mostrando um pouco sobre a aluna, sua família e suas crenças. Depreende-se desse fato que ou ela perguntou sobre as diferenças entre as pessoas ou os pais conversaram com ela sobre a questão. Ela possivelmente reproduziu a informação recebida dos pais na conversa. Informei que tinha tanta gente diferente no Brasil, pois pessoas de várias partes do mundo vieram morar aqui, casar, ter filhos e que por isso hoje em dia temos brasileiros de todos os tipos.

E quanto ao tratamento das pessoas “diferentes”, as crianças em sua totalidade responderam que devem tratar bem as pessoas, salvo um aluno que respondeu que tinha que ser amigo de todas as pessoas. A aluna Ester comentou que “Tem que tratar as pessoas do mesmo jeito que os colegas trata a gente”. Essa fala parece ser resultado de algo dito pelos

pais, avós ou mesmo professoras e não está necessariamente vinculada ao respeito e tolerância. Se o tratamento for ruim, devo revidar! Devem ser trabalhados entre as crianças o respeito e a tolerância, independente das diferenças e atitudes.

4.3 Análise das oficinas

A experiência de trabalhar com o filme “Kiriku” foi muito positiva e eficaz ao expor os alunos às culturas africanas, suas lendas e histórias, mesmo tendo sido usada apenas uma manhã para realizar a atividade. Um trabalho dessa natureza desenvolvido ao longo de uma semana ou cerca de 10 dias permitiria maior aprofundamento em vários aspectos das culturas africanas, seus animais, clima e várias outras questões. Com o devido planejamento, essa metodologia de trabalho tem um enorme potencial para trabalhar a diversidade na escola.

A história da livro “As tranças de Bintou” permitiu trabalhar a infância, discutir o modo de vida de crianças e adultos, suas roupas e formas de pentear o cabelo em uma aldeia africana. Passou ensinamentos de que uma criança deve pensar só em ser criança, fazer coisas de criança e deixar as coisas de adultos para os adultos. Ao mesmo tempo mostrou como é importante estar atenta e integrada aos acontecimentos, pois mesmo como criança ela pode contribuir para o bem estar do grupo. Com o apoio do livro foi possível explorar alguns aspectos culturais africanos, como a comida, alguns costumes, como o ritual de apresentar o bebê à aldeia, o que despertou o interesse das crianças.

Após a leitura e explanação da história, a confecção dos desenhos feita por eles foi um instrumento importante para avaliar a percepção das crianças sobre os principais constituintes da história, quais seriam as características da personagem principal, como também o ambiente em que a história se passava.

A aula expositiva usando cartazes e o globo terrestre foi importante para ilustrar melhor os conceitos que estavam sendo discutidos, como a localização dos diferentes continentes, América do Sul (Brasil) e a África, os animais diferentes do segundo continente. Porém, os alunos ficaram dispersos. A utilização de imagens em movimento, um documentário ou filme tratando dos animais por exemplo pode apresentar um resultado mais positivo, prendendo mais a atenção das crianças. Embora, tenha sido observado que estavam mais dispersos, durante a fase de entrevistas, algumas crianças mencionaram os animais, as influências como a feijoada e a capoeira, um indício de que a percepção também variou entre elas mesmo estando submetidas às mesmas condições.

Como grupo, pode-se destacar que compreendeu a mensagem. Os negros vieram da África para o Brasil e influenciaram nossa cultura com danças e comidas típicas. As duas oficinas, uma com o apoio do livro e outra com o uso do filme, contribuíram positivamente para essa compreensão.

Não foram observados comentários dos alunos que depreciassem de alguma forma o que foi visto nos cartazes, no livro e no filme. Pelo contrário, mostraram-se curiosos. Fizeram perguntas sobre as tradições, roupas, comidas. Surgiram comentários do tipo “olha, ela é pretinha!”. Interpretado mais como um surpresa ao ver um livro onde a personagem principal é negra do que sendo negativo, pejorativo. Contribui para isso o fato de que na grande maioria dos livros os personagens principais são brancos.

4.4 Análise dos questionários

Embora a ideia inicial era usar o questionário auxiliando uma conversa informal com as 10 professoras da escola, foi impossível realizar as conversas, pois as professoras estavam muito atarefadas e foi necessário um trabalho de persuasão para que elas aceitassem ficar com uma cópia do questionário para respondê-lo ao longo da semana. Das 10 professoras, 6 responderam o questionário, inclusive a professora regente da sala onde fiz as observações e onde foram realizadas as oficinas, representando um retorno de 60%. Realizar essa tarefa não foi fácil, foi necessário persistência para conseguir de volta os questionários.

Considero um bom retorno e com informações, na maioria das vezes, necessárias para uma análise da percepção das professoras sobre o uso do filme na sala de aula e também sobre a diversidade na sala de aula.

Professora I (Regente da sala onde foi realizada a pesquisa)

Professora do 2º período, crianças de 5 anos, da Educação Infantil. Trabalha na área há 6 anos, sendo que na escola atual trabalha há 5 meses. É natural de Belo Horizonte e teve sua formação no Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM, MG e no Instituto de Ensino Superior do Centro Oeste, DF.

Em função das respostas apresentadas, verificou-se uma preocupação maior dessa professora, em relação às demais, quanto ao uso do filme em sala de aula. Apesar dessa preocupação, o uso do filme tem função lúdica para “estimular criatividade e musicalização”, conforme colocado pela professora. Ela complementa que também é usado para um momento de relaxamento, principalmente, porque “as crianças gostam e interagem”. Não se vê uma prática maior relacionada ao filme com conteúdos curriculares ou conteúdos sociais, culturais. As atividades desempenhadas por essa professora com o filme são normalmente “desenho livre e uma mensagem do filme falada”. O filme, na visão da professora, mais marcante para os alunos foi Pinóquio, ela diz ter sido importante para trabalhar a questão da mentira na sala, por que segundo ela “a classe estava contando muitas mentirinhas”.

Quanto às perguntas relacionadas à diversidade, a professora explicita que não vê discriminações e práticas de preconceito na sala de aula, pois acredita que “na educação infantil raramente vivenciamos esse tipo de situação (referindo-se à aceitação da diversidade humana na sala de aula)”. Fica o questionamento: as escolas públicas, pelo menos as que ela

teve contato, estão acolhendo cada vez menos alunos de variadas classes sociais, raças e etnias? Ou ela não conseguiu observar com profundidade as relações vivenciadas na escola?

Embora fossem solicitados exemplos ou respostas mais detalhadas, as respostas dadas pela professora foram muito curtas e simples, dificultando uma análise mais aprofundada da questão. Ou a professora não compreende o assunto ou não inclui em suas práticas questões voltadas à diversidade. Para a pergunta *Inclui a diversidade nos seus ensinamentos?*, a resposta foi “constantemente incluimos atividades com diversidade”, mas não comentou como organiza esses conteúdos e atividades, não explicitou uma prática, podendo-se inferir que na realidade isto não é feito. O mesmo pode-se inferir da resposta sobre o uso de práticas com reprodução de estereótipos, onde ela responde “Na minha prática não é usado.” Creio que não compreendeu a pergunta neste caso, ou apenas não soube julgar se sua prática reproduz os estereótipos, apesar de que a partir das observações feitas por mim foi observado práticas na escola reprodutoras de papéis de gênero. Nota-se que a professora fica pouco a vontade com o assunto, pois ao conversar com ela, afirma que há preconceito em crianças dessa idade.

Professora II

Professora do 2º período da Educação Infantil, trabalha na área há 14 anos, sendo que nesta escola trabalha há 10 anos. É natural de São Luís, Maranhão, e teve sua formação na Universidade Católica.

Essa professora se mostrou muito aberta para conversar sobre o tema. Ela respondeu ao questionário e depois conversou comigo sobre as questões, disse que é difícil colocar tudo no papel por isso acha importante conversar comigo e me deu liberdade de acrescentar as respostas.

Ela relatou que o filme é importante para trabalhar os valores, a concentração dos alunos, a linguagem oral, artes visuais e cênicas. As atividades desenvolvidas por ela na sala de aula, após a exibição do filme, são dramatização, desenho, pintura e conversa informal. As crianças comentam a história e desenvolvem assim sua oralidade, comentou a professora. Ela relatou que a partir dos comentários feitos pelos alunos após exibição dos filmes, observou que o filme realmente traz efeitos positivos na aprendizagem das crianças. Como filme marcante a professora mencionou “um filme sobre formigas” que falava da bondade e respeito ao próximo.

Mencionou que é muito importante trabalhar as relações entre as crianças e que preza muito o trabalho do respeito entre elas. Comentou que vê sim na educação infantil tratamentos desiguais entre as crianças, disse “elas não são ingênuas e livres de preconceitos”. Afirmou que vê muita diferenciação de tratamento também das professoras e os alunos, muitas têm preconceito. Por exemplo não beijarem e nem deixarem ser beijados por alunos de classe baixa ou negros, relatou a professora.

Ela comentou ainda que é importante desde criança ir trabalhando o respeito. Ela disse que “Todas as crianças são iguais pra mim. Num trato diferente o pretinho, o pobrezinho...” Ela usa palavras com conotações pejorativas, mas nota-se uma maior preocupação em trabalhar essas questões em sala, diferentemente de outras professoras que deixaram em branco algumas perguntas, mostrando de certa forma um despreparo perante o tema.

No momento dessa conversa, uma criança negra, de outra sala, passa machucada carregando um pano com gelo, e vários colegas acompanhando. Diante da cena ela comentou “Isso aí é solidariedade...”

Relato da professora:

“Na minha sala tem dois meninos negros, uma menina mais gordinha e um menino mais afeminado. Em uma situação que presenciei e preferi me abster, deixar as crianças se resolverem e criarem sua própria autonomia, aconteceu o seguinte. Duas crianças, uma falou “Sua galeguinha!” A outra revidou “Você gostaria que eu te chamasse de gorda? Não né, então não me chame assim, é feio!” a outra reconhece o erro “Me desculpa”. A professora relatou essa experiência oralmente.

Em suas repostas escritas, a professora colocou que deve-se chamar a atenção da criança quando presenciar que esta prática ou praticou alguma forma de preconceito, deve conversar com ela, explicando que não é justo tais práticas. Quando conversou comigo, mencionou que não deve interferir sempre, “a gente pode interferir quando vir que a conversa vai tomando um rumo anormal, com violência física ou verbal, como xingamentos. Se não, prefiro deixar os alunos tentarem resolver sozinhos, desenvolvendo sua voz e autonomia para se defender.”

Outra situação que ela vivenciou e apresentou no preenchimento do questionário foi o preconceito racial visto em sala de aula, onde ela usou a literatura como forma de intervir e conversar sobre o assunto. “A criança chamou a outra de negra. Peguei o livro Menina bonita do laço de fita e fiz um trabalho em cima dele.” Ela comentou que em sua sala as crianças tem níveis socioeconômicos similares e por isso não vê muita discriminação

relacionadas a classes, por exemplo, apesar de ver crianças as vezes comentando sobre uma ser gorda, negra ou “galeguinha”.

Quanto à importância de trabalhar na sala de aula as diversidades ela relata que é “Muito importante em qualquer segmento, principalmente na educação que é a base de tudo. Costumo passar filmes, contar histórias, falar das culturas diferentes”. Percebendo assim uma maior preocupação em trabalhar os conhecimentos, valores e costumes de outras culturas. Ressalta em outra questão “Procuro valorizar todas as culturas, sem correr o risco de errar” Algo a comentar sobre isso é pensar na preparação dessa professora e dos diversos professores que estão trabalhando atualmente e os que virão a trabalhar. Estão eles preparados para trabalhar *todas* as culturas dentro da sala de aula? Eu acredito que não. Não com o currículo atual da Pedagogia, tendo como base o currículo da Universidade de Brasília, pois é o que tenho mais contato, como também os diversos autores que apontam e preocupam-se com a despreparação do professor para trabalhar com a diversidade.

Professora III

Professora do Maternal, tem 23 anos de magistério, sendo que 12 anos trabalha na escola atual. É natural de Goiânia, e sua formação se deu na UnB e no UniCeub.

Como é uma turma do maternal a rotina diferencia-se um pouco. Começa na rodinha, seguindo pela janelinha do tempo, calendário, Quantos Somos?, Alongar o corpinho, parque, lanche, escovação, historia do dia, atividade sobre a historia, massinha de modelar, musicas, brincadeiras, jogos, psicomotricidade. Nota-se uma rotina mais voltada para o corpo e a descoberta dele, como as atividades “Alongar o corpinho”, “escovação” e “psicomotricidade.” Por serem crianças mais novas e que estão começando a desenvolver-se motoramente e fisicamente, é importante atividades que desenvolvam um conhecimento maior sobre o próprio corpo.

Quanto ao uso de filmes na sala de aula, ela conta que usa o filme no dia destinado ao vídeo na escola, ou seja, toda semana, na segunda-feira. Mostra a partir daí um uso regular do filme, enquanto algumas professoras da mesma escola não o fazem. Ela organiza-se para este dia escolhendo o tema que deseja trabalhar em sala de aula e aponta seus objetivos, a partir disso escolhe o filme e passa aos seus alunos, fazendo atividades relacionadas aos filmes posteriormente.

Alguns exemplos de filmes e atividades citados pela professora são O filme “Cocoricó - As diferenças”, podendo assim trabalhar as características entre pessoas e

animais. Outro filme é o “Sr. Dentuço” trabalhando a higiene corporal e bucal, como a escovação, que faz parte da rotina dessas crianças do maternal. Cita o filme “Toy Story” que trabalhou os cuidados com os brinquedos, e por fim “Diante do Trono”, que foi o filme que ela relatou ter sido o mais marcante para o alunos, pois “aborda não só a criação, mas que somos diferentes. Também temas e músicas relacionadas à família.”.

Ela observa uma facilidade das crianças, a partir dos filmes, em expressarem seus gostos, desejos em relação ao filme, como espectadores interativos. Outras conteúdos trabalhados pela professora com os filmes foram as cores, a contagem, os elementos da natureza, as plantas, animais, horta, noite e dia, alimentação e conservação, citando ainda alguns DVD’s, Turma da Monica, Palavra Cantada e Parangolé. Sendo a maioria DVD’s educativos para crianças.

Quanto às perguntas relacionadas à diversidade e preconceito na sala de aula, ela relata “vejo que alguns profissionais educacionais não percebem o quanto são preconceituosos e discriminadores quando recebem uma criança seja de creche, seja de instituição particular ou vindas do lar.” Ao descrever uma experiência ela conta que teve uma discussão com uma professora que disse que sua turma não ia para frente pois eram anteriormente de uma instituição escolar pobre. Rebatendo esta professora, ela perguntou à colega, caso estes alunos tivessem condições financeiras elevadas seriam então uma ótima turma? E a professora respondeu que sim, percebendo-se aí um grande preconceito quanto a classe social de seus alunos. Ela continuou conversando com a colega sobre o assunto, chegando a conclusão de que “a turma não tinha recebido muitos estímulos ao aprendizado, mas que ela (a colega professora) seria a peça chave em procurar dar o melhor para aquelas crianças e que elas seriam capazes de futuramente entrarem em uma faculdade independente de sua condição financeira. Foi difícil aquele ano mas as crianças saíram felizes e a colega com uma outra visão.”

Percebe-se duas questões fundamentais. O preconceito existente no corpo docente em relação aos alunos, o que é alarmante, e que deve ser combatido urgentemente, pois isso apenas ira contribuir para que essas práticas sejam perpetuadas. Com esse perfil, não é esse profissional que irá trabalhar com as crianças as diversidades, a tolerância, o respeito e o conhecimento de variadas culturas, etnias, historias, entre outros. Outra questão é ver a posição desta professora, mostrando que em vez de ficar calada e apenas ouvir o que foi dito pela colega, ela decidiu discutir a questão e mostrar a ela que não deve pensar assim, a partir de seus conhecimentos, experiências de vidas e seus valores, fazendo com que essa professora

desse maior valor aos alunos e realmente contribuisse para a sua formação, em vez de simplesmente desacreditar na turma.

Relacionando as diferenças vistas dentro da sala de aula e suas famílias, foi visto pela professora e então posteriormente trabalhado as diferentes famílias, pois a partir do contexto dessas crianças foi vista a necessidade de conhecer e entender sobre as diferentes formações familiares, como pais divorciados, famílias com apenas uma mãe ou um pai. Ela acredita que trabalhar isso e ao deixar as crianças expressarem livremente aspectos de suas vidas em rodas de conversa informal contribui para incluir a diversidade no ensino.

Ao ser perguntada sobre sua prática e se esta reproduz representações estereotipadas, ela não responde diretamente a questão ao dizer “Observo que a cada instante estamos contribuindo para cada um ser capaz de lidar com sucessos e fracassos. E que sou essa mola propulsora que posso mudar essa mentalidade citada acima”. Essa mentalidade citada acima seriam as representações estereotipadas de gêneros, raça-etnias, religiosidades, nacionalidade, por exemplo. Percebe porém a importância de trabalhar as diversidades e o respeito das diferenças pois “somos diferentes, pensamos diferente e agimos diferente.”

Essa professora mostrou-se bastante preocupada em dar aos alunos uma autonomia, pois comenta bastante sobre eles trazerem para a sala de aula um pouco de suas experiências. E também ao trabalhar toda semana com filmes ela acaba trabalhando vários temas, conteúdos relacionados aos filmes, automaticamente, apesar de não expressar em suas respostas as práticas e as atividades feitas pelos alunos, ela conta o que foi discutido e trabalhado em sala. Por serem alunos mais novos é possível que seja um trabalho muito mais oral do que atividades manuais que exigem um maior domínio motor do aluno.

Professora IV

A professora tem 10 anos de experiência, e na escola trabalha há 2 anos. Ela leciona o 1º período. É natural do Rio de Janeiro, tendo feito sua graduação na UnB.

Sua rotina é similar com a rotina do 2º período, compreendendo uma rodinha inicial de músicas, contagem dos alunos, momento da fala livre da criança, atividade pedagógica, desenho livre, parquinho, lanche, higienização, brincadeira e contar histórias.

Apesar de ter a programação de usar o vídeo uma vez na semana, ela conta que o utiliza de 15 em 15 dias. Relatou que “Após assistirmos o filme faço uma interpretação oral sobre o mesmo e depois promovo a discussão sobre o tema abordado. Às vezes solicito que retratem com desenho o que mais gostaram.” Ela defende que o filme é um facilitador na

aprendizagem das crianças por ter movimento, ser colorido, o que contribui para atrair a atenção das crianças. Para ela, o filme que mais marcou as crianças, foi o Bee Movie, com o qual ela trabalhou a questão profissional e a preservação da natureza. Outros filmes que trabalhou em sala foram: Happy feet relacionando-o à preservação da natureza, O guarda-chuva voador, relacionando-o a temática do circo, e desenho animado Loney Tunes, trabalhando com ele a organização dos brinquedos.

A professora ao ser questionada sobre vivência de práticas de preconceitos em sua trajetória escolar ela comentou que já vivenciou e que sua reação foi conversar sobre o assunto. Descreveu a situação “Uma criança ofendia a outra pelo fato de não gostar de pessoas gordas. Trabalhei o respeito as diferenças em sala de aula como leitura de livros que falam sobre diferenças e respeito e promovi a integração entre essas crianças.”

Em sua turma ela relata que entre as crianças, há diferenças religiosas, financeiras e de etnia, mas não as especifica. Ela acredita que inclui as diferenças em seus ensinamentos quando utiliza os personagens da turma da Mônica em sala de aula, que também é o projeto desenvolvido pela escola neste ano e comenta.

O interessante é que pela turma da Mônica algumas questões referentes às diferenças podem ser discutidas quando são aparecem os personagens da Dorinha, que é uma menina cega, do Luca que é um menino que usa cadeira de rodas, o Humberto que é um personagem mudo, o Jeremias que é um personagem negro, O Chico Bento que é do meio rural, o Papa-Capim que é um índio. Em um primeiro momento estranhei essa resposta, mas depois de dada a devida atenção, percebi que trabalhar esses personagens em sala de aula tem sim o potencial de sensibilizar e conscientizar os alunos sobre as diferenças.

Quanto à sua prática em sala de aula e a reprodução de estereótipos ela defende que não o faz e acrescenta “Procuró sempre a desestereotipação desses gêneros.” Apesar de citar apenas gêneros, creio que o que quis realmente dizer são os diversos estereótipos existentes e citados no questionário como não só a de gênero, mas as de raça-etnia, religiosidade, nacionalidade, regionalidade, social, entre outras. Ela defende ainda que é importante abordar com os alunos o conhecimento e o reconhecimento das diferenças “pois só com respeito é que conseguimos formar cidadãos dignos.” O que é uma grande verdade, sendo necessário que todos os professores pensem assim, para buscar em sua prática trazer esse conhecimento e formação de um aluno consciente e respeitoso quanto às diferenças.

Professora V

Professora do 2º período, é uma das professoras mais novas da escola, tendo experiência de 4 meses na área e na escola. É natural de Jataí, Goiás e formada pela UFG. Sua rotina é ao início do dia começar com a rodinha, um trabalho com músicas, o calendário, atividades, lanche, jogos, massinha, parque e brincadeiras livres. Utiliza o filme uma vez por semana, trabalha com ele por meio de discussões e ilustrações, abordando o vocabulário usado no filme, as imagens, os personagens principais, a escrita dos nomes. Ela acredita que o filme contribui na concentração dos alunos. O filme mais marcante para os alunos foi Tarzan, principalmente, por causa dos animais que aparecem no filme “os animais encantam as crianças.” Ao ser perguntada sobre os conteúdos curriculares trabalhados com os filmes, a professora não respondeu.

Quanto ao segundo questionário, as respostas não contribuíram muito para uma análise profunda, pois ela deixou a maior parte das perguntas em branco. Informou que não viveu situações de preconceito na sala de aula na qual trabalha. Isso pode ter ocorrido pelo seu pouco tempo de experiência, explicando assim suas respostas mais superficiais ou nulas, dificultando uma análise maior sobre sua prática em sala de aula.

Professora VI

A Professora não especificou o ano que leciona, tem 17 anos de experiência, sendo que na escola está há 4 meses. Ela é natural de Goiatins, em Tocantins. Fez sua graduação na AEUDF. Pelo relato, conclui que ela trabalha no 1º ano.

Ela informou que usa o filme uma vez por semana. Sua rotina, apesar de não ter especificado o ano, começa com a entrada dos alunos na escola, a rodinha, atividades pedagógicas, lanche, parque, história, massinha, pátio externo e saída.

Em suas aulas com filmes ela tem com os alunos uma conversa informal sobre ele, desenhos livres das partes que mais gostaram e que acharam mais interessantes e reconto da história do filme. Ela percebe que há uma facilidade no aprendizado quando relacionado ao filme, pois “dependendo do tema sempre enriquece com algo interessante e novo.” O mais marcante foi o filme “Os Três porquinhos”, pois no momento em que passou a obra, eles estavam justamente trabalhando os tipos de moradia. Interessante a professora relacionar ao que já estavam trabalhando, percebendo assim o uso do filme para além do entretenimento, e sim como algo a acrescentar.

No questionário da diversidade ela respondeu duas das seis questões. Respondeu na pergunta 3, relacionada ao estudo da diversidade dentro da sala de aula: “É um processo educacional que deve tratar principalmente das atitudes e comportamentos com ênfase nos valores sociais voltados principalmente para a formação de cidadãos conscientes.” E Por fim, quanto à pergunta que trata do valor educativo de trabalhar as diferentes e o respeito destas diferenças na escola: “é um grande desafio, contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.” Suas respostas foram vagas, generalizadas e repetitivas, e por não trazer para o lado pessoal, sem comentar alguma experiência e um exemplo não constitui fonte relevante. Foi observado despreparo da professora em conversar e responder sobre a temática.

Considerações Finais

O cinema tem sido importante na minha formação, não apenas a partir de leituras realizadas ao longo do meu curso de Pedagogia, concentradas ao longo desta pesquisa. Também como experiência de vida tive oportunidades de conhecer filmes que contribuíram fortemente para meu crescimento pessoal. Por isso, acredito mais ainda no cinema como uma linguagem que contribui na formação das pessoas, provocando mudanças nas formas de ver o mundo, ampliando percepções e possibilidades das pessoas imaginarem um mundo diferente.

Acho magnífico mostrar para as crianças como populações da África vivem, como se vestem, como dançam e cantam. Acho maravilhoso quando assistimos um filme iraniano, coreano ou francês e temos a oportunidade de entrar em contato com alguns aspectos da cultura dos países, até mesmo com a língua ao ouvi-la, perceber sua entonação e musicalidade, mesmo sem a entender. A oportunidade de conhecer diversos lugares estejam eles em processo avançado de desenvolvimento ou destruídos, em situações harmônicas ou em guerra, é enriquecedora. A partir do momento que mostram um pouco da sua realidade e da sua história, estão dividindo e oferecendo aos de fora, em visita, ou aos que estejam assistindo, um pouco de sua realidade. É importante que as pessoas conheçam vidas, lugares, culturas além das quais vivem e fazem parte, para expandir seus horizontes, seus conceitos, suas visões de mundo.

O filme proporcionou às crianças da sala amarela novas informações sobre uma cultura inédita, pois ainda não haviam tido contato com esse conteúdo. Resultando em um contato mais rico e bem sucedido, visto que o filme despertou o interesse e a atenção das crianças. A motivação das crianças em conhecer a história do menino Kiriku é perceptível em suas falas. Elas perceberam e compreenderam algumas características culturais da aldeia retratada na animação, pois em suas falas fica marcada a percepção das diferenças em relação à cor da pele, às roupas, às brincadeiras e à moradia. Os alunos não apresentaram falas negativas quanto ao filme ou qualquer aspecto apresentado a eles das culturas africanas e suas influências. Somente expressaram o contentamento em assistir as cenas de aventuras com Kiriku e ao mesmo tempo a preocupação com o personagem e seu bem estar ao longo da narrativa.

Reiterando o que foi dito anteriormente sobre o cinema ensinar o espectador. Ensina a conhecer sobre uma outra religião, diferente da que ele sempre ouviu falar. Ensina a conhecer uma nova forma de se vestir, diferente da que está acostumado a ver nas ruas. Ensina a conhecer uma nova forma de falar, diferente da forma que ele conversa com seu

colega ao lado. Ensina a conhecer as dificuldades de pessoas, que podem ser parecidas e diferentes das que ele convive durante sua vida. Ou seja, o espectador ao entrar em contato com filmes que abordam histórias diferentes da sua, ele automaticamente está vendo outras formas de viver e isso possibilita novas formas de ver o mundo.

Por isso, defendendo a prática do cinema nas escolas, defendendo as artes nos currículos. Não partilho da situação em que o acesso às artes é para poucos ou que estas matérias sejam vistas apenas como recreação ou entretenimento, não sendo levadas realmente à sério como conhecimento. Além disso, nas escolas o ensino das artes visuais ou plásticas está muito mais presente do que o cinema. Porque? O cinema também é uma arte. É importante que o cinema seja reconhecido e já! Merece ser praticado como um importante recurso pedagógico a ser utilizado para além da exibição como entretenimento, e ser visto como um livro que exige um exercício de leitura, uma fonte inesgotável de informação. É um texto e deve ser trabalhado, interpretado, rabiscado, reestruturado para assim poder ser conhecido em toda a grandeza e multiplicidade das suas expressões comunicativas.

Com esse trabalho tive a oportunidade de conhecer melhor as questões das diversidades e a importância de pensar com as crianças desde cedo o tema das diferenças humanas. Durante a graduação tive poucas disciplinas que tratavam de fato essa temática, muitas comentam e perpassam sobre a desigualdade social ao falar sobre as escolas públicas e universidades, porém poucas realmente tinham o foco em tratar com os alunos no currículo as questões raciais, étnicas, sociais e culturais, de forma concreta e contextualizada. Como a graduação é muito aberta, essa falta de contato com esses temas acontece devido as escolhas feitas durante o curso. Logo, tratar esse tema neste estudo foi muito produtivo para o meu crescimento intelectual e pessoal, por ter assim a oportunidade de estudá-lo e agora defendê-lo em uma monografia.

Entender a necessidade de primeiramente lidar com os próprios preconceitos, questioná-los e buscar as formas possíveis para combatê-los, entendendo que a melhor arma para isso é a informação, é algo extremamente importante. Nós educadores podemos desenvolver processos de ensino voltados à desconstrução dos preconceitos através da prática educativa.

Compreende-se que como educadores estamos todos inseridos em grupos sociais que têm suas características, mas devemos entender que existem outros e estes também trazem suas especificidades para serem conhecidas. Tem-se conhecimento que a escola geralmente está presa às suas estruturas e tem em suas práticas escolares, sedimentadas muitas vezes, essa prática se fundamenta em um pensamento que preza apenas o

conhecimento padrão e hegemônico que forma alunos padronizados. O que precisa ser feito é refletir criticamente sobre essa estrutura que exclui as outras formas de vida que constituem os diferentes grupos sociais.

Para considerar as diferenças é necessário valorizar os diálogos que permitem que os alunos usem sua voz e se expressem livremente, procurando estabelecer a melhor convivência entre todos. Deve ser trabalhada a sensibilidade para a diferença, compreendendo e fazendo ser compreendido que o diferente é ao mesmo tempo igual, pois tem direitos e é parte da comunidade. Ou seja, não se trata de reduzir o outro ou torna-lo idêntico ou o mesmo, mas respeitar e entender que ele é um sujeito com uma história e com mesmos direitos, independentemente de sua raça, etnia, gênero, classe social, entre outras. Com base nesse entendimento por parte dos professores, sobretudo considerando a Lei de Diretrizes da Educação Nacional, acredito que a prática nas escolas pode ser cada vez mais livre de preconceitos, discriminações, diferenciação de papéis de gênero, comentários desqualificadores e preconceituosos, que são sutis e passam despercebidos. Isso será possível, também, quando os alunos aprenderem conhecer o outro e o respeitar desde cedo. Estes alunos poderão ser mais preocupados e sensíveis em relação ao preconceito e à discriminação, possibilitando mudanças em suas ações, nas relações em sua volta e no imaginário relacionado às diferenças na sociedade local e abrangente.

A partir da pesquisa também foi possível perceber que os questionários nem sempre trazem as informações com as quais possamos trabalhar de forma mais completa e adequada. Devido às inúmeras atividades das professoras, desinteresse e alegação de falta de tempo, só foi possível conversar com uma delas. Não foi possível estar presente no momento do preenchimento dos questionários. Não foi possível explicar as perguntas. Acredita-se que nesse caso, entrevistas seriam mais eficazes, porém foram inviáveis no contexto desta escola.

Embora nem todas as perguntas tenham sido respondidas, foi possível refletir sobre questões importantes da realidade desta escola que, possivelmente, se repete em outras escolas públicas de educação infantil de Brasília, sobre a maneira como professores adotam filmes para ensinar, considerando a diversidade, na educação infantil. Algumas professoras revelaram-se despreparadas ao responder perguntas sobre as diversidades e os preconceitos existentes em sala de aula e o que fazer em relação a esse problema. Outro ponto importante, relatado por duas professoras, foi o preconceito existente não apenas entre alunos, mas dos profissionais da educação em relação aos alunos. Foram relatados dois casos onde professoras rejeitam certos alunos, ou os depreciam por serem de classe social baixa ou negros. Isso traz uma grande preocupação, pois o que é defendido neste trabalho é o atendimento das

orientações para uma educação infantil de qualidade: “Garantir que todas as instituições de Educação Infantil elaborem, implementem e avaliem suas propostas pedagógicas, considerando as diretrizes curriculares nacionais, bem como as necessidades educacionais especiais e as diversidades culturais” (BRASIL, 2006, p. 20). Conforme análise das referências conceituais deste trabalho, especialmente, de acordo com o que foi defendido por Bento e Junior (2011) quando argumentam e tomam por base leis e decretos que orientam a educação da criança com objetivo de propagar na criança o respeito da sua própria origem, cultura, crenças, como também, as do outro. Procurando preparar a criança para contribuir na construção de uma sociedade livre, compreensiva e tolerante.

É preciso trabalhar com os alunos o respeito às diferenças desde novos, mas se o próprio educador tem preconceitos, torna-se quase impossível que esse trabalho seja feito de forma verdadeira e significativa provendo frutos positivos. Para isso é importantíssimo que os cursos de graduação comecem a introduzir e reconstruir esses valores com os futuros educadores, para que não se perpetuem práticas preconceituosas e processos de discriminação e exclusão dentro da sala de aula.

Outro ponto observado foi que poucas professoras da escola trabalhavam com filme, com exceção das professoras do turno vespertino, que se mostraram adeptas e usuárias frequentes. Por mais que muitas vezes seja visto somente como uma forma lúdica, não é justo falar que elas não o usam. Pude constatar que uma professora desse período que não usava o filme, pois disse a mim diretamente que não tinha o que responder no questionário, usava filmes raramente e não saberia responder e nem dar exemplos.

Quanto às reações das professoras em situações de preconceito e discriminação, a maioria assumiu ter presenciado um episódio dizendo que houve intervenção e conversas sobre o assunto, contrariando o meu pensamento prévio, pois acreditava que as professoras eram passivas e não interviam, deixando despercebida a prática discriminatória. Por outro lado, pela falta de respostas das professoras ou simplesmente a negação, perante a pergunta se há preconceito, podendo evidenciar que essas professoras não percebem as práticas discriminatórias ou então “fingem que não veem” esse fato acontecer. Reitera-se a necessidade de um trabalho voltado para a desconstrução de preconceitos e reconstrução de valores éticos, por meio do conhecimento da diversidade étnico-social, racial, de gênero, regional, e outras. A informação é um passo para desconstruir a raiz desse problema das atitudes discriminatórias tão prejudiciais às sociedades de ontem, de hoje e de amanhã. Por isso deve-se batalhar para garantir que a sociedade de amanhã se constitua por sujeitos que valorizam e respeitam o outro.

Enquanto a pesquisa e sua importância para o meio na qual ela se deu, acredito que nós, alunos, quando visitamos às escolas, proporcionamos aos seus professores reflexões e avaliações de suas práticas. A conversa que tive com a diretora reafirmou essa minha crença, pois além de mostrar-se muito interessada pela pesquisa e a temática, comentou que as professoras precisam sempre de incentivos e novos pontos de vista, para que coloquem suas concepções e suas práticas em questionamento. Incentivou que eu conversasse com as professoras e que uma pessoa de fora pode acrescentar significativamente à escola e seus profissionais. Quando os estudantes vão a campo eles aprendem muito, mas contribuem e ensinam, igualmente, aos professores que estão nas escolas há anos. Graças às novas ideias, a motivação e as visões positivas que estes futuros educadores têm sobre a educação. Eu, por exemplo, acredito que um educador comprometido com a educação e com uma postura consciente dentro da sala de aula pode contribuir na transformação dos sujeitos e das antigas práticas reprodutoras do sistema educacional. Alguns professores que trabalham há anos e deparam-se com diversos desafios, desvalorização do profissional, salários baixos, e outras questões, muitas vezes ficam desmotivados com sua profissão, esquecendo da importância que o educador tem na formação e transformação dos futuros cidadãos. Os universitários podem reacender a vontade inicial de “mudar o mundo” desses educadores!

Concluo meus dizeres com um pensamento que compartilho com Carbonell, precisamos de escolas

Que os ajude a transitar com autonomia por essa realidade, sem deixar-se enganar por ela, a contribuir para embelezá-la e dignificá-la, e a sonhar com outro futuro no qual, a partir da igualdade de fato e de direito, cresçam e se projetem as diversidades. Nesse sentido, ensinar adquire novos significados para relacionar-se com as novas tecnologias da comunicação, para ler e entender melhor a realidade e para assimilar, ao mesmo tempo, a rica tradição cultural herdada e muitas outras expressões culturais emergentes e mutáveis que, diga-se de passagem, continuam em boa medida ausentes da cultura oficial escolar (CARBONELL, 2002,p. 16).

Estamos em um momento crítico em que a população brasileira começa a reivindicar por seus direitos. Não longe disso é necessário que todos os atores envolvidos com a educação comecem a pensar sobre a escola e o seu dever. Chega-se em um momento que é preciso ser repensado o sentido da escola, visando que esta possibilite aos sujeitos uma aprendizagem sólida que lhes permita lidar criticamente com as mudanças aceleradas dessa sociedade de informação e conhecimento, e que inclua em seus ensinamentos e sua cultura escolar todas as outras culturas, inclua o outro, para que este tenha voz, seja reconhecido e

possa participar ativamente dessa cultura e dessa sociedade, que deve ser aberta para assim incluir a todos.

Referências Bibliográficas e Fílmicas

- ABRAMOWICZ, A; SILVEIRA, D.B; JOVINO,I.S; SIMIÃO, L.F. Imagens de crianças e infâncias: a criança na iconografia brasileira no século XIX e início do XX. *Perspectiva*, Florianópolis, v.29, n. 1, jan./jun. 2011
- ALMEIDA, M J. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 2001.
- BENTO, M.A. S. (Org.) *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de trabalho e desigualdade – CEERT, 2011.
- BENTO, M.A.S; JUNIOR, H.S.(Org.) *Práticas pedagógicas para a igualdade racial na educação infantil*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de trabalho e desigualdade – CEERT, 2011.
- BRASIL. MEC. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC, 1998.
- BRUZZO, Cristina. *Filme “Ensinante”*: o interesse pelo cinema educativo no Brasil. *ProPosições*, v.15, n. 1 (43). Unicamp, 2004.Disponível em:<<http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/43-artigos-bruzzoc.pdf> > Acesso em mai. 2013
- CARBONELL, J. A aventura de inovar: a mudança na escola. In. *A inovação educativa*. P. 16-40. Por Alegre: Artmed, 2002.
- CARVALHO, R.E. Diversidade como Paradigma de ação Pedagógica na educação infantil e seres iniciais. *INCLUSÃO- Revista da Educação Especial*, out.2005 Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>> acesso em: mai. 2013
- COUTINHO.L.M. Cinema e educação: um espaço em aberto. *Salto para o Futuro*. Brasília, Ano XIX, No.4, mai.2009.
- CRUZ, A. C. J. ; RODRIGUES, T. C. ; TEBET, G. G. As Concepções de raça e Educação das Relações Étnicorraciais nas Orientações Curriculares para a Educação Infantil no Brasil. In: *II Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias*, Rio de Janeiro. II Seminário GRUPESCI, 2010.
- DEMO, P. Pesquisa: princípio científico e educativo. 2ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.
- DUARTE, R. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FANTIN,M. Alfabetização mediática na escola. Campinas, *VII Seminário Mídia, Educação e Leitura do 16º COLE*, jul. 2007. Disponível em < http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem05pdf/sm05ss15_06.pdf> Acesso em 09 mai.2013
- GIL, A.C. Métodos e técnicas da pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, N.L. O impacto do diferente: reflexões sobre a escola e a diversidade cultural. *Revista Educação em Foco*, Belo Horizonte, ano 4, no. 04, p. 21-27, dez. 2000.

KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. Seminário Internacional OMEP. Infância e Educação Infantil: Reflexões para o início do século. Brasil, Jul. 2000. Disponível em
<<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=41&path%5B%5D=43>> Acesso em 29 abr.2013

LEITE, M.J.S. Imagens e representações dos negros nos livros didáticos e no cinema brasileiros. *Revista Ameríndia*, Fortaleza/CE, Vol.8, No.1, mai. 2010.

LIMA, H. P. Personagens Negros: Um breve Perfil na Literatura Infanto-Juvenil. In. Superando o Racismo na escola. KABENGELE, Munanga (Org.) *Alfabetização e diversidade*. Brasília: MEC/SEC, 2005.

LIMA, T.O. Sei que existe, mas não quero ver: o preconceito com crianças negras na educação infantil. *Revista Eletrônica Itinerarius reflectionis*, Jatai/GO, Vol. 1. No. 10, 2011

MORAN, J.M. O vídeo na sala de aula. *Comunicação e Educação*, São Paulo, pp. 27-25. Jan/abr.1995

MORETTIN, E. V. Cinema Educativo: uma abordagem histórica. *Comunicação e Educação*, São Paulo, set./dez., p. 13-19, 1995

MORUZZI, A.B. Da infância higienizada às possibilidades de construção e afirmação das diferenças: mapeamento da infância e gênero nas produções acadêmicas de 2000 a 2010. In: . II SEMINARIO DO GRUPECI - Grupos de Pesquisa sobre crianças e infâncias, 2010, Rio de Janeiro. . II SEMINARIO DO GRUPECI - Grupos de Pesquisa sobre crianças e infância. rio de janeiro: universidade federal do rio de janeiro, 2010. v. 1. p. 1.

MOTA, C.C.F; MACHADO, D.L;LIMA,E.S. *Currículo e diversidades culturais na educação infantil*. VI encontro UFPI, 2010. Disponível em:
<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.8/GT_08_05_2010.pdf> Acesso em: 17 mai. 2013

MOTA, C.S. Oficinas de texto em cinema, 2009. Disponível em
<http://oficinadetextoscinema.wordpress.com/2009/12/02/homens-de-honra/> Acesso em 15 de jun. 2013

NAPOLITANO, M. *Como Usar o Cinema na Sala de Aula*. São Paulo, 2009.

NETTO, S.P. *Telas que ensinam: mídia e aprendizagem do cinema ao computador*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2ª ed., 2001.

NOMA,A.K. A pesquisa Histórica em Educação com Fontes Audiovisuais.in. SCHELBAUER, A. R; LOMABARDI, J. C; MACHADO, M.C.G, (Org.), *Educação em Debate*. Campinas, SP: Autores associados, 2006

- PEREIRA, A.C.S; WILLIAMS, L.C.A. Crianças Invisíveis: Um filme sobre a violência em suas múltiplas formas. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 27, n. 56, p. 89-91, jan./mar. 2009
- REYES, C.R; MONTEIRO, H.M. *Um olhar crítico-reflexivo diante da realidade educacional*. São Carlos: EdUFSCar, 2010,p.10-29.
- SCHELBAUER,A.R;LOMABARDI, J.C; MACHADO,M.C.G,(Org.) *Educação em debate: perspectivas, abordagens e historiografia*. Campinas/ SP: Autores Associados, 2006
- SILVA, R. P. *Cinema e educação* . São Paulo : Cortez, 2007
- SOUZA, Y.C. *Espelho meu: as crianças e a questão étnico-racial*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: < <http://www.acordacultura.org.br/artigo-02-08-2011>>. Acesso em: 04 jun. 2013 às 21:30.
- TEIXEIRA, I.A.C; LOPES, J.S.M.(Org.). *A diversidade cultural vai ao cinema*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2006.
- VAZ, S. 50 anos de filmes. Disponível em <50anosdefilmes.com.br/1996/shirley-valentine> Acesso em 15 jun. 2013

Filmografia

- A missão*. Direção: Roland Joffé, Reino unido/ Estados Unidos, Flashstar, 1986. (136 min), color.
- Adivinhe quem vem para jantar*. Direção: Stanley Kramer. Estados Unidos, Columbia Pictures, 1967,(94 min), color.
- Amistad*. Direção: Steven Spielberg. Estados Unidos, Paramount Home Video, 1997. (155 min), color.
- Brincando nos campos do senhor*. Direção: Hector Babenco. Estados Unidos/ Brasil, Europa Filmes, 1991. (189 min), color.
- Crianças Invisíveis*. Produção: Maria Grazia Cucinotta, Chiara Tilesi e Stefano Veneruso. França/Itália/Estados Unidos. Paris Filmes, 2005. (116 min), color.
- Filadélfia*. Direção: Jonathan Demme, Estados Unidos, Sony Pictures, 1993 (125 min), color.
- Homens de Honra*. Direção: George Tillman Jr. Estados Unidos, Fox Films, 2001. (128 min), color.
- Kiriku e a Feiticeira*. Direção: Michel Ocelot. França/ Bélgica,Imovision, 1998. (74 min), color.
- Shirley Valentine*. Direção: Peter Howitt. Estados Unidos/ Reino Unido, Paramount Pictures, 1989. (108 min), color.

Apêndice

Apêndice A – Roteiro das Oficinas

ROTEIRO DA OFICINA I

Segunda-feira – 10/06

7:30- Início da aula

7:45- 1ª atividade

8:15- Colar as figuras no cartaz

8:20- Explicação sobre as pessoas diferentes

8:30- África e várias etnias no Brasil- Visualização pelo globo

8:50- 2ª atividade

9:15- Lanche

9:30- Parquinho

10:00- Volta a sala

10:10- 3ª atividade

11:10- Fim da atividade

Objetivos da Oficina:

- Trabalhar com as crianças a noção da diversidade.
- Passar aos alunos algumas informações sobre a África levando os interesses dos alunos dessa idade em consideração, focando assim nos animais do continente.
- O destaque da oficina se dá nas diferenças humanas na interação com a literatura, primeiramente nesta oficina.
- Mostrar algumas características da cultura africana e sua influência no Brasil.

1ª atividade:

Recorte de revistas de variadas pessoas. Após o recorte colar em um cartaz. Pedir para as crianças falarem sobre as coisas parecidas e diferentes de cada pessoa. Deverá conter no cartaz a foto de uma pessoa negra, uma pessoa japonesa, indiana e americana. Falar sobre as diferenças e o respeito a elas.

2ª atividade:

Contar para as crianças um conto africano. Permitindo comentários das crianças e perguntas.

3ª atividade:

Dramatização do conto pelas crianças. Dividir as crianças em 4 grupos. Dividi-las em diretor e atores, mediar na construção do “roteiro”. Dar 30 minutos para ensaiarem. Filmar os grupos.

ROTEIRO DE OFICINA II

Terça-feira – 11/06

7:30- Início da aula

7:45- 4º atividade

9:15- Lanche

9:30- Parquinho

10:00- 5º atividade

10:50- Fim da atividade

Objetivos:

- Reforçar o que foi aprendido na oficina I com o filme Kiriku.
- Mostrar algumas características da África, mostrando alguns costumes como suas roupas, alimentos, danças e brincadeiras.
- Utilizar o filme como um apoio à oficina, para ajudar os alunos a compreender as diferenças existentes no mundo, conhecendo um pouco mais sobre o povo africano e sua cultura.

4ª atividade:

Filme Kiriku e a feiticeira

5ª atividade:

Depoimento das crianças, uma por uma na sala da diretora. Será mais uma conversa com os alunos, perguntando a eles algumas questões referentes ao que foi aprendido e visto em sala. Dando ênfase em alguns aspectos: a diversidade, a África e o povo africano, a história As tranças de Bintou e o filme Kiriku e a Feiticeira e o respeito entre as pessoas.

Apêndice B- Análise dos Desenhos sobre a História “As tranças de Bintou”

A primeira forma de avaliação do entendimento da história foi tanto algumas perguntas orais após contar a história, como também um desenho e dramatização. Os alunos escolheram entre desenhos e dramatizações, sendo que as dramatizações seriam filmadas, logo, seriam apenas os alunos que obtive autorização dos responsáveis para fazer o depoimento filmado, que foi a segunda forma de avaliação.

Como avaliação do desenho algumas questões norteadoras são o uso das cores, pois as imagens da livro são bem coloridas, com paisagens típicas de aldeias e um ambiente que foge da cidade, noção da vida da aldeia da personagem. Outro fator importante para verificar se os alunos fazem diferenciação ao pintar os personagens da historia em relação a cor de pele. E por fim, qual parte da história a criança escolheu desenhar, se há alguma relação com a história.

Desenho 1

Aluno: Thaian

Minha visão:

O aluno não utilizou várias cores no desenho, mas explorou algumas outras características da história. Identificou bem a personagem principal com os quatro biotes/coques na cabeça. Desenhou borboletas junto a menina. E a situação que representou no desenho foi a dos dois meninos se afogando no rio. Interessante pois a maioria das crianças gostou dessa parte, talvez por uma cena que tenha maior ação. As cores usadas para desenhar a Bintou foi o azul. E para os meninos verde e marrom. Percebe-se aí que não há uma diferenciação das cores dos meninos relacionadas a historia original, pois todos tinham a mesma cor de pele nas ilustrações da historia.

Desenho 2

Aluno: Yan

Minha visão:

O aluno desenhou uma casa com chaminé, porta, janela e teia de aranha. Desenhou uma árvore ao lado da casa com frutas laranjas, ou talvez, algum animal, como coruja. O sol amarelo e quadrado acima da árvore com um rosto feliz. Muito interessante o

formato do sol, pois geralmente desenhavam o sol redondo. E uma pessoa chegando a casa, mas não é possível identificar se há uma cabeça ou não. Porém não vejo muita relação com a história lida em classe.

Desenho 3

Aluna: Flaviana

Minha visão:

A aluna utilizou várias cores em seu desenho, lembrando bastante a história colorida. Desenhou uma espécie de casa que pode ser vista como cabanas, por ter um telhado diferente dos vistos normalmente em desenhos de crianças quando representam uma casa. Não tem janelas, apenas uma porta. Desenhou também uma árvore, o sol, uma nuvem e borboletas. As borboletas reapareceram nesse desenho. As duas pessoas do desenho estão bem identificadas, a Bintou com os quatro birotos na cabeça e a pessoa mais velha, podendo ser a irmã de Bintou ou a amiga brasileira, pois esta usando tranças. Percebe-se que essa aluna teve uma percepção maior ao representar os personagens e o ambiente. Há um desenho preto perto da árvore que não consegui identificar.

As cores usadas para desenhar as personagens foi o roxo, novamente não há uma diferenciação quanto a cor da pele vista nas histórias.

Desenho 4

Aluna: Melanie

Minha visão:

A aluna também explorou bastante as cores no desenho. Deu uma força maior ao sol no desenho. Desenhou quatro personagens, percebe-se aí que ela pinta três das personagens na cor marrom para pele, e uma em rosa, que é normalmente chamado de cor de pele (uma prática que deve ser questionada). A menor das personagens é a Bintou com seus birotos, mas percebe-se aí que os birotos de Bintou estão enfeitados como ficam ao final da história. Levando a entender que a aluna quis representar em seu desenho a parte final onde a personagem está contente com seu cabelo. As outras personagens do lado dela pode ser a irmã ou mãe da personagem com as tranças. Enquanto as outras duas personagens podem ser a prima da cidade e a amiga brasileira. Interpretei que a brasileira pode ser interpretada como a que está pintada de cor rosa e a prima da cidade também está pintada com a cor marrom, e tem cabelos maiores, mas não está de trança. Mas isso mostra que no imaginário dessa criança apenas africanos são negros e brasileiros são brancos, mesmo que eu tenha explicado na aula

que “os brasileiros podem ser negros, brancos, com características parecidas com asiáticos”, como eu disse na sala. A aluna também desenhou uma árvore e um pássaro, fazendo uma relação com alguns aspectos da história referentes ao meio em que ela se passa.

Desenho 5

Aluna: Manoela

Minha visão:

Esse desenho aparenta ter duas crianças com coques no cabelo, são do mesmo tamanho, mas não há muita diferenciação no cabelo quanto a coque e tranças, sendo os dois parecendo coques, birotos como diz a história. Porém a noção relativa de tamanhos parece estar ainda em desenvolvimento no desenho quando se compara o tamanho das pessoas do desenho com a árvore e a flor que são praticamente do mesmo tamanho. A aluna também desenha uma borboleta, nuvens e o sol. As cores usadas para desenhar as duas pessoas do desenho é o rosa.

Desenho 6

Aluno: Luan

Minha visão:

O aluno desenhou quatro pessoas mas não há diferenciação entre três dessas e uma delas tem cabelo maior. Podendo ser interpretado que são 3 homens e 1 mulher. Como o aluno ao entregar para mim falou que ia dar para a mãe acredito que possa ter relação com a família dele. Contudo, a cada retratada lembra as cabanas de aldeias, pois é marrom, tem o teto diferente. Junto a cabana tem uma outra pessoa sentada. O aluno também desenha uma árvore, borboletas, nuvens e o sol.

Desenho 7

Aluna: Lana

Minha visão:

A aluna desenhou apenas uma pessoa, creio ser a Bintou, com um coque na cabeça. O desenho não apresenta muitos objetos, cenário e personagens da história. Além da menina, tem o sol e uma flor.

Desenho 8

Aluno: Lucas Samir

Minha visão:

Primeiramente ao ver o desenho achei que era o momento da história onde a personagem principal avista dois amigos se afogando por causa da cor azul que automaticamente já me remete à água. Porém, ao observar melhor percebi que na realidade o que está pintado de azul é na realidade a terra. Pois a árvore também está neste azul, como também a menina. E na realidade não tem mais desenhos de pessoas, apenas algo não identificável azul, que primeiramente julguei ser o barco dos meninos afogando. Mas acho que apenas é a personagem andando pela natureza com os 4 coques na cabeça. O aluno também desenhou o sol e nuvens. O aluno usou o lápis rosa claro para pintar a personagem.

Desenho 9

Aluna: Ana Clara

Minha visão:

A aluna desenhou dois personagens, uma claramente é a personagem principal pelos coques desenhados na cabeça, porém a outra não foi possível identificar com os cabelos e o vestido. Fator interessante são os desenhos nos vestidos que lembram os desenhos do vestido de Bintou. A aluna desenhou também uma árvore, nuvens e o sol. A aluna não pintou a pele das pessoas no desenho.

Desenho 10

Aluno: Diego

Minha visão:

Identifiquei nessa cena a parte da história onde Bintou avisa os dois amigos afogando no rio. Apesar do desenho não conter duas pessoas desenhadas realmente no lago, tem dois desenhos juntos ao azul considerado o lago. E a personagem do outro lado, não está na parte azul. Mas o desenho parece inacabado, podendo parecer com o outro desenho em que a terra é azul.

Desenho 11

Aluna: Maria Eduarda

A aluna não faz nenhum desenho que indique o cenário da história ou qualquer desenho. Ela desenha três pessoas, de tamanhos diferentes. A primeira é a maior, não há muito para identificá-la. A segunda é a com tamanho mediano, pintada de vermelho e roxo, o cabelo usado nessa, não remete a um personagem da história. E última, é a o menor, com

cabelo vermelho, mais colorido, pintado de roxo, verde e vermelho. Não foi vista nesse desenho alguma relação com a história contada para eles.

Desenho 12

Aluno: João Vitor

Minha visão:

O desenho como outros indica uma pessoa, uma árvore e uma casa que pode ser vista como cabana, por ter o formato diferenciado das casas geralmente desenhadas pelos alunos. O aluno desenhou também o sol, nuvem e um pássaro ou borboleta. O pessoa desenhada está pintada com a cor laranja, e contornada com o marrom, enquanto que a cabeça está pintada de amarelo. O cabelo não faz necessariamente alusão aos biotes da personagem principal.

Desenho 13

Aluno: Não identificado

Minha visão:

O(A) aluno(a) não escreve ainda o seu nome, pois não foi possível identificar o nome. A criança desenhou duas pessoas em seu desenho e uma árvore. Uma é possível identificar como a personagem principal com os biotes na cabeça, a outra não foi possível.

Apêndice C- Transcrição de uma conversa informal com o aluno João Victor.

Legenda:

E – Eu

A- Aluno

E-E ai, João, tudo bom? O que você mais gostou da minha aula de ontem e da de hoje?

A- de hoje!

E- Gostou mais da de hoje ? Mas me fala do que gostou nas duas!

A- Gostei que você tava falando da África.... de recortar uma pessoa..

E- Para colar no cartaz, né? O que a gente viu no cartaz?

A- As pessoas negras, as pessoas japonesas...

E- A gente viu que tem pessoas de todo o tipo. Porque tem tanta gente diferente?

A- Porque tem que ser diferente, tem pessoa negra, tem japonês.

E- É tem gente assim aqui, porque algumas vieram pro Brasil quando ele foi descoberto, né?

Vieram pra ajudar a construir o Brasil, trabalhar, junto com os índios que estavam aqui...

A- O índio, ele ainda tá aqui?

E- Tá, ainda tem índio sim, você nunca viu um índio? Nem na televisão?

A- Não(balança a cabeça indicando que não).

E- Tem alguns índios que vão para as escolas, sabia? Se tivesse um índio na sua turma, você ia tratar ele como?

A- Bem.

E- Você ia falar o que com ele?

A- Ia falar... tudo bem.

E- Ia querer saber como ele vive? Como é a família dele? Onde ele mora?

A- Aham.

E- Tem que conhecer a pessoa, né? Não pode falar mal dela sem nem conhecer não é verdade? Falar ah, aquela pessoa é um índio, então não gosto dela. Não pode ser assim, tem que conhecer para saber se a pessoa é legal.

A- É!

E- O que a gente viu na historinha da Bintou?

A- Ela queria fazer trança, mas ela era muito pequena, ficou só os cachinhos. A prima dela disse quando crescer, ela vai ter trança.

E- Porque a avó dela falou que não pode ter trança?

A- Porque ela tinha o cabelo pequeno.

E- Mas porque ela falou que não podia se preocupar com tranças, porque criança tinha que fazer o que?

A- Estudar.

E- Brincar, estudar e ter amigos, né?

A- É!

E- E na historia do Kiriku? O que a gente aprendeu?

A-Kiriku? ... A gente viu pessoas negras.

E- La da África, né? Deu pra ver como algumas pessoas vivem, nas aldeias...

A- O bebe é negro...

E- É todos lá na aldeiam eram negros. Essas pessoas vivem igual a gente?

A- Elas moram lá na África e vive.... Elas tem casas, igual no filme.

E- As aldeias!

A- É, eles que fez ne? Que construiu , tentou construir aquela casa igual aquela do filme?

E- Sim, foram eles mesmos que construíram suas casas, as aldeias. Que outras coisas eles têm de diferente?.... As roupas, são diferentes, não usam a mesma roupa que a gente, né? E a língua, que elas falam também é diferente, apesar de estar em português o filme..

A- É que nem quando os outros falam inglês, fala diferente, é outra língua.

E- Isso mesmo....E os nomes são diferentes também ne?

A- Qual o nome do bebê?

E- Kiriku.

A- Pode ser apelido kiriku e Kiko.

E- É... então, me conta o que mais gostou de aprender?

A- Contar a história da África!

E- Gostei de ver!

Apêndice D- Questionários

Cargo atual:_____ Tempo de
experiência:_____
Tempo na escola atual:_____ Ano que leciona:_____
Naturalidade:_____ Instituição que fez
graduação:_____

Tema: O filme na sala de aula

1. Qual a sua rotina de sala de aula? Enumere as atividades na sequencia.
2. A escola Jardim de Infância da 106 norte tem um dia específico para o vídeo, você concorda com isso? () sim () não Justifique:
3. Com que frequência você utiliza o filme como recurso didático?
4. Como são suas aulas quando utiliza o filme?
5. Faz atividades relacionadas ao filme? Exemplifique mais de uma prática feita em sala por você.
6. Observa alguma facilitação no aprendizado dos alunos após o filme?
7. Qual filme foi mais marcante para os alunos? Por quê?
8. Trabalhou algum conteúdo curricular relacionado a filmes? Cite os conteúdos/conceitos/aprendizados e os filmes utilizados.

Cargo atual: _____ Tempo de
experiência: _____
Tempo na escola atual: _____ Ano que leciona: _____
Naturalidade: _____ Cursou: Magistério() Graduação () Pós Graduação
()
Instituição da graduação: _____

Tema: Diversidade na sala de aula

1. A escola tem projetos, práticas ou rotinas inclusivas para crianças com possibilidades especiais? Poderia relacioná-las?
Exemplo - pessoas com: autismo, síndromes, dificuldades psicomotoras, deficiências sensoriais de visão ou audição.
2. Em sua sala de aula estudam alunos com características desses grupos? Quais?
3. Como você e sua classe os recebe e se relacionam com eles ? Relacione atividades desenvolvidas com essa finalidade.
4. Em sua trajetória escolar você vivenciou situações em que ocorreram práticas de preconceito e discriminação? Qual foi sua reação?
5. E durante sua experiência como professora, presenciou algum tipo de expressão de preconceito na escola? Descreva o fato e como você lidou com a situação.
6. Como se caracteriza a diversidade humana e cultural em sua sala de aula? Quais as diferenças mais visíveis entre os estudantes e suas famílias
7. Você considera e inclui essa diversidade em seus ensinamentos? Comente como organiza conteúdos e atividades: uso de imagens e representações que buscam fortalecer as individualidades dos alunos e conhecer as histórias dos grupos étnico-sociais no Brasil, e das famílias da comunidade em torno da escola.
8. Você percebe se sua prática reproduz representações estereotipadas de gêneros, raça-etnias, religiosidades, nacionalidades e outras? Exemplos: meninas sempre são representadas em rosa e meninos em azul; imagens de cultos de origem negro-africana não aparecem ao lado de imagens de cultos cristãos; negros sempre aparecem em profissões práticas e desprestigiadas economicamente, brancos aparecem sempre como cientistas, dirigentes, em profissões de alto prestígio social.
9. Qual valor educativo tem, na sua opinião, abordar com os alunos o conhecimento e o reconhecimento e respeito das diferenças?

Questionário

Cargo atual: PROFESSORA Tempo de experiência: 10 Anos
Tempo na escola atual: 02 Anos Ano que leciona: 1ª PERÍODO
Naturalidade: RJ Instituição que fez graduação: UnB

17

Tema: O filme na sala de aula

1. Qual a sua rotina de sala de aula? Enumere as atividades na sequência.

Rotinas de músicas, contagem dos alunos, momento para
jogar um da escanva, atividade pedagógica, Dinâmico li-
vre, paquenho, lândre, fugemissões (abito e após lanche),
lincabica, contação de história.

2. A escola Jardim de Infância da 106 norte tem um dia específico para o vídeo, você concorda com isso?

☒ sim () não Justifique:

concordo pois facilita a organização da escola e o plane-
jamento da professora.

3. Com que frequência você utiliza o filme como recurso didático?

Uma vez por mês, em vez de 15 em 15 dias.

4. Como são suas aulas quando utiliza o filme?

Após assistir o filme faço uma interpretação qual se-
ghe o mesmo e depois faço uma discussão sobre
o tema abordado. Em vez de solicitar que reflitam sem
deverho o que meus alunos.

5. Faz atividades relacionadas ao filme? Exemplifique mais de uma prática feita em sala por você.

Desenhar a parte que mais gostei.

6. Observa alguma facilitação no aprendizado dos alunos após o filme?

Sim. O filme tem movimento e colorido acaba
atraindo a atenção dos alunos.

7. Qual filme foi mais marcante para os alunos? Por quê?

Até o momento Bee Movie. Porque aborda a questão peqü-
ena e a preservação da natureza.

8. Trabalhou algum conteúdo curricular relacionado a filmes? Cite os conteúdos/conceitos/aprendizados e os filmes utilizados.

Reflexão → Bee Movie
Preservação da Natureza → Bee Movie / Happy Feet
Curso → Guarda-elavira Voador
Organização dos Bilingües → Dinâmico Animado do DisneyTune

Tema: Diversidade na sala de aula

1. Em sua trajetória escolar você vivenciou situações em que ocorreram práticas de preconceito e discriminação? Qual foi sua reação?

Sim. Discuti sobre o assunto.

2. E durante sua experiência como professora, presenciou algum tipo de expressão de preconceito na escola? Descreva o fato e como você lidou com a situação.

Sim. Uma criança dendia a outra pelo fato de não gostar de penas e gatas. Trabalhava o respeito as diferenças com trabalhos em sala com leitura de livros que falam sobre diferenças e respeito e promovi a integração entre essas crianças.

3. Como se caracteriza a diversidade humana e cultural em sua sala de aula? Quais as diferenças mais visíveis entre os estudantes e suas famílias?

Diferenças religiosas, financeiras e de etnia.

4. Você considera e inclui essa diversidade em seus ensinamentos? Comente como organiza conteúdos e atividades: uso de imagens e representações que buscam fortalecer as individualidades dos alunos e conhecer as histórias dos grupos étnico-sociais no Brasil, e das famílias da comunidade em torno da escola.

Sim. Utilizando as personagens do Tuma da Mônica que é o projeto desenvolvido pela escola este ano.

5. Você percebe se sua prática reproduz representações estereotipadas de gêneros, raça-etnias, religiosidades, nacionalidades e outras? Exemplos: meninas sempre são representadas em rosa e meninos em azul; imagens de cultos de origem negro-africana não aparecem ao lado de imagens de cultos cristãos; negros sempre aparecem em profissões práticas e desprestigiadas economicamente, brancos aparecem sempre como cientistas, dirigentes, em profissões de alto prestígio social.

Não. Busco sempre a desestereotipação de veras gêneros.

6. Qual valor educativo tem, na sua opinião, abordar com os alunos o conhecimento e o reconhecimento e respeito das diferenças?

É de extrema importância pois só com respeito é que conseguimos formar cidadãos dignos.

Questionário

Cargo atual: Prof. Maternal Tempo de experiência: 23 anos de magistério
Tempo na escola atual: 12 anos Ano que leciona: _____
Naturalidade: GOIÂNIA Instituição que fez graduação: UNB / UNICEUB

Tema: O filme na sala de aula

1. Qual a sua rotina de sala de aula? Enumere as atividades na sequência.

Na rotina: prelúdio do tempo; lanchinho; Quantos
semer? Alonga serpente; Paque; lanche; recreação;
história do dia; atividade sobre a história; música
de modelar; Música; brincadeiras; jogos; psicomotricidade.

2. A escola Jardim de Infância da 106 norte tem um dia específico para o vídeo, você concorda com isso?

☒ Sim () Não Justifique:

Meu dia é 2º feira e tendo um dia específico
eu posso me planejar e escolher o filme a ser
3. Com que frequência você utiliza o filme como recurso didático? Trabalhado

4. Como são suas aulas quando utiliza o filme?

Exatidão do tempo, o que quero trabalhar
e com os meus objetivos propostos.

5. Faz atividades relacionadas ao filme? Exemplifique mais de uma prática feita em sala por você.

- Filme do Cocomi "A difusão" - Características

- Filme "Sr. Dentado" Higiene Corporal - Escovação

- Filme: Toy Story. Cuidados com os brinquedos.

- Filme: Diante do Trono. Adoração - Música / Cantam

Sim, por serem pequenas crianças que algumas
coisas são de expor em seu gesto, de
deixar de agir assim como meus espectadores eu
interagir com o filme.

7. Qual filme foi mais marcante para os alunos? Por quê?

DVD - Diante do Trono que aborda não só a
criação mas que somos diferentes. Também
temos e músicas relacionados a família.

8. Trabalhou algum conteúdo curricular relacionado a filmes? Cite os conteúdos/conceitos/aprendizados e os filmes utilizados.

Sim
Temas: cores / cantam / Matemática / Natureza / Plantas /
Armeiros / História / Cantiga de Roda / Brincadeiras /
Conceitos: Dentro / Fora - Em cima / Embaixo.
Meio / Dia / Alimentação / Conservação /
DVDs do Cocomi
DVDs da Turma da Mônica
DVD Disney do Trono.
DVD Palavra Cantada
DVD Parangolé

Questionário

(III)

Cargo atual: 40 horas Tempo de experiência: 14 anos
Tempo na escola atual: 10 anos Ano que leciona: 1996 até 2013 2º Período
Naturalidade: São Paulo - MA Instituição que fez graduação: Faculdade

Tema: O filme na sala de aula

1. Qual a sua rotina de sala de aula? Enumere as atividades na sequência.

Podarba - murais, conversa com os alunos, informações histó-
ria, leitura e pintura da lousa (antes da aula)
maralmente (papel), coordenação antes da aula

2. A escola Jardim de Infância da 106 norte tem um dia específico para o vídeo, você concorda com isso?

☒ Sim () não Justifique:

3. Com que frequência você utiliza o filme como recurso didático?

1 vez por semana

4. Como são suas aulas quando utiliza o filme?

Elas ocorrem e feito comentários e os alunos
de memórias e pintam a lousa.

5. Faz atividades relacionadas ao filme? Exemplifique mais de uma prática feita em sala por você.

- Danças e jogos
- Leitura e pintura
- Conversa informal

6. Observa alguma facilitação no aprendizado dos alunos após o filme?

Sim, pelos comentários que eles fazem.

7. Qual filme foi mais marcante para os alunos? Por quê?

Um filme dos Jumanji. Falava do leonardo
e respeito ao problema.

8. Trabalhou algum conteúdo curricular relacionado a filmes? Cite os conteúdos/conceitos/aprendizados e os filmes utilizados.

Mulheres o filme Para os trabalhos
O filme Conceitos, Jangueira Oral,
Arte Visual e Língua.

Tema: Diversidade na sala de aula

1. Em sua trajetória escolar você vivenciou situações em que ocorreram práticas de preconceito e discriminação? Qual foi sua reação?

Sim, chamei a atenção da criança, explicando a explicando que aquela prática sendo feita.

2. E durante sua experiência como professora, presenciou algum tipo de expressão de preconceito na escola? Descreva o fato e como você lidou com a situação.

A criança chamou a outra de negra. Eu o lixei muito e souz do lixei. Ela putou e fez um trabalho em casa dela.

3. Como se caracteriza a diversidade humana e cultural em sua sala de aula? Quais as diferenças mais visíveis entre os estudantes e suas famílias?

Na minha sala as crianças são bem parecidas na parte sócio-econômica.

4. Você considera e inclui essa diversidade em seus ensinamentos? Comente como organiza conteúdos e atividades: uso de imagens e representações que buscam fortalecer as individualidades dos alunos e conhecer as histórias dos grupos étnico-sociais no Brasil, e das famílias da comunidade em torno da escola.

Muito importante em qualquer momento, principalmente na educação que é a base de tudo. Posso usar imagens, canções, histórias, palavras e culturas diferentes.

5. Você percebe se sua prática reproduz representações estereotipadas de gêneros, raça-ethnias, religiosidades, nacionalidades e outras? Exemplos: meninas sempre são representadas em rosa e meninos em azul; imagens de cultos de origem negro-africana não aparecem ao lado de imagens de cultos cristãos; negros sempre aparecem em profissões práticas e desprestigiadas economicamente, brancos aparecem sempre como cientistas, dirigentes, em profissões de alto prestígio social.

Eu não vejo isso, todos as culturas, pois tem o caso de prior.

6. Qual valor educativo tem, na sua opinião, abordar com os alunos o conhecimento e o reconhecimento e respeito das diferenças?

Um ponto importante para todos falamos e todos entendem e compartilhamos.

A família e escola

Questionário



Cargo atual: PROFESSORA Tempo de experiência: 6 ANOS
Tempo na escola atual: 5 MESES Ano que leciona: 2º PERÍODO (5 ANOS - EDUCAÇÃO INFANTIL)
Naturalidade: BELO HORIZONTE Instituição que fez graduação: UNIPAM (MG) E IES (DF)

Tema: O filme na sala de aula

1. Qual a sua rotina de sala de aula? Enumere as atividades na sequência.

1º ACOIHA - RODINHA - COM RELATOS DAS CRIANÇAS DO COTIDIANO, MUSICALIZAÇÃO E EXPRESSÃO CORPORAL - 2º COYAGEM DE MENINOS E MENINAS - ESCRITA - 3º CONFECÇÃO DO CALENDÁRIO EXPROBANDO (DIA DA SEMANA MÊS, TEMPO) - 4º ATIVIDADES - 5º LANCHE - 6º: VÍDEO BIBLIOTECA - MÚSSICA - JOGO 3 e 4
2. A escola Jardim de Infância da 106 norte tem um dia específico para o vídeo, você concorda com isso? PROJETO MAURÍCIO PESQUISA DA ATIVIDADE

☒ sim () não Justifique:

CADA SALA TEM O SEU DIA ESPECÍFICO. ALÉM DE CONCORDAR É NECESSÁRIO, POIS TEMOS ÁREAS 1 TV E UM DVD.

3. Com que frequência você utiliza o filme como recurso didático?

TODAS AS TERÇAS-FEIRAS - COMO MOMENTO LÚDICO, ONDE ESTIMULAMOS A CRIAÇÃO ARTÍSTICA E MUSICALIZAÇÃO.

4. Como são suas aulas quando utiliza o filme?

O FILME SEMPRE NO FINAL DO HORÁRIO, AS CRIANÇAS GOSTAM E INTERAGEM.

5. Faz atividades relacionadas ao filme? Exemplifique mais de uma prática feita em sala por você.

SIM - DESENHO LIVRE E UMA MENSAGEM DO FILME - PALADA-

6. Observa alguma facilitação no aprendizado dos alunos após o filme?

SIM - GOSTAM DE RELACIONAR O FILME A ACONTECIDOS NA SALA.

7. Qual filme foi mais marcante para os alunos? Por quê?

"PINÓQUIO - A CLASSE ESTAVA "CONTANDO MUITA MENTIRINHAS".

8. Trabalhou algum conteúdo curricular relacionado a filmes? Cite os conteúdos/conceitos/aprendizados e os filmes utilizados.

NÃO. OS FILMES NA MAIORIA DAS VEZES FOI PARA UM MOMENTO LÚDICO.

Tema: Diversidade na sala de aula

1. Em sua trajetória escolar você vivenciou situações em que ocorreram práticas de preconceito e discriminação? Qual foi sua reação?

NÃO. PORQUE É O PRIMEIRO ANO SEM ALUNO PORTADOR DE NECESSIDADES ESPECIAIS.

2. E durante sua experiência como professora, presenciou algum tipo de expressão de preconceito na escola? Descreva o fato e como você lidou com a situação.

NÃO.

3. Como se caracteriza a diversidade humana e cultural em sua sala de aula? Quais as diferenças mais visíveis entre os estudantes e suas famílias?

NA EDUCAÇÃO INFANTIL PRATICAMENTE VIVÊNCIA NOS SITUAÇÕES.

4. Você considera e inclui essa diversidade em seus ensinamentos? Comente como organiza conteúdos e atividades: uso de imagens e representações que buscam fortalecer as individualidades dos alunos e conhecer as histórias dos grupos étnico-sociais no Brasil, e das famílias da comunidade em torno da escola.

CONSTANTEMENTE INCLUIMOS ATIVIDADES COM DIVERSIDADE.

5. Você percebe se sua prática reproduz representações estereotipadas de gêneros, raça-etnias, religiosidades, nacionalidades e outras? Exemplos: meninas sempre são representadas em rosa e meninos em azul; imagens de cultos de origem negro-africana não aparecem ao lado de imagens de cultos cristãos; negros sempre aparecem em profissões práticas e desprestigiadas economicamente, brancos aparecem sempre como cientistas, dirigentes, em profissões de alto prestígio social.

NA MINHA PRÁTICA NÃO É USADO.

6. Qual valor educativo tem, na sua opinião, abordar com os alunos o conhecimento e o reconhecimento e respeito das diferenças?

TODAS POIS SOMOS DIFERENTES UNS DOS OUTROS.

Questionário

11

Cargo atual: Professora Tempo de experiência: 17 anos
Tempo na escola atual: 04 meses Ano que leciona: _____
Naturalidade: GOIATINS - TO Instituição que fez graduação: AREVÓF

Tema: O filme na sala de aula

1. Qual a sua rotina de sala de aula? Enumere as atividades na sequência.

- Entrada Rodinha Atividades Pedagógicas
lanche, parque, história, massinha, patio
externo, saída.

2. A escola Jardim de Infância da 106 norte tem um dia específico para o vídeo, você concorda com isso?

☒ sim () não Justifique:

3. Com que frequência você utiliza o filme como recurso didático?

Uma vez por semana

4. Como são suas aulas quando utiliza o filme?

- Conversa informal sobre o filme
- desenho livre da parte que mais gostou e que
foi mais interessante.

5. Faz atividades relacionadas ao filme? Exemplifique mais de uma prática feita em sala por você.

- Desenho livre
- Recorte da história relacionada ao filme.

6. Observa alguma facilitação no aprendizado dos alunos após o filme?

- Sim
- Dependendo do tema sempre entique com
algo interessante e novo.

7. Qual filme foi mais marcante para os alunos? Por quê?

- Os Três Porquinhos pois naquele momento
estávamos trabalhando os tipos de moradia.

8. Trabalhou algum conteúdo curricular relacionado a filmes? Cite os conteúdos/conceitos/aprendizados e os filmes utilizados.

Tema: Diversidade na sala de aula

1. Em sua trajetória escolar você vivenciou situações em que ocorreram práticas de preconceito e discriminação? Qual foi sua reação?

2. E durante sua experiência como professora, presenciou algum tipo de expressão de preconceito na escola? Descreva o fato e como você lidou com a situação.

3. Como se caracteriza a diversidade humana e cultural em sua sala de aula? Quais as diferenças mais visíveis entre os estudantes e suas famílias?

→ É um processo educacional que deve tratar principalmente das atitudes e comportamentos com ênfase nos valores sociais voltados principalmente para a formação de cidadãos conscientes.

4. Você considera e inclui essa diversidade em seus ensinamentos? Comente como organiza conteúdos e atividades: uso de imagens e representações que buscam fortalecer as individualidades dos alunos e conhecer as histórias dos grupos étnico-sociais no Brasil, e das famílias da comunidade em torno da escola.

5. Você percebe se sua prática reproduz representações estereotipadas de gêneros, raça-etnias, religiosidades, nacionalidades e outras? Exemplos: meninas sempre são representadas em rosa e meninos em azul; imagens de cultos de origem negro-africana não aparecem ao lado de imagens de cultos cristãos; negros sempre aparecem em profissões práticas e desprestigiadas economicamente, brancos aparecem sempre como cientistas, dirigentes, em profissões de alto prestígio social.

6. Qual valor educativo tem, na sua opinião, abordar com os alunos o conhecimento e o reconhecimento e respeito das diferenças?

→ É um grande desafio, contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade.

Tema: Diversidade na sala de aula

1. Em sua trajetória escolar você vivenciou situações em que ocorreram práticas de preconceito e discriminação? Qual foi sua reação?

Sim, vez que alguns profissionais educacionais não percebem o quanto são preconceituosos e discriminam outros quando recebem uma criança fora de creche, seja de instituição particular ou vindas do lar!

2. E durante sua experiência como professora, presenciou algum tipo de expressão de preconceito na escola? Descreva o fato e como você lidou com a situação.

* Certa vez ouvi uma professora dizer que aquela turma que estava com o regente matava P/ltm frente pois era criança vinda de uma festa fora escolar. Logo perguntei se tivesse uma condição financeira elevada seria uma ótima turma? A professora concordou que sim. →

3. Como se caracteriza a diversidade humana e cultural em sua sala de aula? Quais as diferenças mais visíveis entre os estudantes e suas famílias?

Trabalhamos características a constituição de uma família e ao passar do tempo detectamos alguns pontos de serem trabalhados: Pais divorciados, sendo educado por apenas um membro da família.

4. Você considera e inclui essa diversidade em seus ensinamentos? Comente como organiza conteúdos e atividades: uso de imagens e representações que buscam fortalecer as individualidades dos alunos e conhecer as histórias dos grupos étnico-sociais no Brasil, e das famílias da comunidade em torno da escola.

Na realidade que é a hora da novidade deixamos as crianças falarem um pouco das suas experiências em cima do tema dando FAMILIA e de acordo com o que falarem consigo trabalhar os objetivos propostos.

5. Você percebe se sua prática reproduz representações estereotipadas de gêneros, raça-étnias, religiosidades, nacionalidades e outras? Exemplos: meninas sempre são representadas em rosa e meninos em azul; imagens de cultos de origem negro-africana não aparecem ao lado de imagens de cultos cristãos; negros sempre aparecem em profissões práticas e desprestigiadas economicamente, brancos aparecem sempre como cientistas, dirigentes, em profissões de alto prestígio social.

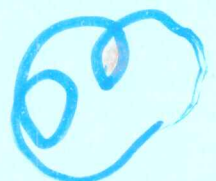
Obrigo que a cada instante estamos com tubulando para um ser capaz de lidar com sucessos e fracassos. É que sou essa mala professora que posso mudar essa mentalidade educativa tem, na sua opinião, abordar com os alunos o conhecimento e o reconhecimento e respeito das diferenças? | Lidade citada acima.

6. Qual valor educativo tem, na sua opinião, abordar com os alunos o conhecimento e o reconhecimento e respeito das diferenças?

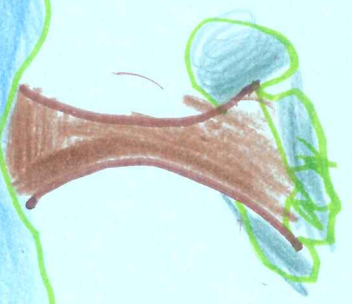
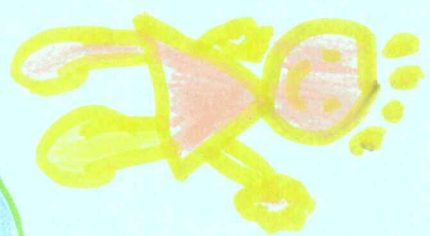
Importantíssimo pois somos diferentes, por sermos diferentes e agirmos diferente.

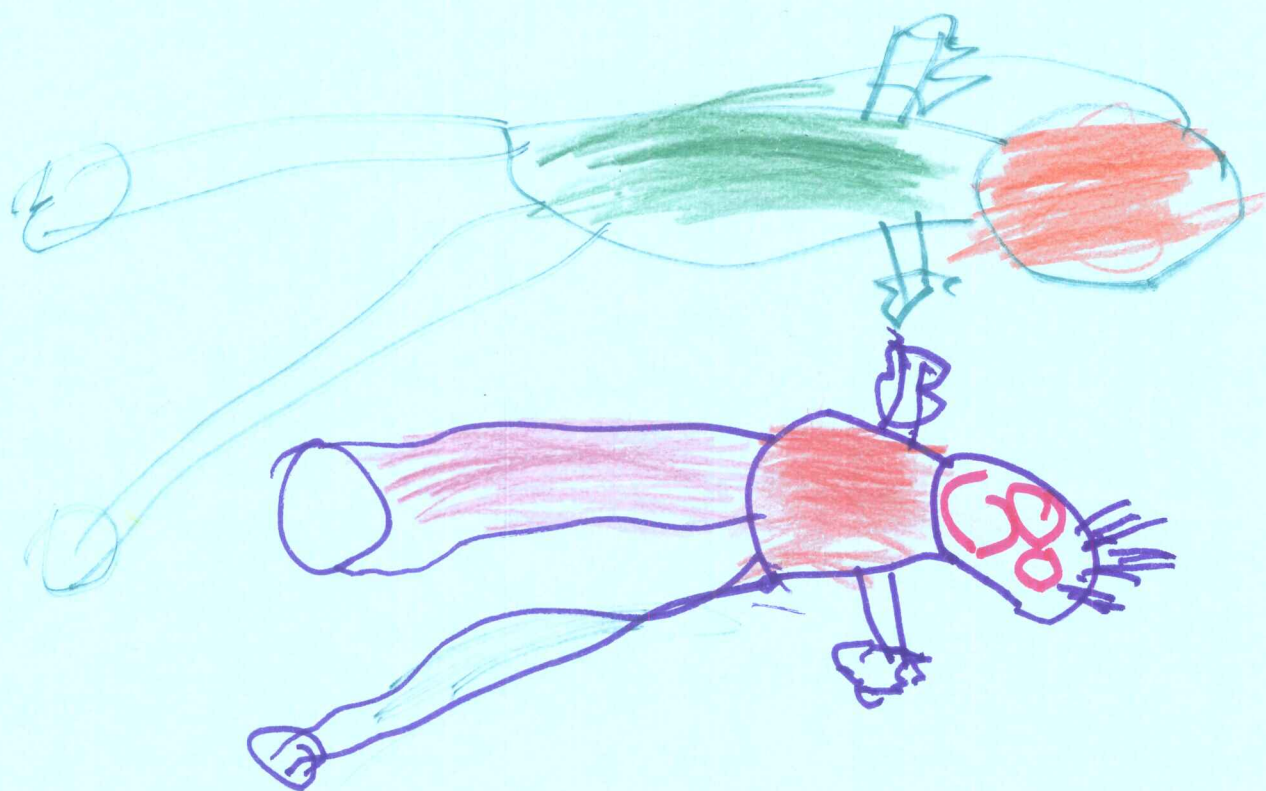
2. Conversamos muito e conseguimos chegar a conclusão de que a turma não tinha recebido muitos estímulos mas que a Professora seria a peça chave em procurar dar o melhor p/ aquelas crianças e que seria capazes de futuramente entrarem em uma faculdade independente de sua condição financeira. Foi difícil aquele ânimo mas as crianças saíram felizes e a professora com uma outra visão.

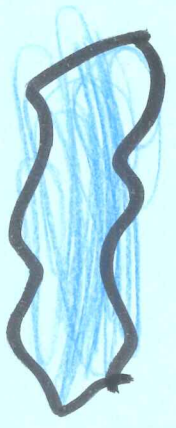
Apêndice E- Desenho das Crianças



LUCAS SAMI





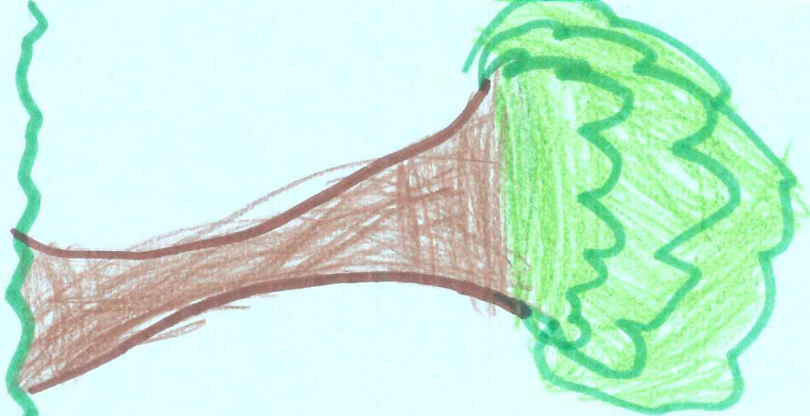
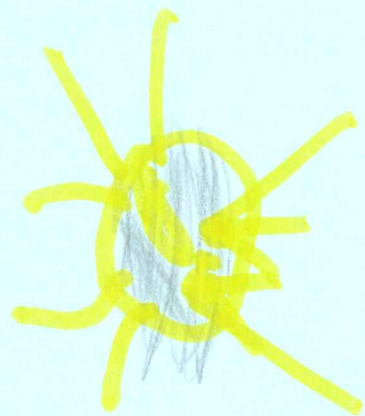


YAY
PO
POK





MELANGE

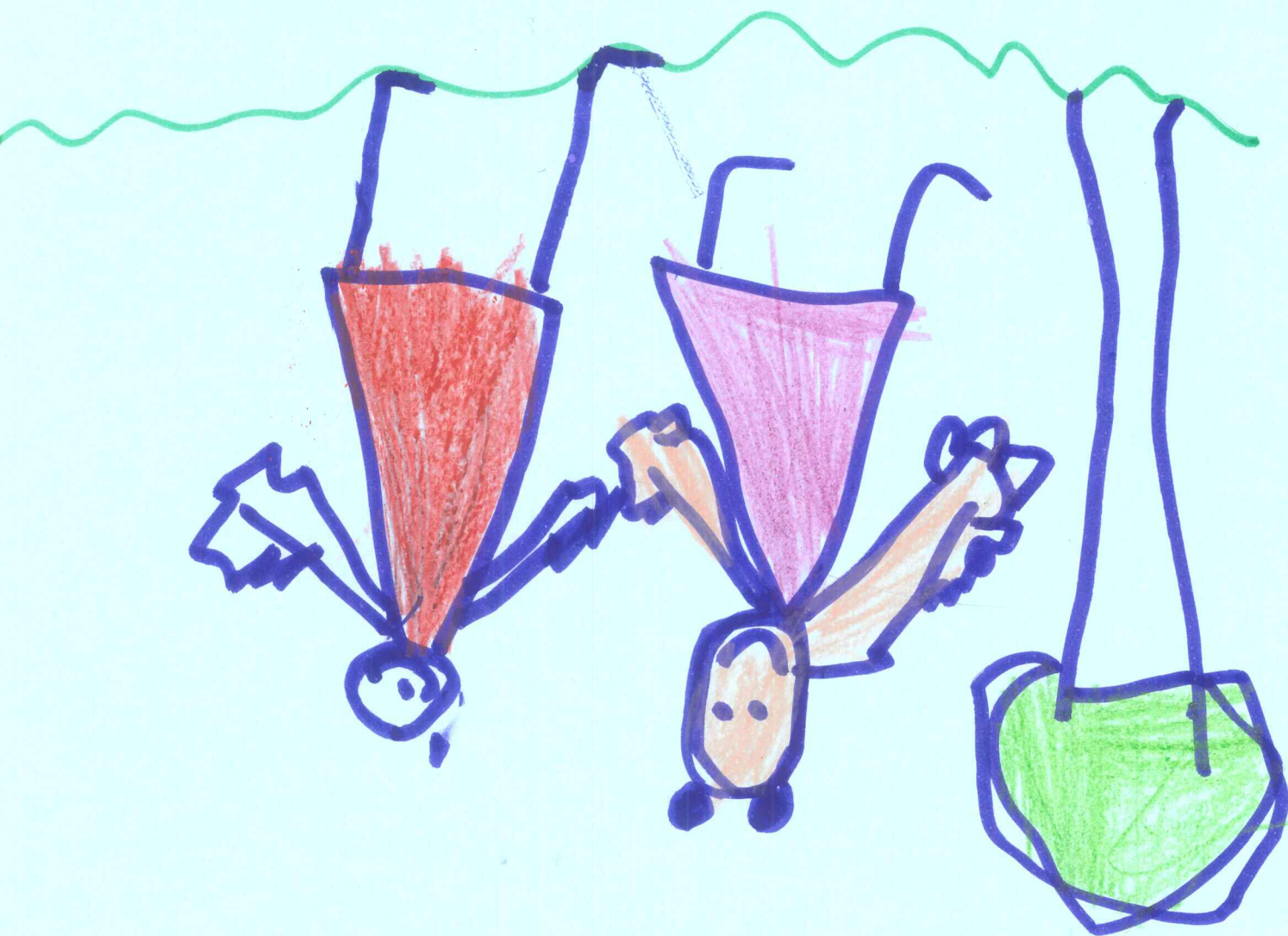


Handwritten text, possibly a signature or name, written vertically.





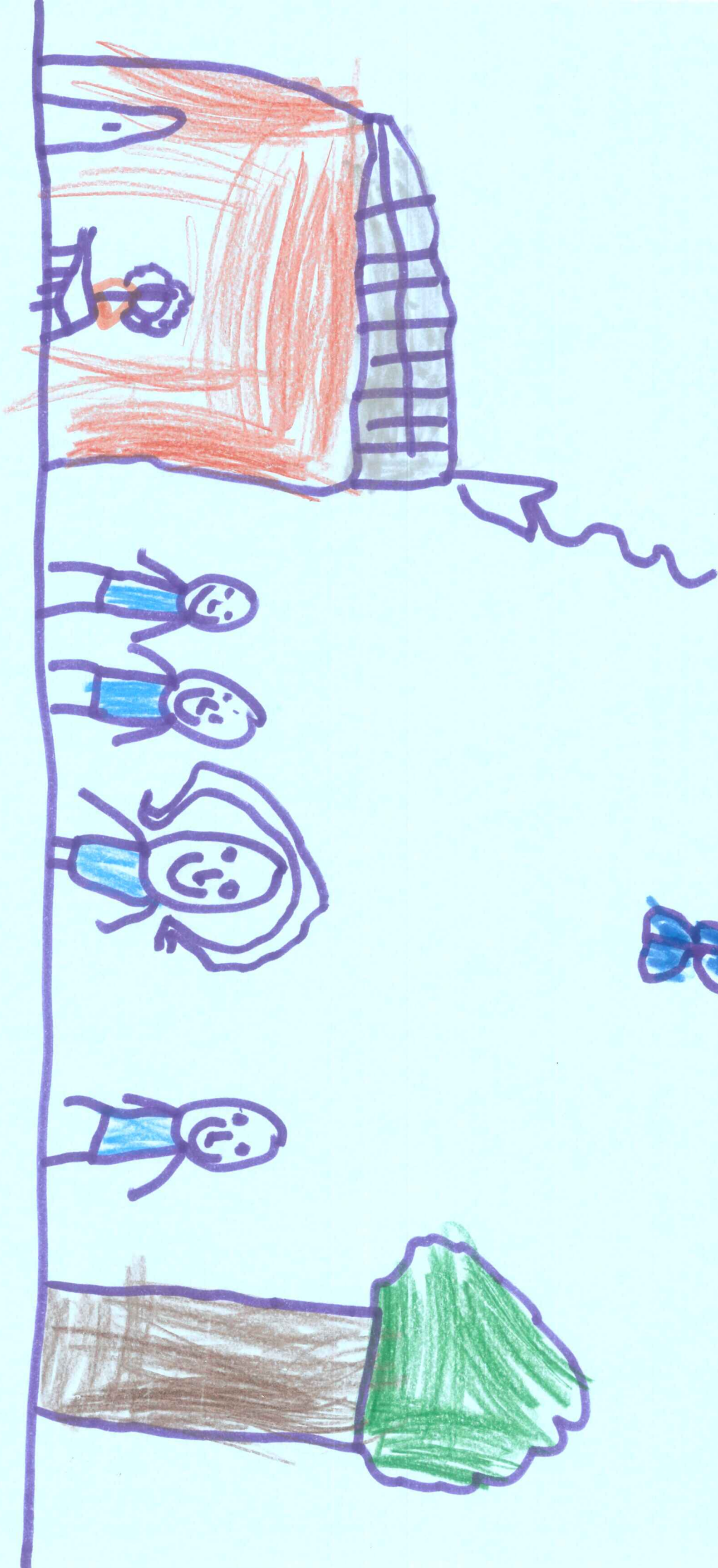
8-27-00





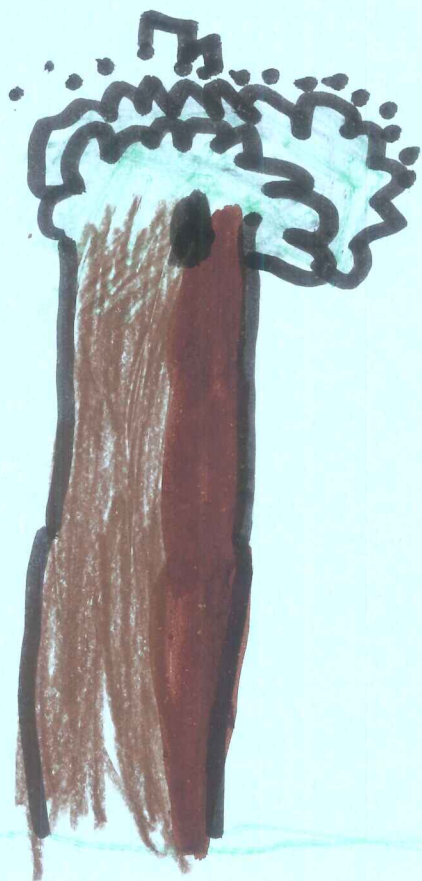
LAVA



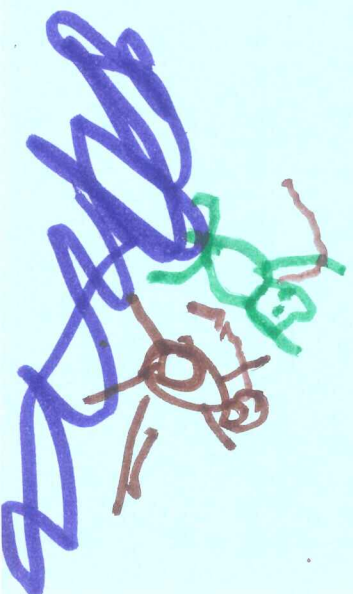


LUANDE





1911年



DIEGO

DD



APÊNDICE F- Autorizações de uso e imagem



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Trabalho Final de Curso

Aos pais e/ou responsáveis

Assunto: Autorização de uso de imagem

Dirijo-me respeitosamente aos pais e/ou responsáveis para solicitar a autorização do uso de imagem (vídeo e foto) de alunos da turma Amarela com a finalidade de contribuir com a realização do trabalho de Pesquisa *Cinema, Diversidade e Educação Infantil*, a ser realizado pela estudante **Ana Carolina Resende Leite (Matrícula: 09/0021142)**, do último período do Curso de Pedagogia da UnB. A atividade será realizada nas dependências da escola Jardim de Infância 106 Norte com a presença da Professora Viviane.

Eu,

autorizo o uso da imagem do(a) aluno(a),

.....,

registradas nas atividades do trabalho de Pesquisa *Cinema, Diversidade e Educação Infantil*, da estudante do curso de Pedagogia da UnB, Ana Carolina Resende Leite.

Pais e/ou Responsável

APÊNDICE G- Roteiro de mapeamento institucional

1 Conhecendo a cultura escolar: A cultura escolar como unidade de análise: síntese dos aspectos normativos e subjetivos

2 Estrutura física da instituição

3 Estrutura organizacional da instituição

3.1 Composição

- organização de turmas e grupos
- equipe escolar: Equipe pedagógica (diretoria, professores, equipes especiais), equipe administrativa e equipe de manutenção e limpeza
- comunidade discente
- integração com a comunidade acadêmica local

3.2 Gestão

3.3 Orientação normativa:

- Projeto Pedagógico,
- Plano de Desenvolvimento Institucional,
- Regimento interno
- Currículo

4 Projetos institucionais *

4.1 Projeto A

4.2 Projeto B

5 Estrutura da sala de aula (caracterização da turma)

5.1 Professora regente

5.2 Crianças

5.3 Organização do tempo e espaço

5.4 Rotina diária

5.5 Objetivos a curto, médio e longo prazo (do currículo)

5.6 Planejamento e avaliação

6 Projetos de sala/turma **

6.1 Projeto de sala A

6.2 Projeto de sala B

7 Práticas pedagógicas em sala de aula

7.1 Aula dirigida (explicação, realização da tarefa, fechamento)

7.2 Trabalhos de grupo (explicação, elaboração, confecção, produção, apresentação e auto-avaliação)

7.3 Trabalhos individuais

7.4 Deveres de casa

APÊNDICE H – Roteiro de Observação

Primeiro momento na escola

1. Os alunos chegam à sala agitados? Com sono? Cansados? Animados ou desanimados?
2. Eles tem um momento livre antes das atividades?
3. O que fazem nesse momento?
4. Como se relacionam?

Primeira atividade do dia.

1. Como são as relações?
2. Quais os conteúdos trabalhados em sala de aula?
3. Como os alunos desenvolvem a atividade?
4. Comentários da professora.

Segunda atividade do dia

1. A atividade é diferente da atividade anterior?
2. O que essa atividade exige dos alunos?
3. Como se dão as relações entre os alunos? Divisão de matérias, conflitos e amizade.

Momentos de recreação

1. Como é o momento de recreação?
2. Há supervisão da professora responsável da sala?
3. A recreação é direcionada?
4. O que a professora acha da recreação?
5. Como os alunos se relacionam nesse momento?
6. Quais são as brincadeiras?
7. Há conflitos?
8. Há exclusão?
9. Há grupos definidos de colegas? Ou os grupos são mais abertos e livres?